



**A Ilha da Madeira pela Mão dos Seus
Poetas - Construção de um Roteiro Literário**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

João Filipe Abreu

MESTRADO EM GESTÃO CULTURAL



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

Setembro | 2012

T/M Uma

351.85

ABA Ilh

71642

A Ilha da Madeira pela Mão dos Seus Poetas - Construção de um Roteiro Literário

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

UNIVERSIDADE DA MADEIRA
SECTOR DE DOCUMENTAÇÃO
E ARQUIVO

João Filipe Abreu

MESTRADO EM GESTÃO CULTURAL

ORIENTAÇÃO
Diana Pimentel



Centro de Competência de Artes e Humanidades

Mestrado em Gestão Cultural – 2010/2012

**A Ilha da Madeira pela mão dos seus poetas –
Construção de um roteiro literário**

Por

João Filipe Ribeiro de Abreu

Dissertação submetida a aprovação para obtenção do grau de Mestre em
Gestão Cultural, sob orientação da Professora Doutora Diana Pimentel

Universidade da Madeira, Setembro de 2012

Agradecimentos

Todo o enorme esforço, dedicação, atenção e paciência que o trabalho requereu, devo-o à orientadora, que se dedicou ao seu papel de forma incondicional. Por isso, o meu obrigado à Professora Doutora Diana Pimentel.

Um especial agradecimento a todos os escritores que compõem o *corpus* deste trabalho. Sem eles, sem o seu trabalho, jamais a Ilha da Madeira seria a mesma.

Não poderia terminar os agradecimentos sem antes deixar uma palavra de apreço e gratidão aos que me proporcionam esta oportunidade: o meu pai, a minha mãe, o meu irmão e a minha avó. Devo-lhes tudo.

Um agradecimento a quem sempre me motivou, que confortou em momentos de descrença e de desânimo, pelas palavras duras mas realistas, sobretudo por caminhar a meu lado. A ti, Laura Gomes, um obrigado do fundo do coração.

Resumo

Na presente dissertação partiu-se de uma breve análise da literatura portuguesa contemporânea com o objectivo de relacionar a produção literária com a área do Turismo. Com esta investigação pretende-se compreender e valorizar a importância do Turismo Cultural para o desenvolvimento económico, social, educacional e cultural de um destino turístico. O Turismo Cultural está, na actualidade, em franca expansão e torna-se relevante a elaboração de roteiros literários como instrumentos de promoção e de valorização do património cultural e de divulgação de determinada região, cidade ou país. Neste estudo analisam-se uma série de roteiros internacionais, portugueses e alguns já elaborados sobre a Ilha da Madeira (ainda que com um enfoque em aspectos distintos dos que esta dissertação contempla). O objectivo deste trabalho será investigar a possibilidade de criação de roteiros literários da Ilha da Madeira, baseados na recolha de poesia de autores madeirenses, que contenham referências explícitas à Ilha da Madeira; para esse efeito são apresentadas importantes referências para a construção de vários roteiros literários sobre a ilha que permitam aos turistas ou aos visitantes da ilha tomarem conhecimento do património material e imaterial da Madeira.

Palavras-chave: Turismo Cultural; Turismo Literário; Roteiro Literário; Poesia Madeirense.

Abstract

This dissertation starting point was a brief analysis of contemporary Portuguese literature in order to relate the literary production with the area of tourism. Through this research my aim is to understand and value the importance of cultural tourism for the economic, social, educational and cultural development of a tourist destination. The Cultural tourism is, at present, expanding and it is becoming evident the relevance of the elaboration of literary itineraries as tools for promoting the of intangible heritage of certain region, city or country.

This study will analyze a series of international itineraries, Portuguese and some already elaborated on the island of Madeira (although with a scope on distinct aspects that this dissertation addresses). The aim of this work is to investigate the possibility of creating literary itineraries about Madeira, based on the collection of poetry by authors born in the island, which contain explicit references to Madeira. For this purpose here are presented important references for the construction of several literary itineraries on the island that allow tourists or visitors to become aware of the intangible heritage of Madeira.

Keywords: Cultural Tourism; Literacy Tourism; Literary Itineraries; Poetry of Madeira.

INTRODUÇÃO	1
I.....	6
1. LITERATURA CONTEMPORÂNEA.....	6
1.1. Breve perspectiva histórica.....	6
1.2. A poesia portuguesa contemporânea	19
II.....	27
1. O BINÓMIO TURISMO-CULTURA	27
1.1. O Turismo Literário.....	27
1.1.1. Tipologia do Turismo.....	27
1.1.2. O Itinerário Literário	36
1.1.3. Influência da escrita na percepção estética da paisagem.....	41
2. OS ROTEIROS LITERÁRIOS.....	47
2.1. O potencial dos itinerários literários.....	47
2.2. Roteiros Literários Internacionais	51
2.3. Roteiros Literários Nacionais	55
2.4. Levantamento dos roteiros literários sobre a Ilha da Madeira existentes em Portugal	61
III	64
1. PROPOSTA DE ELABORAÇÃO DE UM ROTEIRO LITERÁRIO SOBRE A ILHA DA MADEIRA.....	64
1.1. Justificação.....	64
1.2. A Ilha da Madeira	67
1.2.1. Caracterização a nível geográfico	67
1.2.2. Caracterização a nível demográfico	69
1.2.3. Caracterização ao nível económico	71
1.2.4. Caracterização ao nível histórico e cultural	74
1.2.5. Caracterização ao nível turístico	76

2.3. Roteiro Literário da Ilha da Madeira	80
2.3.1. Roteiro Literário da Ilha da Madeira: análise estratégica.....	80
3. Proposta de um Roteiro Literário	82
3.1. A Ilha da Madeira pela mão dos seus poetas.....	82
A ILHA DA MADEIRA	82
José Tolentino Mendonça	82
João Carlos Abreu	83
Ângela Varela	84
José Viale Moutinho	86
Carlos Nogueira Fino	86
José António Gonçalves	88
Edmundo Bettencourt	90
Cabral do Nascimento	91
Herberto Helder	92
A Ilha da Madeira: roteiro literário (índice de poemas e de poetas)	94
Ponto número 1: Concelho do Funchal	94
Ponto número 2: Concelho de Santa Cruz	94
Ponto número 3: Concelho de Machico	95
Ponto número 4: Concelho de Santana	95
Ponto número 5: Concelho de São Vicente	96
Ponto número 6: Concelho do Porto Moniz	96
Ponto número 7: Concelho da Calheta	96
Ponto número 8: Concelho da Ponta de Sol	96
Ponto número 9: Concelho da Ribeira Brava	96
Ponto número 10: Concelho de Câmara de Lobos	96
3.2. Concelho do Funchal.....	97
José Viale Moutinho	97
José Agostinho Baptista	97

Irene Lucília	99
Carlos Nogueira Fino	99
José Agostinho Baptista	100
José Tolentino Mendonça	103
José de Sainz-Trueva	103
Carlos Nogueira Fino	104
José Agostinho Mendonça	104
José Tolentino Mendonça	105
José Agostinho Baptista	106
3.3. Concelho de Santa Cruz.....	109
José Agostinho Baptista	109
Eurico Sousa	111
3.4. Concelho de Machico.....	113
José Tolentino Mendonça	113
João Miguel Fernandes Jorge	115
José Agostinho Baptista	116
José Tolentino Mendonça	118
3.5. Concelho de Santana.....	118
José Agostinho Baptista	118
José Tolentino Mendonça	122
José Agostinho Baptista	122
João Miguel Fernandes Jorge	124
3.6. Concelho de São Vicente.....	125
João Miguel Fernandes Jorge	125
3.7. Concelho do Porto Moniz.....	125
José Agostinho Baptista	125
3.8. Concelho da Calheta.....	126
José Agostinho Baptista	126
3.9. Concelho da Ponta de Sol.....	127
José Agostinho Baptista	127

3.10. Concelho da Ribeira Brava	129
José Agostinho Baptista	129
3.11. Concelho de Câmara de Lobos.....	130
José Agostinho Baptista	130
4. As Flores na Madeira	131
José António Gonçalves	131
Irene Lucília Andrade	132
Ângela Varela	133
Carlos Nogueira Fino	133
José Agostinho Baptista	134
5. As Estações do Ano na Madeira	135
Inverno	135
Irene Lucília	135
José António Gonçalves	136
Primavera.....	136
José Laurindo Leal de Goes.....	136
Verão	136
José Agostinho Baptista	136
Outono.....	137
Carlos Nogueira Fino	137
Edmundo Bettencourt	138
Irene Lucília.....	139
José Agostinho Baptista	140
João Carlos Abreu.....	140
6. Breve bibliografia dos escritores citados	141
CONCLUSÃO.....	147

BIBLIOGRAFIA 152

INTRODUÇÃO

“Uma vez perguntaram-me o que distinguia a poesia dos outros géneros e a melhor definição que eu encontrei foi *diz mais com menos.*”

Maria do Rosário Pedreira

A presente dissertação de mestrado – realizada no âmbito do curso de segundo ciclo em Gestão Cultural – pretende contribuir para a compreensão e valorização da importância do Turismo Cultural para o desenvolvimento económico, social, educacional e cultural de um destino turístico.

O Turismo Cultural é uma área de estudo e de acção (institucional ou comercial, pública ou privada) em franca expansão na actualidade e é incontornável constatar a relevância da elaboração de roteiros literários como instrumentos de promoção e de valorização do património material e imaterial e de divulgação de determinada região, cidade ou país.

Para realizar esta investigação partiu-se de uma breve análise da literatura portuguesa contemporânea com o objectivo de relacionar a produção literária (especificamente a contemporânea) com a área do Turismo. Neste estudo são analisados exemplos de roteiros internacionais, portugueses e alguns já elaborados sobre a Ilha da Madeira (ainda que dando destaque a aspectos distintos dos que esta dissertação contempla).

O objectivo do presente estudo é o de investigar a pertinência e a exequibilidade da criação de roteiros literários da Ilha da Madeira, baseados na recolha de poesia de autores de naturalidade madeirense que contenham referências explícitas à Madeira. Para a elaboração destes instrumentos de divulgação da cultura, do património literário e da sua articulação com o património material da Região, são apresentados um conjunto de textos literários com referências explícitas ao território (natural, edificado e humano) madeirense que se consideram importantes para a construção de vários roteiros literários sobre a ilha e

que permitam aos turistas ou aos visitantes da ilha tomarem conhecimento do património material e imaterial da Madeira.

Para a concretização do presente trabalho realizou-se uma investigação (teórica, no âmbito do Turismo Cultural, por exemplo, e prática, no campo dos estudos literários, por exemplo) no sentido de se fundamentar a construção de roteiros literários que cartografem a Madeira e permitam registar diversificadas percepções sobre a ilha, de forma a contribuir para se valorizar a literatura, a cultura e o património, quer material, quer imaterial, madeirenses.

Considerando algumas antologias e/ou estudos sobre poesia portuguesa que têm a Madeira como referência – de que são exemplos relativamente recentes as da autoria de José Viale Moutinho (selecção e organização), *Saudades da Ilha. Evocações Poéticas da Ilha da Madeira* (datada de 2003), e *A Madeira vista por escritores portugueses* (séculos XIX e XX), da autoria de Rui Firmino Faria Nepomuceno (datada de 2008) – um dos objectivos desta investigação é a revisão da bibliografia activa neste domínio e a sua actualização. Para além desta actualização, a investigação pretendeu situar localmente e referenciar – por cada um dos Concelhos da Região Autónoma da Madeira – a produção poética estudada, de forma a construir roteiros literários que articulam os domínios da literatura e do Turismo Cultural. Pretende-se que a proposta de roteiros literários apresentados (e que corresponde à componente prática da presente investigação) permita vir a constituir-se como um objecto de divulgação de conteúdos culturais (quer em suporte papel, quer em suporte digital, por exemplo) e que se venha a constituir como um instrumento de promoção e de divulgação turística que contribua para a diversificados sectores culturais (nomeadamente o do turismo cultural e o da promoção do património material e imaterial da Região Autónoma da Madeira).

Nas obras *Saudades da Ilha – Evocações Poéticas da Ilha da Madeira* (datada de 2003) e *A Madeira vista por escritores portugueses* (séculos XIX e XX), da autoria de Rui Firmino Faria Nepomuceno, são antologiadados poetas como Luís de Camões, Gomes Leal,

António Nobre ou Bulhão Pato, Júlio Dinis e Miguel Torga, respectivamente. O escopo destas antologias é a referência à Madeira e, neste casos, contemplam-se autores de vários séculos, por ordem cronológica, incluindo-se autores do século XX.

Considerando – entre outros – os livros *Funchal em Fundo* (de 2002), de João Miguel Fernandes Jorge, e *funchal*, de Carlos Nogueira Fino, parece ser relevante ampliar a toda a Região o estudo da referencialidade da poesia à geografia insular madeirense, sobretudo se se considerar a produção poética dos séculos XX e XXI de autores (para além dos *supra* mencionados) como Carlos de Oliveira, João David Pinto-Correia, José Manuel Mendes, José Viale Moutinho, Irene Lucília Andrade, José Agostinho Baptista, José Tolentino Mendonça, José António Gonçalves, João Rui de Sousa, Ernesto Rodrigues, Vasco Graça Moura, Manuel de Freitas, Fernando Pinto do Amaral, entre muitos outros.

De facto, ao contrário de outras realidades geográficas – nomeadamente o Porto, objecto de uma antologia organizada por Inês Lourenço (*Ao Porto – Colectânea de Poesia sobre o Porto*, de 2001), e Lisboa, tema da obra *Lisboa com seus poetas – Colectânea de poesia sobre Lisboa*, coordenada por Adosinda Providência Torgal e Clotilde Correia Botelho (de 2000) – a Madeira não só não tem sido alvo de um estudo sistemático da poesia em que aparece como referência (como se referiu anteriormente, quer geográfica, quer topográfica ou cultural, social, arquitectónica, paisagística e, em sentido mais lato, subjectiva), como não se têm observado com a merecida atenção as potencialidades para a divulgação e promoção do Turismo Cultural da Região a reunião de poesia que se relacione com o território madeirense.

Um estudo prévio a esta dissertação permitiu inventariar um conjunto de poemas de diversos autores que explicitamente se referem a locais como: Funchal (à cidade em geral e a topografia concreta), Ponta de São Lourenço, Caniçal, Machico, Caniço, Reis Magos, Garajau, Camacha, Ribeiro Frio, Monte, Pico Ruivo, Ribeira Brava, Madalena do Mar, Câmara de Lobos, Estreito de Câmara de Lobos, Santo António da Serra, Porto da Cruz, São Jorge, Faial, São Vicente e Arco da Calheta. Por esta enumeração se deduz ser possível elaborar o referido roteiro literário que permita articular os domínios da literatura e da promoção da cultura insular madeirense, de forma a constituir-se como um objecto de

divulgação do Turismo Cultural e de promoção do património material e imaterial da Região.

Na primeira parte da dissertação é feita uma revisão bibliográfica que sustenta a componente prática da presente dissertação; para esse efeito foi elaborada uma síntese teórica e conceptual sobre a literatura, sua natureza e especificidades presentes na literatura portuguesa, dando ênfase à produção da literatura portuguesa na contemporaneidade dado que o objectivo da dissertação se centra nesse período histórico-literário.

O Turismo Cultural, na vertente específica do Turismo Literário, será alvo de uma breve reflexão, sendo referidos variados autores conceituados nesta área de estudo, como também entidades com responsabilidades na área do Turismo. Para além deste suporte teórico, a revisão da bibliografia foi complementada com a investigação de exemplos de roteiros literários internacionais, de forma a exemplificar a panóplia desses mesmos roteiros que existem um pouco por todo o Mundo; deste modo, tentarei demonstrar a sua potencialidade e de que forma são úteis para a divulgação do património cultural imaterial da Região Autónoma da Madeira.

No capítulo concretamente dedicado à apresentação da proposta de construção de roteiros literários – isto é, sobre o objectivo específico desta dissertação – foi efectuada uma caracterização da Região Autónoma da Madeira para que se possa integrar o leitor na realidade madeirense, para assim melhor compreender em que contexto surge cada um dos referidos roteiros. Tentar-se-á, naturalmente, justificar os motivos da escolha da época seleccionada – a época contemporânea – e as razões que orientaram a selecção dos poetas que foram escolhidos para constar na proposta de roteiros que se apresenta (regra geral todos naturais da Região, exceptuando apenas dois dos autores).

Quanto ao roteiro literário propriamente dito, foi elaborado o esboço de um percurso baseado nos poemas previamente seleccionados, tendo como pano de fundo a Ilha da Madeira e realçando importantes visões poéticas da ilha. Posterior a este itinerário surge, no corpo da dissertação, o roteiro literário pela Ilha da Madeira através do qual se pode obter uma percepção específica de cada concelho da ilha, no qual está delineado um

trajecto, auxiliado por um mapa da Ilha da Madeira. Neste trabalho antológico, ainda, como sugestão para a elaboração de futuros roteiros literários, um conjunto de poemas sobre dois temas: as flores e as estações do ano observadas na ilha, pois considero que podem originar outros distintos roteiros literários do que o que foi previamente referido.

Na minha opinião, há demasiada produção poética sobre a Madeira que não pode e não deve cair em esquecimento e os roteiros literários poderão vir contribuir para se recuperar a memória acerca de alguma dessa poesia, na medida em que os roteiros literários que aqui se propõem certamente a poderão vir a divulgar e valorizar para que haja um enriquecimento insular a nível da cultura, como também a outros níveis, como poderemos ter a ocasião de verificar com a dissertação aqui apresentada.

O Turismo Cultural como factor de desenvolvimento económico, social, educacional e cultural de um destino turístico em estreita relação com a elaboração de roteiros literários é um campo de trabalho pouco explorado e pouco aplicado em Portugal e na Madeira, razão pela qual espero, com o presente estudo, contribuir de forma positiva para que mais investigação sobre esta matéria seja produzida, sobretudo porque considero existir uma assinalável potencialidade nestes roteiros como instrumentos de valorização e de divulgação do património material e imaterial da Região, ao mesmo tempo que espero poder contribuir para que os mesmos sejam motivo de estudo e de análise por parte de investigadores, académicos e demais interessados.

I

1. Literatura contemporânea

1.1. Breve perspectiva histórica

Se se considerar a literatura desde os tempos mais longínquos no sentido de se relevar uma certa motivação (quase inata) para o acto de escrita e de leitura que deixou uma indelével marca em todas as civilizações, chegar-se-á à conclusão de que foi este campo de criação foi sendo caracterizado pela existência de elementos influenciadores de cada época histórica em concreto, tendo sofrido metamorfoses típicas de qualquer área do conhecimento ou da arte. No fundo, os factores que ao longo do tempo influenciaram o aparecimento e o desenvolvimento da literatura encontram-se também presentes nas metamorfoses que o Mundo foi sofrendo, tanto a nível económico como a nível político e com principal ênfase na componente cultural, da qual a literatura é uma das suas vertentes.

Em primeiro lugar, é importante compreender a essência do termo literatura: etimologicamente, este termo deriva do latim *litteratura* – formado a partir da palavra latina *littera* – cujo significado é “letra”; o termo *litteratura* aparece na língua portuguesa em 1510¹. Portanto, constata-se que, na sua definição, o conceito de literatura está desde logo relacionado com a arte da escrita, à letra escrita ou impressa. É essencialmente a subjectividade que dá origem à literatura, como refere Teófilo de Braga na sua obra *História da Literatura*:

“A palavra escrita, quando por ela se dá expressão às emoções e concepções subjectivas, ou se representam actos e aspectos da natureza objectivamente, torna-se pelos recursos estilísticos a mais elevada forma de Arte, a que na série estética se chama *Literatura*” (Braga, 2005: 55).

¹ SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e (1991). *Teoria da Literatura*. Coimbra: Livraria Almedina. Vol. I.
A Ilha da Madeira pela mão dos seus poetas – Construção de um roteiro literário,

Ainda segundo Teófilo de Braga, a literatura possui na sua essência contornos intrínsecos que a vão tornar autêntica e para o autor alguns factores diferenciadores das literaturas permitem afirmar que estas se “ (...) distinguem[...] entre si pelas *tradições* elaboradas em *línguas* escritas pelo modo de sentir de uma *nacionalidade*; (...)” (Braga, 2005: 60).

Cada povo tem a sua língua, as suas tradições e uma forma particular e única de sentir a sua nacionalidade, isto é, elementos culturais e antropológicos que os distinguem de outras nacionalidades. O facto de se possuir uma língua é motivo para o aparecimento de manifestações literárias; por isso, a língua está intimamente relacionada com a génese e a natureza da criação de obras literárias:

“(...) a estreita relação que há entre a literatura e a língua, (...) o facto de o uso de uma língua determinar, só por si, o público imediato e, normalmente, inspirador de obras – tudo isto justifica um critério linguístico para a classificação de literaturas.” (Lopes e Saraiva, 2010: 11).

Na obra *Conhecimento da Literatura*, Carlos Reis divide a literatura em três dimensões: a dimensão sociocultural; a dimensão histórica e a dimensão estética – três aspectos que se relacionam entre si, apesar do seu carácter autónomo.

Noutro sentido, a literatura pode ser entendida como uma arte com a capacidade de contribuir para a formação humana e cultural e mesmo de construir personalidades ou de as influenciar de forma muito particular, fazendo com que o leitor se modifique e se deixe absorver por aquilo que lê e interpreta, pois “[é] de todas as artes a que pode marcar mais fundo a individualidade e a personalidade. Sem os livros que li, seria completamente diferente.” (Silva, 2004).

Antes de analisar qualquer tendência histórico-literária ou de efectuar uma abordagem acerca da literatura contemporânea, é importante ter em conta que “(...) qualquer perspectiva corre o risco de surgir distorcida, já que a recepção crítica de muitas obras se encontra ainda numa fase evolutiva cujas coordenadas permanecem fluidas e susceptíveis de alterações.” (Martinho, 2004: 57).

A Ilha da Madeira pela mão dos seus poetas – Construção de um roteiro literário,

João Filipe Ribeiro de Abreu

Segundo Paula Cristina Lopes, no continente europeu e nas línguas que são parte integrante do mesmo, o termo literatura estava relacionado, até ao século XVIII, com as áreas do saber, do conhecimento, das artes e das ciências em geral. A partir do século XVII, mais concretamente da segunda metade do século, há uma contextualização do conceito de literatura. Maria Vitalina Leal de Matos, citada por Paula Cristina Lopes, sublinha essa mesma ideia:

“A palavra “literatura” só em época relativamente recente – desde meados do século XVIII – tem o significado que hoje lhe damos. Até aí, a palavra existia mas com um sentido diferente: designava, de modo geral, o que estava escrito e o seu conteúdo, o conhecimento.” (Matos, 2010: 1).

Do ponto de vista histórico-literário, a contemporaneidade, que tem início por esta altura, aquando da revolução industrial francesa, vai, sem qualquer dúvida, implicar uma nova abordagem no âmbito da literatura, na medida em que surgem novos conceitos e novos estilos de escrita, verificando-se um incremento da produção literária a partir desse momento, aparecendo escritores como, por exemplo, Dostoiévski e Tólstoi, dois escritores da importante escola russa que constituem marcos incontornáveis da literatura mundial. No âmbito concreto da própria literatura como manifestação artística, há diversos movimentos literários com características próprias (sem, naturalmente, se desconsiderar a existência de várias excepções) em que a distinção poderá ser feita através da “ficcionalidade” de cada construção literária;

“Aquilo que faz com que um texto de ficção seja considerado um texto de ficção. (...) Da mesma forma que os teóricos da literatura posteriores ao Formalismo Russo se empenharam por demonstrar que a literariedade de um texto não pode ser reduzida a uma fórmula ou definição universal, porque não é possível enunciar uma regra ecuménica para a identificação da literariedade de um texto, também não existe nenhuma teoria da literatura que diga objectivamente o que é a ficcionalidade de um texto, enquanto marca literária. A capacidade de criar mundo imaginários, para além da realidade objectiva, para fazer valer a etimologia do conceito, é tão indefinível como o próprio limite da genialidade artística.” (CEIA, Carlos, *E - Dicionário de termos literários*).

Carlos Reis, em *O Conhecimento da Literatura*, alerta para o facto de ser necessário ter a cautela de não afirmar que toda a ficção tem carácter literário, dando o exemplo das anedotas, que obviamente não possuem qualquer “estatuto literário”².

Tzvetan Todorov, na obra *Os Géneros do Discurso*, segue também a mesma linha de pensamento ao afirmar que “[e]m literatura, as questões de realidade ou de verdade estão subordinadas ao objectivo literário essencial, que é produzir uma estrutura verbal que encontra a justificação em si própria” (Todorov, 1978: 22).

A Literatura Portuguesa, no seu início e até cerca de meados do século XVIII, sempre esteve relacionada com a Literatura Castelhana, existindo na Idade Média a chamada Literatura Peninsular, período durante o qual ambas as literaturas (a portuguesa e a castelhana) se interligavam. Foi a partir de D. Duarte, entre cerca de 1433 a 1440, que a Literatura Portuguesa ganhou alguma autonomia:

“A literatura portuguesa pode considerar-se emancipada com o advento da dinastia de Avis. Inicia-se então a prosa doutrinal portuguesa original com D. Duarte e uma historiografia nacional com Fernão Lopes. Mas até ao século XVIII as relações entre a literatura castelhana e a portuguesa serão tão íntimas, que alguns dos mais notáveis escritores portugueses, como Gil Vicente, Camões, Sá de Miranda, D. Francisco Manuel de Melo, ilustram duas línguas, prolongaram a sua influência em ambos os lados da fronteira e pertencem por isso ambas as literaturas.” (Lopes e Saraiva, 2010: 40).

Tal como quase todas as literaturas, a Literatura Portuguesa inicia-se com manifestações literárias em verso: a poesia dos Cancioneiros, produzida entre os séculos XIII e XIV, de que se destacam as obras *Cancioneiro da Ajuda* (do século XIII), o *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* e o *Cancioneiro da Vaticana* (apontando-se o século XIV como o da sua provável datação).

A poesia dos Cancioneiros era uma poesia cantada (os versos vinham acompanhados de partituras), sendo esta a principal característica da poesia

² REIS, Carlos (1997). *O Conhecimento da Literatura: Introdução aos estudos literários*. Coimbra: Almedina.

cancionista (Lopes e Saraiva, 2010). É nesta época que surge Fernão Lopes, um dos nomes mais relevantes autores da literatura portuguesa deste período, de quem se destacam as suas crónicas sobre o reino (obras que foram muito importantes para a construção de uma percepção da historicidade quotidiana da época).

Com o desenvolvimento das actividades comerciais, os desenvolvimentos marítimos com a descoberta de novos territórios e trajectos, nomeadamente os marítimos, surge uma nova época, também na literatura portuguesa, o Renascimento: é neste período histórico-literário que surge um nome de relevância inquestionável da literatura portuguesa, o dramaturgo Gil Vicente, pois é com este dramaturgo que, na literatura portuguesa, se assiste ao aparecimento de novos termos no âmbito da língua, mais aportuguesados e menos castelhanos (Lopes e Saraiva, 2010: 192).

Com a descoberta de novos caminhos marítimos começa a desenvolver-se a literatura de viagem, na qual são descritos muitos dos aspectos das rotas e das viagens efectuadas, como também são descritas inúmeras especificidades dos novos territórios então conhecidos. Neste período surgem obras que podem ser consideradas como primeiros esboços de roteiros literários, destacando-se, neste sub-género literário em particular, um dos maiores nomes da Literatura Portuguesa, Luís de Camões, com a grandiosa obra *Os Lusíadas*, narrativa da grande epopeia portuguesa que, segundo Lopes e Saraiva, foi a grande aspiração literária do Renascimento português.

O Barroco – que se desenvolveu no século XVII – apresenta características muito próprias, pois “(...) é profundamente sensorial e naturalista, apela gozosamente para as sensações fruídas na variedade incessante do mundo físico (...)” (Silva, 1991: 477). Neste período histórico-literário destaca-se, em Portugal, a obra *Fénix Renascida* e o facto histórico da criação da Academia Real das Ciências, entidade responsável por um grande aumento da produção e do arquivo de obras documentais. Deve fazer-se um breve apontamento relativo a Padre António Vieira (1608 – 1697), um nome incontornável da literatura portuguesa e um homem de

A Ilha da Madeira pela mão dos seus poetas – Construção de um roteiro literário,

João Filipe Ribeiro de Abreu

formação religiosa que marcou de forma inquestionável a relação entre “as novas condições sociais e europeias(...) e a mentalidade tradicional” (Saraiva e Lopes, 2010: 517).

A marcar um importante período de transição e relevantes factos na literatura portuguesa surge o Romantismo:

“[n]as origens remotas do Romantismo está o progresso económico, político e social da burguesia; no seu fecho estão as consequências da grande revolução industrial que a partir de 1850 transforma completamente a vida na Europa em menos de meio século.” (Lopes e Saraiva, 2010: 655).

Na fase inicial do Romantismo Português destaca-se António Feliciano de Castilho, um bom exemplo das características utópicas do Romantismo. Alexandre Herculano e Almeida Garrett são escritores românticos que eram considerados liberais, aliás um das características do romantismo:

“O primeiro Romantismo português é, pois, indissociável de uma matriz ideológica *liberal* e dos valores de que ela se nutre: os valores da liberdade, da igualdade e da justiça social, entre outros. Esses valores são, entretanto, ponderados em função de diversas orientações políticas, que vão desde o radicalismo vintista até ao conservadorismo que, dos anos 40 diante, gradualmente vai apontando para a «normalização» parlamentarista (...) cultivada pela Regeneração. Neste contexto, Herculano afirma-se como uma referência incontornável: o seu anti-jacobismo, o seu anti-populismo, um certo anti-clericalismo, a defesa da liberdade são atitudes que bem sintonizam com a propensão dominante conservadora do nosso Liberalismo – que será também, de um modo geral, a do Romantismo português, colocando não raro Garret em situação de quase ruptura com essa orientação conservadora.” (Pires *et* Reis, 1993: 15).

O Ultra-Romantismo surge naturalmente na linha de evolução literária do Romantismo e, recorrendo novamente a Carlos Reis e Natividade Pires, pode constatar-se que

“(…) a Literatura ultra-romântica acaba por desempenhar, na sociedade liberal e urbana do Romantismo, a função decorativa que bem convinha a modos de vida que se pretendiam aculturados e preocupados com o que eram «costumos de ‘Bom-tom’».” (1993: 251).

No período considerado destaca-se o escritor Camilo Castelo Branco, “[u]ma personalidade domina a segunda geração romântica e pode considerar-se como o seu representante típico e superior (...)” (Lopes e Saraiva, 2010: 776).

Carlos Reis situa cronologicamente a época do Modernismo entre os finais do século XIX e os anos subsequentes à 2ª Guerra Mundial. Em Portugal o Modernismo ganha maior notoriedade no ano de 1915, com a publicação da revista *Orpheu* (Reis, 1997: 456). Uma importante e intrínseca característica do Modernismo é o facto de que

“(…) incorpora e potencia valores que estimulam a reinterpretação da pessoa feita personagem, tendo em atenção um estágio civilizacional exteriormente pujante e eufórico, mas atravessado, no seu interior, por tensões e excessos de muito problemática harmonização” (Reis, 1997: 460).

Relativamente a este período histórico-literário é fundamental referir Fernando Pessoa, autor que, com o processo de construção dos seus heterónimos, concretiza, entre outras, uma das características do Modernismo acima mencionada – o que se refere à importância da “personagem”; deve sublinhar-se o heterónimo Álvaro de Campos, na medida em que, na poesia produzida sob a sua “autoria”, se colocam em causa “(...) padrões morais, políticos, artísticos e religiosos secularmente dominantes na chamada Civilização Ocidental” (Reis, 1997: 462).

No que respeita às críticas morais e quotidianas, deve assinalar-se também o contributo do escritor Eça de Queirós, que cronologicamente aparece nos primórdios do Modernismo, e que contribui substancialmente para a renovação e para a valorização da língua portuguesa, para a qual muito contribui a sua técnica literária e

o paradigma estilístico e que foram um marco na prosa literária portuguesa (Lopes *et* Saraiva, 2010: 886).

Segundo Gerson Roani, num artigo sobre a literatura contemporânea portuguesa, publicado na *Revista Letras*:

“a Literatura Portuguesa contemporânea é vislumbrada como um terreno fértil de manifestações literárias, cujas diferentes nuances e tendências artísticas configuram-se como uma malha extensa, composta de diferentes intersecções, pontos e linhas. Essa imagem do sistema literário lusitano como uma ampla tessitura, lembra-nos a oportuna lição de Roland Barthes acerca das manifestações literárias e, particularmente, o efeito almejado pelo texto ficcional ao lançar teias, fios enredadores sobre o leitor (...)” (Roani, 2004: 16).

Na literatura portuguesa contemporânea não é fácil definir períodos de ruptura na prosa e na poesia levados a cabo por movimentos artísticos ou tendências; contudo, a revista *Orpheu* (1915) parece marcar um período importante, não só na poesia, mas também na narrativa, na medida em que são publicadas obras cujo conteúdo ficcional parece bastante marcado, abordando temas como o drama da sexualidade, o narcisismo e referindo características da mentalidade portuguesa da época (Martinho, 2004). Neste período surge o grupo *Presença*, originado a partir da revista coimbrã homónima (entre 1927 e 1940), movimento por que passaram nomes importantes da literatura portuguesa: José Régio; Edmundo de Bettencourt; Casais Monteiro; Miguel Torga, entre outros.

O principal foco de estudo da presente dissertação será o período literário que se inicia no pós 25 de Abril de 1974, no qual há uma “dinamização do diálogo entre os discursos histórico e ficcional”.³ Aliás, António Lobo Antunes afirma, numa entrevista sobre a literatura actual:

“O facto é que houve uma autêntica renovação dois ou três anos após a Revolução de 74, e creio que se pode afirmar que o século XX literário português começou nesse

3 MARTINS, Adriana. “A literatura portuguesa contemporânea enquanto descoberta da memória da nação”. p. 2.

momento. O mais importante consistiu numa verdadeira reconciliação entre o público e os escritores.” (Utéza, 1983).

É também no período do pós-guerra que a literatura de autoria feminina ganha notoriedade, “(...)fenómeno aliás universal, mas entre nós com extraordinário relevo histórico-social e qualitativo..” (Lopes e Saraiva, 2010: 1100). Deste facto decorre também o aumento da participação de mulheres em profissões intelectuais e “(...) certa atenuação das dependências domésticas nas classes médias” (Lopes e Saraiva, 2010: 1100).

Os romances sobre a guerra colonial ganham relevante interesse neste período, sobretudo com a produção de autores como Manuel Alegre, Lídia Jorge, Fernando Assis Pacheco, entre outros, sendo publicadas obras quase em série, pois antes de 25 de Abril de 1974 estes estavam proibidos de ser publicados pela ditadura, trazendo a divulgação das suas obras “uma força testemunhal com a premência e também, em certos casos, com o ansioso mediatismo do que foi revoltadamente vivido.” (Reis, 1998: 36).

É possível observar nas criações literárias dos autores citados uma forte componente histórica presente nas suas narrações, confirmando-se a ideia de que esta é uma característica intrínseca da literatura portuguesa contemporânea, na medida em que “(...) comprovam a tendência da literatura portuguesa contemporânea de lançar a mão da História enquanto matéria narrativa, a partir da necessidade de conferir à mesma novos sentidos” (Martins, 2011: 184).

Nas décadas de oitenta e noventa do século XX, a literatura nacional⁴ ganha novas configurações, sem nunca se desvincular de elementos e influências dos períodos anteriores, respeitando, deste modo, toda a herança histórico-literária anterior e que contribuiu para a construção do indivíduo, para a construção de um estilo de escrita que os caracterizou e distinguiu numa panóplia considerável de escritores. É facilmente verificável que cada autor – Herberto Helder (com *A Plenos Pulmões* e *As Magias*, por exemplo), José Saramago (de que se podem destacar *O ano da morte de Ricardo Reis* e *História do Cerco de Lisboa*); António Lobo Antunes (com *Memória de Elefante*; *Naus*; *Ordem Natural das*

4 “A literatura nacional deve ser a expressão da alma nacional, quer no que esta tem de estável, de “eterno”, quer nas alterações essenciais a que se encontra sujeita”. (Coelho, 1992: 8).

Coisas, entre outras), Augustina Bessa-Luís (com a obra *Ordens Menores*, por exemplo), citando apenas alguns – procura definir a sua identidade literária, o seu estilo, a forma de se relacionar com o leitor, não colocando em causa as influências que foram recuperar à herança literária, tal como refere Fernando Pinto do Amaral⁵.

É precisamente na década de oitenta que se começa a destacar na literatura portuguesa em termos de divulgação e editorialmente o autor com a provavelmente maior projecção nacional e internacional – Fernando Pessoa e toda a sua inigualável obra literária – ultrapassando um outro muito relevante nome da Literatura Portuguesa, o escritor José Saramago, autor, por exemplo, do romance *Levantado do Chão* em 1980.

Carlos Reis, num artigo publicado na revista *Camões*, indica uma possível razão para o facto de José Saramago ter ganho uma enorme importância na literatura portuguesa:

“Saramago empreende uma reflexão sobre os problemas da criação artística, sugerindo desde logo a possibilidade de uma entrega à escrita como acto sistemática e profissionalmente assumido; os romances da fulgurante (para o escritor) década de oitenta são disso a consequência evidente.” (1998: 39)

Na obra de José Saramago continua a assistir-se à integração de elementos históricos, característica anteriormente observada na história da literatura portuguesa: deste aspecto são exemplo as obras: *Memorial do Convento* (1982); *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984) e *História do Cerco de Lisboa* (1989). Estes são romances nos quais José Saramago reinterpreta, refere e reescreve, ficcionando-os, factos históricos, destacando factores sociais e culturais de cada uma das épocas a que cada romance se reporta:

“Saramago toma como ponto de partida os dados históricos para criar situações em que o real, o fantástico e o maravilhoso parecem flutuar e acabam por confundir-se (...)” (Martinho, 2004: 83).

⁵ AMARAL, Fernando Pinto do (2003). “A porta escura da poesia” in *Relâmpago*, 12, Lisboa, Fundação Luís Miguel Nava, pp. 22- 27.

Da produção de Saramago pode destacar-se também a obra *Viagem a Portugal*, um importante roteiro sobre o país, descrito do ponto de vista de Saramago. O relativo sucesso que José Saramago teve no campo da literatura deve-se, em certa medida, à abordagem de temas que, à partida, criariam polémica, tais como as questões éticas, políticas e religiosas, mas também, como deve ser assinalado, por não “abrir mão da qualidade de escrita, nem operar com facilitadores estruturais na construção de suas obras, sua penetração entre leitores de várias camadas culturais é facilmente constatável.” (Bridi, 2005: 79).

Na década de noventa do século XX e, principalmente, no novo milénio, tem-se vindo a assistir a um franco crescimento de produções e de edições de obras literárias, em número e diversidade de autores que até então não tinham tido comparação, ao mesmo tempo que ocorre o aparecimento de novas correntes literárias ou de novas escolas, que perdem fulgor com a mesma velocidade com que aparecem, como nos transmite Roxana Eminescu: “O número de obras publicadas atinge um índices fabulosos, as correntes e as escolas mudam de rumo com uma velocidade astral, o que de manhã era à última hora, de tarde está já votado ao esquecimento.”. Da mesma opinião é Carlos Reis, ao afirmar que “[a] ficção portuguesa vive hoje um dos momentos mais fecundos da sua História” (Reis, 1998: 39).

As criações e edições literárias que vão sendo publicadas neste novo milénio continuam a ter a componente histórica anteriormente mencionada, sobretudo na área da ficção “(...) porque ela tem sabido redescobrir a *magia do relato*, sem, com isso, deixar de articular com as transformações da História (...)” (Reis, 1998: 39). Tais obras continuam a estabelecer uma relação de intimidade entre o narrador e o leitor, e os laços de identidade mutuamente se aprofundam, criando-se a sensação de que, em muitas obras, o leitor assume a “voz” do próprio narrador. Esta mudança continua a alimentar a originalidade, como as criações literárias desde sempre exigem:

“ (...) nos últimos mais ou menos dez anos, as obras narrativas que se publicaram em Portugal constituem um interessantíssimo objecto de estudo para qualquer espírito apaixonando tanto pela arte literária, como pela realidade da sua época, em todos os sentidos. Interessantíssimo e original.” (Eminescu, 1983: 126).

Relativamente ao século XXI não é ainda possível fazer uma abordagem crítica coerente, pois os escritores que publicam neste período são ainda muito jovens, as suas obras ainda estão em processo de construção, situação que, com o avançar do século XXI, naturalmente se alterará e permitirá uma abordagem mais distanciada, objectiva e transversal, como refere Martinho:

“(...) estamos perante obras ainda em formação, constituídas por livros cuja recepção, apesar de ter já permitido em certos casos um amplo reconhecimento público, irá definir-se melhor ao longo das próximas décadas – as primeiras do Século XXI”. (Martinho, 2004: 89).

Apesar dos constrangimentos assinalados, parece haver já características que marcam este novo milénio e que são passíveis de permitir uma análise mais pormenorizada deste período, nomeadamente uma característica que Martinho (2004) sublinha relativamente à ficção: “Talvez esta vontade de contar histórias verosímeis e partilháveis com os leitores possa constituir um dos traços mais significativos da nova geração de ficcionistas portugueses (...)” (2004: 89).

A globalização – entretanto disseminada por vários campos da criação e também no da literária – terá originado outra das possíveis características da actual literatura, a influência de escritores estrangeiros na literatura portuguesa, como refere Martinho:

“(...) cuja escrita reflecte as influências cada vez maiores de um ambiente cultural muito aberto ao exterior, dialogando com as literaturas estrangeiras mais conhecidas – sobretudo as anglo-saxónicas hoje dominantes (...)” (Martinho, 2004: 90 e 91).

Outras artes ou campos da criação como a televisão e o vídeo, o cinema, a banda desenhada, entre outras, têm contribuído de forma intensa para a permeabilidade da literatura a fenómenos de mudança social, dela resultando renovadas e multifacetadas formas de expressão através da escrita:

I – 1. Literatura contemporânea.
1.1. Breve perspectiva histórica

“(…) a vitalidade actual da literatura portuguesa: na multiplicidade das suas vozes, ela continua a exprimir os desafios, as seduções ou os problemas de uma sociedade que mudou muito nas últimas décadas, embora ainda mostre índices de leitura comparativamente baixos no contexto europeu” (Martinho, 2004: 93,94).

1.2. A poesia portuguesa contemporânea

Antes da fundação de Portugal existia a Norte da Península Ibérica uma forma literária específica, nomeadamente lírica – a poesia galaico-portuguesa. Durante a Idade Média, as cantigas de amigo, as cantigas de amor e as cantigas de escárnio e mal-dizer eram muito populares e ecoavam por toda a Península Ibérica. Por isso, este género literário – o lírico – é tão antiga como a própria literatura (Saraiva e Lopes, 2010: 47, 50, 56).

Considerada uma forma estruturada da língua, a poesia é um género literário com características específicas dentro do sistema linguístico, em cuja essência está – para além de características formais que foram evoluindo historicamente – a expressão da subjectividade individual e a liberdade autoral e a interpretação do leitor na sua experiência de percepção da linguagem poética e sua capacidade de relacionar a linguagem com uma visão do mundo incorporada na poesia.

A poesia é um género literário que possui características intrínsecas que permitem que se diferencie de outros géneros literários; estas características incluem aspectos como a métrica, a estruturação do texto em versos, à existência de rima, factores que “conferiram à poesia o grau, ou o véu, de irrealidade que sempre lhe foi necessário” (Gastão Cruz, 2008: 23). No livro *A Vida da Poesia*, de Gastão Cruz, poesia é definida como “um texto de que a emoção não pode estar excluída e em que o poder da palavra continua a ser essencial” (Gastão Cruz, 2008: 23).

Outra das possíveis definições de poesia é referida por Rui Miguel Mesquita, na introdução do livro *Existe uma linguagem poética*, da autoria de Karlheinz Stierle: a poesia é “fenómeno histórico e social, simultaneamente individual e colectivo, particular e geral: dado que exclui necessariamente as hipóteses de sabor idealista sobre uma “*linguagem original*””. Rui Miguel Mesquita acrescenta, ainda, que

A Ilha da Madeira pela mão dos seus poetas – Construção de um roteiro literário,
João Filipe Ribeiro de Abreu

“o texto poético explora todos os recursos e possibilidades que somente o acto de fala oferece: a sua natureza marcadamente oral não só é a razão da sua irredutível individualidade, mas também da sua ligação matricial à língua na qual é produzido.” (2008: 30).

Na sua obra a *Introdução à análise do texto literário*, o escritor Cesare Segre caracteriza a arte poética como sendo

“aptidão em relacionar as formas com os estereótipos de realidade, e portanto, em operar uma osmose contínua entre língua e códigos culturais não-verbais. É graças a esta aptidão que o texto artístico consegue encaminhar a sua comunicação multiforme” (1999: 350).

Alexandre Herculano, escritor português do século XIX, sublinha a capacidade da poesia para despertar de sentimentos, uma definição mais romântica deste género literário:

“A poesia porém paira sobre as existências, e quando as levanta da terra é para as revestir de vida e de perpetuidade. Para as dores e desventuras do homem não tem a história uma lágrima; mas a poesia as derrama, porque ela é o monumento da vida íntima, enquanto a história o é apenas dos actos e da vida externa” (Reis, 1998: 25).

A forma como se escreve poesia – que, segundo Karlheinz Stierle, se enforma por uma *linguagem secundária* na medida em que deriva da linguagem natural ou *primária*, difere de outros géneros da literatura, eleva o leitor a um estado de ficcionismo⁶ e a um estado de ligação entre a estética e a imaginação. Como afirma Sophia de Mello Breyner Andersen, num texto intitulado “Arte Poética II”,

“o poema fala não de uma vida ideal, mas sim de uma vida concreta: ângulo de janela, ressonância das ruas, das cidades e dos quartos, sombra de muros,

⁶ Stéphane Mallarmé, citado por Karlheinz Stierle, “Toute méthode est un fiction, et bonne pour là demonstration. Le langage lui est apparu l’instrument de la fiction: il suivra la method du langage (là déterminer). Le langage séréfléchissant. Enfin la fiction li semble être le procédé meme de l’esprit humain (...)” (2008: 32).

A Ilha da Madeira pela mão dos seus poetas – Construção de um roteiro literário,

João Filipe Ribeiro de Abreu

aparência dos rostos, silêncio, distância e brilho das estrelas, respiração da noite, perfume da tília e do orégão”⁷.

De uma forma geral, Gastão Cruz assinala que na poesia se opera a “transferência, para a língua, das emoções recolhidas em acontecimentos que pouco importa se o são efectivamente ou se acontecem apenas no plano da linguagem” (Gastão Cruz, 2008: 23).

A estética da escrita literária, neste caso da poesia, prende-se com outros dois importantes aspectos: a liberdade que é concedida ao leitor e a especificidade do poema (aspecto que o vai diferenciar cada um dos textos com todos os outros poemas). Fernando Pessoa, num artigo publicado na primeira edição da Revista *Orpheu*, transmite também a ideia de estética, que o escritor elabora, e que irá permitir distinguir um poema dos de todos os outros escritores, lhe dará um carácter de individualidade, na medida em que

“(…) o autor, na proporção em que é grande e ao mesmo tempo original, tem tido sempre que criar o sentimento estético pelo qual há-de ser apreciado; assim foi sempre e assim continuará a ser(…)”⁸.

Na década de cinquenta do século passado começa a desenhar-se um novo pensamento sobre a poesia, uma nova abordagem crítica, “(…) o questionar da própria identidade da poesia, muitas vezes no limite da denegação ou da auto-irrisão, através de uma apurada consciência artística do saber e fazer poéticos.” (Mendes, 2002: 11). Este autor refere, também, o facto de que neste período literário “(…) houve necessidade de proceder a uma limpeza estratégica do espaço poético (...),

⁷ In “Arte Poética II”, *Távola Redonda*, 21 de Janeiro de 1963, e in *Geografias*, de 1967, de Sophia de Mello Breyner Andersen.

⁸ Fernando Pessoa, citado por Rosa Maria Martelo, “Orpheu – Revista Trimestral de Literatura – nº1” [1915], Fernando Cabral Martins (ed.), *Crítica – Ensaios, Artigos e Entrevistas*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2000, pág. 108.

libertando-o daquilo que era então sentido como excesso de enlevo, de “cancro-romântico-lírico” ou de gordura das palavras”.

A partir do meio do século XX a poesia torna-se substancialmente mais autónoma, mais autêntica e com um sentido muito mais refinado do que até então se vinha verificando. Neste período ocorre também “(...) uma valorização da linguagem, latente já no grupo *Orpheu*, mas à qual se pretendia dar uma maior espessura a nível conceptual, ao mesmo tempo que se privilegiavam as suas dimensões míticas ou imaginativas” (Guimarães, 1989: 31).

Da mesma forma que a literatura portuguesa de natureza ficcional foi sendo influenciada por correntes artísticas europeias e mundiais, também a poesia vai sofrer várias metamorfoses, consequência dessas correntes artísticas que vão despontando com o avançar dos anos:

“A poesia portuguesa do século XX não constitui uma excepção no panorama da poesia europeia e mundial. A poética portuguesa destes oitenta anos foi e é marcada por sucessivos movimentos de vanguarda que são núcleos produtores de ideias e modos novos de agir e comunicar em volta dos quais, contra os quais, ou pelos quais, a nossa vida se tem polarizado”. (Castro, 1987: 23).

Em Portugal a sucessão de variadas e distintas correntes artísticas tem início com a revista *Orpheu*, em 1915, mais concretamente no Modernismo; esta revista é referida como constituindo uma espécie de certidão de nascimento desse movimento artístico (Martinho 2004).

A poesia portuguesa, nesta fase, abandona o Saudosismo, o último movimento literário de alguma forma homogêneo no âmbito das escolas literárias portuguesas, para entrar então no Modernismo (Simões, 1976: 216).

A revista *Orpheu* veio contribuir de forma inequívoca para a renovação do panorama cultural, artístico e literário português, razão para se considerar que há um *antes* e um *depois* de *Orpheu*. Esta evolução – e nalguns aspectos, ruptura – foi

evoluindo com as várias experiências surrealistas, com o experimentalismo, para nomear apenas algumas das mais relevantes correntes artísticas deste período.

Deve ser referido que o Modernismo tem o seu fim em cerca de meados dos anos setenta do século XX, surgindo na sua sequência o movimento pós-modernista (Martinho, 2004). Mas ainda antes do fim deste movimento artístico surge na literatura portuguesa um outro grupo de poetas importantes, já referido anteriormente, o grupo *Presença*; este grupo possui características de uma certa ambiguidade: o seu carácter criativo e o doutrinário, isto é, “[s]e enquanto criação a literatura da *Presença* aspira, acima de tudo, a ser arte, enquanto doutrinação, o seu escopo último é a crítica.” (Simões, 1976: 275).

A década de 40 do século XX ficou marcada pelo Imagismo e pelo Surrealismo. Deste período destacam-se o poeta Jorge de Sena – por “(...) uma grande audácia de desarticulação lógica e sintáctica, que, em certos melhores poemas (como o da criança esgazeada de uma janela para as estrelas), o leva ao surrealismo (...)” (Lopes e Saraiva, 2010:1 050) – e a poetiza Sophia de Mello Breyner Andresen, em cuja obra “(...) encontramos um mundo poético depurado, em que as imagens se organizam segundo as suas próprias forças de coesão, em clássico equilíbrio ou *balança* (uma imagem-chave)” (Lopes e Saraiva, 2010: 1051).

Os anos 50 da poesia portuguesa são, ainda, inevitavelmente marcados pela ditadura, facto que faz com que este período histórico e social “(...) apresent[e] um fenómeno editorial característico: o pulular de pequenas brochuras de poesia e crítica de autoria vária, em séries ditas não periódicas para iludir a censura mas identificáveis pela aparência e por um grupo de organizadores (...)” (Lopes e Saraiva, 2010: 1063).

Cerca dos anos 60 s século XX surge uma nova corrente artística, denominada *Poesia 61*, que provoca uma ruptura na forma de criar e de interpretar

poesia. A “depuração discursiva e a auto-reflexividade”⁹ são duas das características deste movimento e da renovação da poesia que instaura, na medida em que ocorre uma intensa reformulação do discurso usado, é estabelecida uma relação progressivamente mais estreita entre o sujeito poético e o mundo, pois o poeta contextualiza os seus poemas com o quotidiano e há uma aproximação ao real. Tal como afirma E. M. Melo e Castro:

“Esta *ruptura de 60* pode-se dizer que consistiu numa mudança radical da posição do poeta perante os seus instrumentos de trabalho: a escrita, a linguagem. A poesia não é agora mais instrumento, nem retórico, nem ideológico nem moral. A poesia, por outro lado, não é mais sentimento nem sentimentalismo. A poesia não narra, não serve, nem é mais discursiva. A poesia substantiva-se. É uma operação linguística que tem como meio a escrita e como objectivo a sua própria renovação.” (1987: 76)

A escola de 60 continua a influenciar a forma de escrever poesia nos anos subsequentes, pois a mudança de paradigma que esta corrente proporcionou, a forma abrupta com que modificou a forma de escrita poética fez, desde logo, crer que se iria manter por muito mais tempo, ou pelo menos, em comparação com as diversas correntes artísticas que foram surgindo no país entre 1915, com a revista *Orpheu*, e a *Poesia 61*. Parece ter havido um combate ao até então designado primado dos *-ismos* (cf. Sensacionalismo, Futurismo, Paulismo, entre outros).

Nos anos setenta do século XX “(...) há aguda percepção de que aquilo que importa não preexiste aos significantes verbais (...)” (Lopes e Saraiva, 2010:1080) e assiste-se a mudanças substanciais no campo literário, principalmente nas revistas que publicavam poesia, na medida em que estas deixam de ter um carácter panfletário e programático, perdendo o carácter colectivo de movimentos anteriores e passando a defender-se com maior veemência um certo individualismo, facto que torna inevitável assinalar este momento da história da literatura portuguesa contemporânea como aquele que marca o fim da possibilidade de se classificar a

⁹ MARTELO, Rosa Maria. “Anos noventa: Breve roteiro da novíssima poesia portuguesa”. 1999.

A Ilha da Madeira pela mão dos seus poetas – Construção de um roteiro literário,

João Filipe Ribeiro de Abreu

poesia através de programas que reivindicavam um determinado programa estético pré-definido. (Martinho, 2004). São exemplos relevantes deste período as obras de Afonso Duarte e de Francisco Bugalho que, segundo Martinho (2004), representavam o ideal de uma literatura livre e viva. Mas são os poetas Herberto Helder e Ruy Belo que vão marcar profundamente esta mudança, nos anos setenta, pois a sua produção poética “vai privilegiar, entre os seus valores, a discursividade” (Martinho, 2008: 35); segundo Eduardo Lourenço é a estes dois poetas que se associa a despedida da Modernidade.

Quanto aos anos noventa, “(...) o panorama poético português, já distanciado da lógica modernista geradora de oposições intergeracionais, apresenta-se sem tensões inibidoras de uma prática saudável do pluralismo e do consequente respeito pela radical singularidade das escritas” (Martinho, 2004: 15):

“(...) representa uma etapa mais num percurso que se vem delineando nestes últimos trinta anos sem rupturas significativas, a menos que o consideremos integralmente, como aliás já foi feito, enquanto corte com a tradição da ruptura.” (Martelo, 2009: 226).

Outra das características da poesia de noventa é a forte presença de um sentido figurado, respeitando uma estrutura poética e linguística com o objectivo de transmitir sensações e imagens. Na poesia criada neste período não parece haver qualquer barreira entre o sujeito poético e o leitor, estabelecendo-se entre poeta e leitor um estreito diálogo, sobretudo na medida em que o poeta não tem qualquer intenção de definir significados, pois a sua intenção é a de despertar o sentido crítico do leitor, desenvolver a capacidade criativa da leitura e a capacidade de observar imagens por via das palavras:

“Uma linguagem intensamente metafórica e articulada em estruturas quase ritualizadas constitui-se na experiência de um conhecimento que passa, em grande parte, pela estruturação de um sujeito que não oferece resistência ao mundo e que, mais do que sujeito, é o objecto de um saber que se dá a conhecer.” (Martelo, 1999: 229).

No referido artigo, Rosa Maria Martelo assinala o carácter realista da poesia dos anos noventa:

“Num quadro de pluralização e relativização de mundos, é natural que o excesso seja procurado na intensificação de uma experiência subjectiva na qual as fronteiras entre poesia e vida tendem a diluir-se. É provavelmente neste campo que pode compreender-se o pendor essencialmente subjectivista, ou mesmo liricamente expressivista, de uma grande parte da poesia dos anos 90.” (1999: 232).

Outra característica importante das últimas décadas no que respeita à poesia é a forte presença de mecanismos de intertextualidade. A relação da poesia com outras formas de arte, de expressão de emoções e de sentimentos:

“[u]m outro traço da poesia das últimas décadas diria respeito à forte incidência que nela se observa da intertextualidade. (...) uma das suas imagens de marca, e o próprio diálogo com as outras artes e com o discurso da cultura (...) poderia ser considerado neste âmbito”. (Martinho, 2004:39).

A tradição literária aparece também relacionada com a intertextualidade, pois a poesia produzida e publicada no último quartel do século XX não pretende quebrar o elo que a liga a uma teia histórica e cultural.

É perfeitamente perceptível que a contemporaneidade da poesia portuguesa conquista um estilo próprio com características ímpares face à produção de outros países, adquirindo contornos mais individualistas quando comparada com anteriores ou contemporâneas correntes literárias no âmbito da literatura mundial.

Em suma, parece poder afirmar-se que é principalmente neste último século e no início do novo milénio que a poesia portuguesa consolida características específicas que a tornam, em grande medida, autónoma, facto que consubstancia uma das razões para que este período literário seja o objecto de construção da presente dissertação.

II

1. O binómio Turismo-Cultura

1.1. O Turismo Literário

1.1.1. Tipologia do Turismo

O *Dicionário de Língua Portuguesa*¹⁰ define o termo Turismo como sendo uma “actividade económica relacionada com viagens organizadas, geralmente para lazer”.

De acordo com *A Organização Mundial de Turismo* o conceito de Turismo é definido da seguinte forma:

“Tourism is a social, cultural and economic phenomenon which entails the movement of people to countries or places outside their usual environment for personal or business/professional purposes. These people are called visitors (which may be either tourists or excursionists; residents or non-residents) and tourism has to do with their activities, some of which imply tourism expenditure.”¹¹.

A estabilização de um significado do conceito de Turismo é bastante complexa, pois cada área do saber possui um entendimento específico da sua definição, de acordo com aquilo que é o seu campo de estudo e de acção; nessa medida deve constatar-se que “tourism has been variously defined (or refined) by governments and academics to relate to such fields as economics, sociology, cultural anthropology, and geography.” (Theobald 2005: 10).

A área económica preocupa-se essencialmente com o contributo dos visitantes na economia local, como a potencialidade de um destino turístico:

¹⁰ Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/>. Consultado a 09/04/2012.

¹¹ Disponível em: <http://media.unwto.org/en/content/understanding-tourism-basic-glossary>. Consultado a 05/05/2012.

“Tourism has become, in the second part of last century, what is considered to be probably the most important economic activity in the world. According to the World Tourism Organization (WTO), and World Travel and Tourism Council (WTTC) about 11% of World Gross Domestic Product (GDP) is generated by the tourism sector and a consistent (more than 200 million people) of the World’s workforce is employed.”(Baggio *et all*, 2005: 1).

Disciplinas como a sociologia, a cultura e a antropologia estudam as tradições, os hábitos, bem como o comportamento dos visitantes nos destinos e sua interacção com a cultura local.

A geografia dedica-se à análise dos fluxos de viagem, às questões ambientais e às questões climáticas. Jaffari (1977), citado por Theobald (2005), define o Turismo como “a study of man away from his usual habitat, of the industry which responds to his needs, and of the impacts that both he and the industry have on the host socio-cultural, economic, and physical environments.”. Para Leiper (1979), citado por Theobald (2005), existe uma definição diferente da do autor anterior:

“there are three approaches in defining tourism: economic, technical, and holistic. Economic definitions view tourism as both a business and an industry. Technical definitions identify the tourist in order to provide a common basis by which to collect data. Holistic definitions attempt to include the entire essence of the subject.”. (2005: 11).

É por não haver uma única e concludente definição de Turismo que se pode afirmar que é bastante complexo encontrar-se uma definição única para o conceito de Turismo.

A *European Travel Commission* utiliza duas definições para Turismo Cultural devido ao facto de ser complexo encontrar para este conceito mais específico uma única definição; assim, são utilizados dois conceitos, um que se constitui como uma

“conceptual definition: The movement of persons to cultural attractions in cities in countries other than their normal place of residence, with the intention to gather new information and experiences to satisfy their cultural needs.” (2005: 2)

e outra, que se consubstancia numa

“operation definition: All movements of persons to specific cultural attractions, such as heritage sites, artistic and cultural manifestations, arts and drama to cities outside their normal country of residence.” (2005: 2).

Peter Burns refere a ideia de que, para que haja uma ligação entre Turismo e Cultura, será necessário haver uma estratégia de desenvolvimento, terá que existir uma política de investimento na Cultura e não apenas em infraestruturas:

“If tourism is to have a positive effect on culture it must go well beyond the creation of infrastructure and the improvement of material conditions to strengthen local cultures and languages. “ (Burns 2005: 402).

No seu livro intitulado *Cultural Tourism* (2002), os autores McKercher e Du Cros mencionam que existem várias abordagens a que se pode recorrer para a definição de Turismo Cultural; no entanto, estes autores referem que, em geral, este género específico de turismo é movido pela atracção e pela motivação que o desejo de viajar desperta, relacionando pessoas, locais e património cultural, fruto do desenvolvimento de técnicas de *marketing* que visam essencialmente despertar, no turista-alvo, sensações subjectivas e experiências de natureza cultural para que consigam conquistá-lo. Por este facto, o Turismo Cultural dependerá efectiva e substancialmente dos recursos que estiverem disponíveis para a sua concretização e do como serão potencializados de modo a criar e a promover um produto turístico. Este produto será, essencialmente, a razão pela qual o turista decidirá visitar

terminado destino, razão por que é ser fundamental potencializá-lo e introduzi-lo na oferta global de destinos de viagem.

Com o desenvolvimento massivo das cidades, com o aparecimento de novos desafios relativos ao ordenamento do território e à preservação da qualidade arquitectónica, ambiental, cultural e social dos agregados urbanos, o património cultural passa, actualmente, por diversas dificuldades. Por isso, é importante que se consiga fazer interagir o património cultural com o desenvolvimento contemporâneo das cidades, para que este seja conservado e potencializado no âmbito do Turismo e, mais especificamente, do Turismo Cultural .

Segundo Peter Debrine, da *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (UNESCO), “[c]ultural heritage is ultimately an expression of the people, this expression is shared with tourists and it is this interaction which makes tourism such an important vehicle for promoting cross-cultural understanding”.¹²

Walter Jamieson define quatro objectivos do Turismo Cultural:

“Cultural heritage tourism has a number of objectives that must be met within the context of sustainable development. They can be seen to include: The conservation of cultural resources; Accurate interpretation of resources; Authentic visitor experiences; The stimulation of the earned revenues of cultural resources.” (2000: 5).

Segundo a “Carta de Turismo Cultural”¹³ (adoptada pelo *International Council on Monuments and Sites*) entende-se Turismo Cultural como uma “forma de turismo que tem por objecto, entre outros objectivos, a descoberta dos monumentos e lugares” (Sardo, 2008: 81).

¹² Disponível em <http://media.unwto.org/en/press-release/2011-09-27/marking-world-tourism-day-think-tank-calls-engaging-local-communities-tourism>. Consultado a 21/04/2012.

¹³ Disponível em [_http://www.icomos.org/tourism/_](http://www.icomos.org/tourism/). Consultado a 03/05/2012.

De uma forma mais genérica, citando Henriques (2003), Sardo refere que o Turismo Cultural se caracteriza

“como o movimento de pessoas para atracções culturais fora do seu local normal de residência, com a intenção de compilar novas informações e experiências para satisfazer as suas necessidades culturais” (2008: 81).

Sardo também apresenta uma definição mais técnica deste conceito: Turismo Cultural é o “movimento de pessoas para atracções culturais específicas, tais como lugares de património, manifestações culturais e artísticas, de arte, drama para fora do seu local normal de residência” (Sardo, 2008: 81).

O declínio sobre o consumo cultural, por parte das populações locais, tem contribuído para que o património cultural esteja actualmente desvalorizado como produto turístico; porém, é de salientar que muitas entidades, com responsabilidades na área do turismo, têm levado a cabo iniciativas para combater a uniformização das cidades – estratégia anteriormente utilizada para que o turista se sentisse o mais “em casa” possível – porque a homogeneização urbana implica uma perda das suas característica e da sua identidade e afasta o turista cultural de destinos massificados, na medida em que este tem sobretudo interesse em conhecer a realidade específica e diferenciada de um determinado local.

Na promoção do Turismo Cultural a literatura poderá ter um papel fulcral, pois pode constituir-se como factor e instrumento de preservação da memória das cidades, pois é inequívoco que

“a (re)construção da memória das cidades através da literatura conduz à valorização de diversos elementos - tangíveis (monumentos, lugares, edifícios, objectos materiais) e intangíveis (histórias, sentimentos,

costumes, atmosferas) integrantes destes espaços” (Henriques e Quinteiro, 2011: 602).

Deste modo pode afirmar-se que “(...) talvez seja esse o papel da memória, o de manter vivas as pessoas no máximo do seu esplendor e manter vivas as cidades, também no máximo do seu esplendor” (Fino, 2005: 180).

Como produto do património cultural, a literatura poderá, portanto, ser também um produto fundamental do Turismo Cultural. Como foi definido na parte I da presente dissertação, a literatura potencia o despertar de sentimentos e de emoções e nessa medida pode articular-se com o Turismo Cultural, na medida em que este é movido por um conjunto de sensações e, “enquanto património (*literature heritage*), torna-se então “um produto no mercado” (Howard, 2003: 144). Assim, a literatura tende a poder ser valorizada quer na sua relação com o turismo e com a realidade dos destinos a escolher por viajantes, de entre os quais se podem destacar “as cidades, no seu papel na produção de identidade nacional” (Henriques, Quinteiro 2011: 601).

Mike Robison defende uma ideia semelhante, concordando com o facto de que a literatura (no caso que refere, a ficção) desperta emoções, pois, ao visitar os locais citados, e tendo lido textos sobre eles, poderão ser originadas outras emoções, na medida em que os turistas estarão já anteriormente interligados com a experiência agora *in situ* e, conseqüentemente, com uma predisposição maior para a compreensão do património cultural – material e imaterial concreto do destino que visitam – e com uma forte capacidade de interacção com culturas diferentes da sua:

“Places in fiction are generally anchored to the emotions generated at particular times by the characters of a novel, or more explicitly in the author providing the narrative. Thus from a tourism point of view, the reader is presented with destination images laden with predispositions, shaped by feelings of the moment and the spectrum of life experiences.” (Robison, 2004: 56).

O acto de ler provoca e impulsiona o leitor a partir em busca de emoções semelhantes às descritas na criação literária, no sentido de procurar interagir com os locais nela descritos; pode questionar-se quem é que ao ler Ernest Hemingway, ou Franz Kafka, Victor Hugo ou os portugueses Fernando Pessoa, Eça de Queirós e Camilo Castelo Branco não tem vontade de contactar com a realidade e a história das cidades onde estes autores viveram e descreveram nas suas obras, revivendo ambientes, cenários e eventos transportados da ficção para a experiência real de visita dos locais, facto que inequivocamente pode provocar no leitor a ânsia de viajar (Sardo, 2008).

A Organização Mundial de Turismo define o turismo literário de duas formas distintas: a primeira, que sublinha o facto de o turismo literário visar a satisfação da necessidade de diversidade e o aumento da cultura geral que o ser humano transporta consigo; a segunda, que implica a percepção de que o turismo literário está relacionado com as necessidades culturais e educacionais dos indivíduos (Castro, 2007: 10). Numa visão mais aprofundada do conceito, para Sardo o turismo literário está relacionado com “a descoberta de lugares ou acontecimentos dos textos ficcionais ou das vidas dos autores desses textos” (Sardo, 2008: 81). Nesta medida, o turista literário procurará descobrir de que forma os locais em que os autores viveram ou que visitaram influenciaram, em concreto, a forma de escrever e de descrever, na criação literária, uma determinada realidade geográfica, social e cultural, visitando esses próprios locais (Sardo, 2008).

A literatura pode estabelecer uma relação com o turista *à priori* porque o quando este se desloca a um determinado país, a uma cidade ou a um local em particular fá-lo motivado por um livro, por um texto, de natureza criativa, e tem já, portanto, alguma percepção da maioria dos aspectos que procura encontrar e quais as necessidades de percepção do lugar a visitar que pretende

A Ilha da Madeira pela mão dos seus poetas – Construção de um roteiro literário,

João Filipe Ribeiro de Abreu

satisfazer: “[t]he relationship between specific tourist literature and the tourist is built upon mutual understanding of an anticipated outcome.” (Robison, 2004: 48).

O Turismo e a Literatura interagem entre si motivando a existência estudos interdisciplinares (Sardo, 2008). A subjectividade da Literatura vai, em grande medida, suportar o Turismo Literário, pois este dependerá substancialmente da relação que o leitor estabelecerá com a Literatura e o que dessa experiência de interpretação e de fruição estética consiga extrair. A Literatura tem, como se pode constatar, segundo Robison, a capacidade de despertar, no leitor, a vontade e o interesse em aprofundar os aspectos abordados nos textos e isso incluirá, entre outras, a possibilidade de visitar os locais que na literatura são abordados:

“Literacy Tourism, it might be argued, is based on the subjective act of reading, and initially intimate and private activity where the reader engages in ‘self-making’. Such ‘self-making’ is echoed in the tourist’s search for the sites, symbols, places and experiences encountered in the literature”. (Robison 2004: 52).

Um dos campos que o Turismo tende a explorar com maior intensidade e amplitude é o do Turismo Literário, razão para haver esta tipologia de Turismo; assim se operará a capacidade de a Literatura relacionar locais com a narrativa ou a poesia, valorizando substancialmente a percepção do espaço:

“One of the strenghts os literature is the way it can combine the structured realities of place with the immense possibilities of action and caracterizacion in self-supporting narratives.” (Robison, 2004: 54).

Atento a estas potencialidades, os estudos acerca do Turismo evoluíram no sentido de desenvolver esta outra tipologia como sendo mais uma possibilidade de oferecer o destino, conquistando assim outro segmento de mercado, um segmento que está mais orientado pelas questões culturais e não propriamente apenas com questões de lazer.

Outro campo que o Turismo Literário aborda está relacionado com os locais onde os escritores desenvolveram a sua actividade, as respectivas cidades natais, medida em que “[c]onhecer a vida dos escritores, descobrir convulsões dos seus pensamentos (...) faz-nos querer passar dos livros para a descoberta dos lugares onde se movimentaram (...)” (Sardo, 2008: 82). Assim, as instituições públicas ou os agentes de poder local recuperam a antiga residência do escritor tornando-as sítios visitáveis, permitindo, deste mod, que os visitantes tenham a percepção do dia-a-dia do escritor. Para Marsh (1993) citado por Herbert

“In these places, a visitor can still walk out of a house and into landscapes which have barely changed since the writer drew breath from them and breathed literature into them... We walk in our writers’ footsteps and see through their eyes when we enter these spaces. “ (2001: 314).

De forma genérica, existem duas fortes motivações que estão na essência do aparecimento do Turismo Literário: i) visitar os sítios que são referidos na narrativa, adicionando uma imagem concreta aos locais descritos pelo escritor e despertando emoções ainda mais realistas do que as relatadas na narrativa. ii) visitar a “casa do escritor” de modo a conhecer o ambiente em que este viveu e escreveu. Por isso, pode definir-se Turismo Literário como a deslocação de pessoas com interesses literários, através da qual procuram desenvolver novas experiências literárias, de natureza individual e, portanto, subjectiva, e aprofundar o conhecimento que possuem sobre determinado escritor; este tipo de turismo difere do Turismo Patrimonial, porque os turistas que o praticam procuram essencialmente sensações de percepção do espaço e o visionamento das paisagens descritas pelo escritor.

1.1.2. O Itinerário Literário

Os itinerários literários são instrumentos de organização de viagens que remontam ao século V A.C.; este itinerário foram desenvolvidos pelos gregos e continuados pelos romanos e serviram para definir rotas e melhor compreender os percursos efectuados pelos povos ocidentais:

“Na verdade, efectuar percursos definidos com base na literatura é um fenómeno que, segundo Charis Heelan (2004) remonta ao século V a.C., com o escritor e historiador grego Heródoto a inspirar milhares de gregos, e mais tarde romanos, a visitar as margens do rio Nilo. Não podemos também deixar de fazer referência à Bíblia, seguramente o livro que fez movimentar o maior número de ocidentais, por motivos religiosos e não só.” (Castro et all, 2007: 10).

O relato e a descrição de viagens ganharam notoriedade com a Revolução Francesa, em meados do século dezanove, acontecimento que foi responsável por profundas evoluções em várias áreas, como, por exemplo, nos transportes, nas viagens e na literatura (conforme foi mencionado anteriormente).

Tal como a literatura de viagens, também o turismo sofreu uma diferente abordagem com a Revolução Francesa, pois

“Travel writings started to really appear at the beginning of the 19th century, with the changes in transports, in the printing and travel business (Bertho-Lavenir, 1999). They have had an enormous impact on the development of tourism.” (Campalto, 2006: 12).

Segundo Campalto, escritores como Dostoiévski, Stendhal, Goethe e Victor Hugo começaram a descrever as suas viagens e as sensações e emoções que interiorizavam nesse processo, situando a partir deste momento

o início da elaboração de guias de viagem¹⁴, que hoje são um instrumento de divulgação massiva e de enorme valor para qualquer turista.

Florence Lignac (2003), citado por Sardo 2008, também refere que

“as viagens “peregrinações literárias” ou visitas às “casas de escritores ou de homens célebres” não são criações recentes. Diversos lugares abertos ao público, assim como numerosos textos, testemunham e atestam, desde os finais do século XIX, o interesse por estes lugares de memória” (2008: 83).

O Itinerário, com base numa determinada obra, ou conjunto de livros ou de textos de um determinado escritor, é elaborado tanto para o indivíduo que já tem conhecimento prévio da(s) obra(s), como para o indivíduo que ainda não se inteirou da(s) obra(s) a que se referem, despertando, assim, o desejo de futuramente conhecer a obra, ou obras, que estiveram na base daquele itinerário específico. Deste modo, os itinerários literários serão uma ferramenta fundamental também para divulgar autores e as suas obras, contribuindo para que haja uma maior divulgação da literatura local:

“Verificamos, pois, que a influência da obra literária tanto pode surgir antes como durante a viagem: antes, o indivíduo lê a obra, desejando posteriormente conhecer o local descrito na mesma ou outros locais relacionados com o autor; durante, o turista tem conhecimento da existência de um roteiro literário e decide experimentar, podendo surgir posteriormente o desejo de conhecer a obra.” (Castro, 2007: 11).

Importa assinalar o facto de, no entanto, muitos autores criticarem o trabalho feito nos itinerários literários, por estes não transcrevem a realidade dos livros tal como é, pois os itinerários não podem esquecer que a sua missão é satisfazer os visitantes de determinado destino turístico. Muitos

¹⁴ “Os guias constituem elementos fundamentais entre a panóplia de ferramentas que integram a bagagem do turista, difundindo através de um modelo estabilizado ao longo destes cerca de duzentos anos conteúdos simplificados e/ou simplificáveis de proximidade imediata, fáceis de aceder e entender, que em simultâneo certificam e sublinham o essencial e «obrigatório».” (Martins, 2011: 4).

A Ilha da Madeira pela mão dos seus poetas – Construção de um roteiro literário,

João Filipe Ribeiro de Abreu

deses itinerários são readaptados de forma a ir ao encontro das expectativas do visitante, o que levanta, desde logo, críticas por parte de estudiosos, mas o turismo literário é feito visando o lucro e é com esse objectivo presente que os itinerários literários são elaborados e idealizados:

“The literary attractions allow the tourists to further immerse themselves into their favorite books; however, sometimes there is a loss of discourse around the work, and complicated issues become severely simplified. Yet if literary tourism is to survive, perhaps this is a necessary evil with which scholars will have to cope.” (Curtis, 2008: 25).

O percurso literário, outro nome amplamente difundido para designar itinerário literário, permitirá ao visitante conhecer a cidade como realidade material, como um espaço que permitiu ao escritor construir e desenvolver um cenário para a narrativa, dando ao turista a possibilidade de observar a cidade de uma forma distinta, isto é, caminhar pelas ruas assumindo, digamos assim, o ponto de vista do escritor; este percurso isto permitirá ao turista ter contacto com particularidades específicas da cidade a que não acederia pela simples observação da realidade geográfica sem a existência de um roteiro ou itinerário literário:

“Literary tours provide a similar process of crafting and constructing a narrative through human interaction with place; the city is experienced like a material object, giving the idea of Dickens and London a physical manifestation in the city streets.”(Mathieson, 2012)¹⁵.

As autoras Cláudia Henriques e Sílvia Quinteiro também referem este aspecto num artigo sobre Turismo Cultural:

“O pressuposto é de que através do estímulo de dinâmicas culturais e/ou da delimitação de itinerários associados a determinado(s) escritor(es) possa estabelecer-se uma (re)interpretação da cidade pelo olhar de dado escritor.” (Henriques et al, 2011: 606).

¹⁵ Disponível em <http://myblogs.informa.com/jvc/2012/02/07/%E2%80%9Ccan-you-show-me-the-places%E2%80%9D-dickens-2012-and-literary-tourism/>. Consultado a 25/05/2012.

A Ilha da Madeira pela mão dos seus poetas – Construção de um roteiro literário,

João Filipe Ribeiro de Abreu

De facto, o turismo literário não desperta apenas interesses literários, desperta também outros valores e significados culturais; Squire (1994), citado por Campalto, refere que “literary tourist is not simply function of ‘literacy’ influences (...) it is a medium through which range of cultural meanings and values may be communicated” (2006: 22).

O itinerário literário permite também que o visitante associe a imagem estética percebida na sua visita à imagem literária, contribuindo para que haja uma estreita ligação entre a narrativa e a realidade do turista, pois

“O itinerário literário permite que a celebração da leitura de um livro se enlace no trilho da criação estética e ética das paisagens visitadas. Colhendo a literatura na viagem e a viagem na literatura poder-se-á elevar os itinerários ao estatuto de género literário”. (Mendes, 2007: 92).

De facto, a imagem estética tem um enorme poder de sedução, razão porque é muito procurada pelos visitantes:

“(...) the landscape fashioned in literature are a powerful factor in shaping tourist views, expectations and actions. Not just because the places seem nice to go to but also because the search for the landscape of a special novel or poem can become an end in itself. (Butler-Adam, 2003,4)”. (Campalto, 2006: 19).

De certa forma, os itinerários literários surgem, também, com o intuito de o visitante se libertar das tensões e dos constrangimentos do seu dia-a-dia, de ter acesso a experiências e a sensações subjectivas distintas daquelas que marcam o seu quotidiano, que permitem que se observem as cidades da forma “como costumavam ser” de uma outra perspectiva – a histórica ou a ficcional –, contribuindo para se compreender a evolução que as cidades vão sofrendo na actualidade, sobretudo quando os itinerários literários se referem a escritores contemporâneos, como também para se poder observar o sistema

social vigente, o que com certeza deverá divergir daquele a que está acostumado na sua cidade de origem:

“Literary tours allow travelers to immerse themselves in their favorite authors' lives, to forget about their own "everyday and mundane" existence. The draw that tourists feel to authors' lives and their writing is the sense of otherness, the curiosity to know how "it used to be." An American tourist walking into a historic London pub is completely severed from all familiar ties. Not only is the building older than most any American would ever experience, but the social structure is different as well.” (Curtis, 2008: 8).

Os percursos literários podem ser elaborados tanto pelos visitantes, a nível individual, como por entidades com responsabilidades nesta área.

1.1.3. Influência da escrita na percepção estética da paisagem

Sobre a estética, Paul Valery (1957), citado por Giannotti, afirma que

“O nascimento da Estética se deve ainda a um certo gênero de prazer, ou de juízo de um sujeito frente à obra já realizada. Um prazer criador que chega ao extremo de reproduzir o objeto enquanto uma representação do espírito. Esta postura abstrata estética dos metafísicos chegou ao extremo de separar o belo das belas coisas. Ora, o real renega a ordem e a unidade que o pensamento pensa lhe infligir. A unidade da natureza só aparece nos sistemas de signos expressamente construídos para este fim, e o universo não é nada mais do que uma invenção mais ou menos cômoda (...)” (2003: 102).

A presente definição do conceito de estética é, do meu ponto de vista, a que mais se enquadra na problemática dos roteiros literários, pois, estes permitiram ao leitor/visitante observar paisagens, locais e imagens que existem, ainda que, naturalmente, nos termos que o escritor utiliza, sejam caracterizados de modo imaginário ou utópico.

Os roteiros literários são instrumentos predominantemente escritos – “As palavras aparecem como signos artificiais, instrumentos de comunicação incompletos, (...)” (Giannotti, 2003: 96) – elaborados para efeitos de divulgação turística. Esses roteiros tendem a influenciar a forma como se interpreta a estética paisagista, isto é, a forma como o visitante percebe uma paisagem, caracterizada no roteiro literário.

As paisagens descritas nos roteiros literários, como assinala Enstice (1997), citado por Queiroz (2010), são paisagens literárias nas quais a narrativa tem lugar,

A Ilha da Madeira pela mão dos seus poetas – Construção de um roteiro literário,

João Filipe Ribeiro de Abreu

onde a imaginação e a realidade se cruzam, de forma a se criarem “landscapes of the mind”.

O carácter de ilusão está bastante presente na descrição de paisagens pois, em alguns casos, para além do carácter ficcional da obra, o leitor é iludido pelo escritor na descrição que este faz de uma paisagem, o que faz com que, posteriormente, quando o turista frequenta esse local, se aperceba de que o espaço difere do que foi descrito pelo escritor. Nestes casos, as palavras sobrepõem-se à paisagem, pois identificam conteúdos que apenas são possíveis no patamar imaginário. Oliver Rolin (2010), citado por Queiroz (2010), vai mais longe ao afirmar que:

“os escritores contribuem muito para nos enganar e para errarmos dentro e acerca das cidades. Lemos um desses livros cujo objecto é a cidade e depois, ao desembarcarmos um dia pela primeira vez, constatamos que nada mudou desde que nunca lá estivemos” (Queiroz, 2010: 2).

Oliver Rolin (2010), citado por Queiroz (2010), refere que muitos locais ainda estão à espera dos escritores para poderem nascer e que apenas serão “pontos cintilantes” quando forem parte integrante de uma qualquer narrativa (Queiroz 2010). Ainda no âmbito da imaginação, e no que respeita à sua integração na realidade,

“[a] função essencial da imaginação é “converter o adquirido em visível, fazê-lo aceder à representação”. Tanto no plano empírico, como transcendental, a imaginação remete para a capacidade de visibilidade.” (Mendes, 2007: 94).

A capacidade de se imprimir visibilidade a um determinado espaço resultará em várias manifestações visuais, contudo, pois cada leitor/visitante terá uma percepção visual distinta de outro turista, em virtude de várias condicionantes intrínsecas ao indivíduo.

De facto, os roteiros literários que são compostos por fragmentos literários poderão responsáveis pela maior visibilidade de cidades ou realidades geográficas, pelo revelar de novos “pontos cintilantes” no mapa mundial, pois poderão ser responsáveis por estabelecerem uma relação entre o leitor/visitante e a narrativa, assim como com a realidade a que esta se refere, processo no qual o leitor/visitante inevitavelmente relacionará a realidade com ficção.

Vilches (1983), citado por Rahde (2000), responsabiliza o leitor pelo facto de integrar a imagem no discurso proferido pelo escritor, na medida em que é o leitor que tem a missão de relacionar a imagem percebida por si com as palavras lidas: “Não é a imagem, senão o leitor, quem realizará a integração da problemática da verdade no discurso ou na proposta visual” (Rahde, 2000: 19).

Segundo Queiroz (2010:2) na *press-release* para o evento “Próximo Futuro”, realizado na Fundação Calouste Gulbenkian, a passagem de “paisagem” para “paisagem literária” está dependente de diversas variáveis: a nível da percepção visual, dependerá da informação que tenha e da experiência adquirida; a nível da individualidade, dependerá da função de utilidade pessoal e do contexto sócio-cultural em que está inserido.

Sobre a individualidade, Kant, citado por Mendes (2007), classifica-a como sendo um elemento classificado *à priori*:

“Os *a priori* da experiência estética referem-se, simultaneamente, às condições de subjectividade interna do sujeito, que tornam possível a vivência do mundo expressivo que a obra nos manifesta. Viabilizam a minha experiência do objecto estético, o que já me indica certas condições de possibilidade e referem-se ao próprio poder que o objecto estético tem de abrir o mundo e exigir do receptor a resposta através do sentimento com que o espectador se disponibiliza às sensações desse objecto.” (Mendes, 2007: 100)

Deve sublinhar-se, contudo, que “mudanças na paisagem real seriam também influenciadas pelas paisagens literárias (percurso externo ascendente), determinando escolhas.” (Queiroz, 2010: 2). Thibault-Laulan (1971), citado por Rahde, afirma que o leitor poderá ter várias interpretações da paisagem, poderá atribuir à sua percepção vários significados, pois esta atribuição de significado depende em grande medida das várias formas de compreensão individual e subjectiva de cada um dos leitores; nos casos dos roteiros literários, este processo dependerá sobretudo da compreensão que decorra da leitura dos textos que estão na base da sua elaboração, que no caso desta dissertação pertencerão ao género poético. Neste aspecto, os roteiros literários são considerados manifestações literárias, pois possuem características intrínsecas que permitiram classificá-los como um género literário:

“O itinerário literário permite que a celebração da leitura de um livro se enlace no trilho da criação estética e ética das paisagens visitadas. Colhendo a literatura na viagem e a viagem na literatura poder-se-à elevar os itinerários ao estatuto de género literário.” (Mendes, 2007: 92).

Num certo sentido, pode considerar-se que para os poetas existem dois mundos, um mundo subjectivo – que está relacionado com o sujeito poético, um mundo individualmente percebido que se manifesta pelas emoções, um mundo que o próprio autor cria – e o mundo real – elaborado a partir da objectividade na sua visão do mundo; este é aquele em que se podem inserir as paisagens e os locais percebidos pelo leitor/visitante observa, pois são exactamente a realidade do este observa em estado natural, sem qualquer influência das variáveis estéticas ou criativas anteriormente descritas (Prager, 2007).

Os roteiros literários são manifestações objectivas, baseadas no mundo subjectivo do poeta, onde depois caberá ao leitor/visitante fazer a ligação com o

A Ilha da Madeira pela mão dos seus poetas – Construção de um roteiro literário,

João Filipe Ribeiro de Abreu

mundo real, mundo esse que estará fortemente condicionado por: percepções visuais e individualidade.

“Our mind does us the favor of providing us with the impression that there is a outside world” (Prager, 2007: 1), assim o roteiro literário não correrá o risco de ser um instrumento que reúna informação imaginária, será importante que haja a percepção que a informação reunida necessitará que o leitor/visitante faça a ponte com o mundo objectivo, dando um carácter realista ao conteúdo subjectivo do roteiro literário. “ (...) o Itinerário está, indissolavelmente, ligado ao sujeito (ao seu interprete) e à experiência estética que, simultaneamente, o constitui e o reconhece, transformando-o em “objecto estético” autenticamente significante. “ (Mendes, 2007: 92).

Ainda na poesia, pode constatar-se que

“Uma citação célebre da *Poética* de Aristóteles basta para confirmar isto: a poesia é mais filosófica do que o saber histórico. Enquanto que o saber histórico não faz mais do que nos contar como as coisas aconteceram no passado, a poesia nos conta como as coisas podem acontecer em todo o tempo. A poética se distingue da história justamente por seu carácter utópico, projetivo.” (Giannotti, 2003: 101).

Portanto, os roteiros literários terão a possibilidade de explorar este carácter utópico da poesia, potenciando a relação entre os locais nela referenciados com a visão subjectiva e utópica da poesia, dando a possibilidade ao leitor/visitante de explorar essa percepção idealizada de uma forma estruturada, através da qual poderá relacionar a imagem poética com a imagem real.

Segundo Oliveira (1999), citado por Massagli (2010)

“Quanto mais verbal for a poesia, mais temporal e vice-versa; quanto mais visual, mais espacial. A passagem do verbal para o visual é marcada pela transformação do tempo em espaço” (2010:1108).

A conjugação do tempo e do espaço resultará na construção do objecto estético, ou, por outras palavras, o resultado final de um dado poema, ou conjunto de poemas. Será sobre esse objecto estético que o roteiro literário fundamentará a

sua essência, a sua razão de ser, que, de certa forma, levará ao leitor/visitante a ultrapassar a subjectividade da utopia. Os roteiros literários serão sempre instrumentos inesgotáveis, dado que o tempo e espaço estão em constante mudança, provocando sempre o carácter de inovação e de surpresa constantes no seu público-alvo.

É com base na relação entre a estética, imagem e poesia que surgirá o roteiro literário sobre a Região Autónoma da Madeira que será proposto nesta dissertação, no qual será reunido um conjunto de textos literários (no caso, poemas), e que se supõe poder vir, por um lado, a contribuir para estimular o Turismo Literário, e, por outro, também a relacionar a subjectividade da criação poética com a estética da percepção da paisagem – natural e edificada, por exemplo – da Região Autónoma da Madeira.

2. Os Roteiros Literários

2.1. O potencial dos itinerários literários

Os países anglo-saxónicos são um bom exemplo de países que exploram o potencial do turismo cultural, especialmente na vertente dos itinerários literários:

“Literary tourism is one tourism niche of heritage tourism: it takes various forms, (...), and is very well developed in Anglo-Saxon countries.” (Campalto, 2006: 77).

Herbert (2001), num artigo intitulado “Literacy Places, Tourism and the Heritage Experience”, analisa dois locais (Laugharne e Chawton) onde os escritores Dylan Thomas¹⁶ e Jane Austen¹⁷ passaram grande parte do seu tempo com o objectivo de compreender quantos dos visitantes frequentaram aqueles dois sítios e que são considerados como visitantes com motivações literárias. Para avaliar este tipo de visitantes, o autor teve em conta os que responderam que tinham conhecimento prévio dos escritores e das suas obras. De entre os inquiridos, apenas 15%, dos que responderam pertenciam ao grupo de visitantes com motivações literárias. Contudo, 51% dos inquiridos responderam serem conhecedores e apreciadores dos escritores, em Chawton, e 39%, em Laugharne. Apesar de ser uma percentagem pequena, é possível por este estudo concluir que há visitantes que viajam motivados por interesses literários ou apenas por terem conhecimento da relação de um destino em particular com determinado escritor, por contactos estabelecidos *à priori* com os escritores e com as suas produções literárias. Perante esta realidade, diversas entidades começam a oferecer e a divulgar determinado destino apelando aos interesses e sensibilidades culturais do seu potencial

¹⁶ Dylan Marlais Thomas (1914 – 1953) – poeta galês.

¹⁷ Jane Austen (1775 – 1817) – escritora inglesa.

mercado de turistas, mais especificamente os literários, neste caso particular. Um dos instrumentos de promoção e de divulgação turística poderão ser, então, os roteiros (ou itinerários) literários, incluídos nas campanhas de promoção turística como “(...) suggestion of the “benefit package” that any destination offered, appealing to a range of interests.” (Gartner, citado por Herbert, 2001: 325).

Num outro estudo sobre o potencial de um destino literário, desenvolvido por Mylène Campalto na região francesa Haute-Savoie, Annecy, numa amostra de cento e dois entrevistados, 70% dos inquiridos responderam afirmativamente quando foi questionado se os livros ou o autor influenciavam a escolha e a percepção de um destino, o que mostra que a maioria dos entrevistados é sensível à literatura; mesmo que a literatura não seja o motivo principal da sua visita, esta tem um papel importante nas percepções que permanecem dos locais que os turistas visitaram. Deve referir-se que no mesmo estudo se concluiu que 26% dos entrevistados tinham conhecimento de escritores que produziram obras sobre aquela região, o que não deixa de ser um número interessante para aferir a potencialidade da promoção de um determinado destino turístico através da literatura.

De forma a cativar da melhor forma os potenciais turistas, os itinerários literários tendem a integrar os seus visitantes no enredo da narrativa, ou na época a que se refere a sua produção, de forma a potenciar a experiência de visita cultural e cativar outros visitantes a frequentar aquele itinerário.

Perante um itinerário literário, os visitantes devem ser integrados na narrativa para que possam, de forma genérica, interiorizar o conteúdo literário da obra do escritor em questão, correspondendo à satisfação das necessidades despertadas pelos textos literários. É importante que na construção destes “sítios literários” se considere a necessidade de estes poderem “evocar memórias nos visitantes, de relembrar histórias, livros ou autores que foram lidos na infância” (Sargo, 2008:85).

Em França foi criada uma organização especializada em construir roteiros literários, a *Terres d'Écrivains*, que se “propõe descobrir a literatura através dos lugares e dirigem-se a turistas, estudantes, professores, escritores ou simples amantes da literatura.” (Sargo, 2008:86). Fica um exemplo, sobre um destes “sítios literários”:

“The house, 221b Baker Street, was set up to resemble exactly the descriptions in the books; to top it all off, when the visitors enter, they are greeted by an actor portraying Sherlock Holmes himself. The women in the gift shop are dressed in period costume as well, though they do not perform reenactments.” (Curtis, 2008: 9)

Para além desta, há diversas entidades e organizações que promovem festivais para celebrar datas importantes relacionadas com determinado escritor, seja a sua data de nascimento ou a data em que faleceu, em que o conceito fundamental é o de incorporar o máximo possível o visitante no contexto dos seus livros:

“(...) the town and museum holds an annual "Jane Austen festival," where enthusiasts come from all around the country to dress in period clothing and participate in events such a regency dance workshops, walking tours and traditional tea in the regency tea rooms. The "promenade," which takes place "along the grand Georgian terraces of C18th Bath in costume of the period" ("The Jane Austen Centre") is the largest in Europe.” (Carris, 2008: 10).

Os itinerários literários contribuem de forma inquestionável para a divulgação de diversos locais (países, cidades, etc.) e servem como instrumento de reforço da estratégia de *marketing* destes destinos turísticos, pois são utilizados pelos agentes locais. Os itinerários literários são um instrumento importante no momento em que se “vende” determinado destino e os agentes locais aproveitam este instrumento de divulgação para aumentarem o fluxo de visitantes a determinado local, sem os quais, se não fossem os itinerários literários produzidos e divulgados, nem eram conhecidos.

Os itinerários literários são realizados também com o objectivo de preservar o património cultural, de dinamizar ou estimular o aparecimento de museus locais, ou

para proteger os usos e os costumes de determinada população local (Sardo, 2008).

Um exemplo disso é um itinerário literário sobre Shakespeare:

“One of the best examples of the European literacy heritage, which is used by the travel industry, is Shakespeare: without him, Stafford-upon-Avon (England) would never have been it is nowadays.”(Campalto, 2006: 13).

2.2. Roteiros Literários Internacionais

Existe uma imensa panóplia de roteiros literários, uns mais específicos que outros, e que analisarei, de seguida tendo em conta os vários aspectos que os distinguem (em anexo incluem-se os roteiros de forma mais detalhada, para que se possa ter uma ideia concreta desta oferta).

Um dos exemplos de roteiro literário é baseado nas obras da escritora J.K. Rowling, autora de obras ficção, mais especificamente de *As Aventuras de Harry Potter* – que se baseia num percurso que dura entre um a nove dias, passando pelas cidades de Londres, Somerset, Gloucester e Oxfordshire. Nestas cidades os turistas visitam os mosteiros e os castelos, conhecendo toda a arquitectura que fez parte de toda a história de Harry Potter. Há também jogos didácticos, mais direccionados para um público jovem. Este roteiro tem um público-alvo bastante específico, isto é, é direccionado para os entusiastas dos livros sobre as aventuras de Harry Potter, ou até da cinematografia produzida a partir desta obra. Quanto aos preços praticados, não estão explicitados no *site* que gere estes roteiros.

Os livros da personagem Drácula, de Bram Stoker, deram também origem a um roteiro literário, em honra do seu enorme sucesso. Diversas entidades exploram intensamente o sucesso e a visibilidade que a personagem Drácula tem em todo Mundo, fazendo estes roteiros em torno da personagem, nem sempre seguindo propriamente o texto escrito por Bram Stoker. No sítio da *World Wide Web* <http://www.mysteriousjourneys.com/>, elaborado pela *Company of Mysterious Journeys*, empresa que sustenta a sua actividade em roteiros literários baseados na personagem Drácula, há vários roteiros disponíveis, consoante o cliente, desde um trajecto feito a pé, outro feito através de veículo automóvel, a roteiros especiais, de que são exemplo o que contempla o *Halloween*.

Os roteiros acima mencionados estão classificados em três níveis: "The Classic"; "The Twilight Zone Dracula tour" e "Only for the survivors of the lesser ones". Todos estes trajectos disponíveis contextualizam, ao detalhe, o visitante no contexto da obra de Bram Stoker de modo a permitir conhecer e observar toda a envolvência da história do *Drácula*. O público-alvo destes itinerários é todo o visitante com um interesse cultural eventualmente acima da média, conhecedor ou não das obras de Bram Stoker, uma vez que a personagem *Drácula* é mundialmente conhecida, ou então para o público com especial interesse pelo "lado escuro" deste tipo de literatura. O alojamento dos turistas é da responsabilidade da agência que organiza estes roteiros. Quanto aos preços praticados, variam entre os 439 euros e os 900 euros, dependendo do programa que é seleccionado e de quantos dias os turistas irão pernoitar. Há uma enorme flexibilidade na oferta disponível, visando vários segmentos de mercado.

Um género diferente de roteiros literários é o *The Edinburgh Literary Pub Tour*, fornecido pela "The Scottish Literary Tour Trust, Ltd.", que tem como objectivo a divulgação do património literário escocês, de uma forma particular, isto é, através da animação. O público-alvo será aquele que tem maior apetência para cultura, nomeadamente, a cultura literária. Este projecto consiste na criação de duas personagens, *Clart* e *McBrain*, que vão deambulando pela cidade e estabelecendo um diálogo entre si, baseado nas obras literárias de referência que se referem a várias obras que têm a cidade de Edinburgh como cenário. Este roteiro tem a duração de um dia, estando disponível diariamente, bastando para isso adquirir o bilhete que tem um custo unitário de 9 *pounds*. Outra das opções disponíveis é a de o roteiro ser efectuado sem qualquer guia, estando disponível um guia em áudio, descarregado para um equipamento móvel, que servirá para orientar o visitante, e no qual as duas personagens ficcionais anteriormente citadas, vão, entre diálogos, revelando pormenores relevantes presentes na literatura local.

Existe ainda outra opção disponível, que é a da "Edinburgh Literary Bus Tour". Esta é uma forma distinta e original de sensibilizar os visitantes para o património

literário da cidade, de promoção da literatura e de protecção do património edificado deste espaço.

Descobrir a cidade de Roma e os seus segredos através da obra do escritor Dan Brown *Anjos e Demónios*, cuja acção se desenrola exactamente nesta cidade italiana, é o que nos propõe a *EuroQuest Travel Group – Italia Tours*. Tal como é referido no *site* desta agência, este roteiro está direccionado para leitores apreciadores do escritor, bem como para aqueles que desconheçam a obra, pois este roteiro literário permitirá ao turista cultural deambular pelas ruas de Roma de uma forma distinta e muito particular. Este pequeno roteiro literário tem a duração de uma manhã, é feito a pé, em grupos com um máximo de vinte e cinco pessoas, para que o guia consiga acompanhar cada visitante na sua caminhada pela cidade. Outro dos objectivos deste roteiro é o de envolver o visitante no enredo do livro, revestindo o trajecto literário de mistério, intriga e de efeitos de surpresa. Esta pequena caminhada realiza-se com a periodicidade de quatro vezes por semana (às terças-feiras, às sexta-feiras, aos sábado e ao domingo) e tem um custo unitário de sessenta e nove euros, incluindo as entradas nos vários edifícios, um guia profissional e um mapa dos *Illuminati*.

A empresa *Casterbridge*, que pertence à *ASTA*¹⁸ (*American Society of Travel Agents*) é especialista na organização de roteiros literários um pouco por todo o mundo. Esta empresa tem um público-alvo bastante restrito, pois a sua acção está direccionada para os estudantes. Um dos roteiros disponibilizados pela *Casterbridge* permite visitar os locais que inspiraram alguns dos grandes escritores europeus, os museus que se dedicam à preservação e à divulgação do património literário, elaborados com o objectivo de despertar o interesse pela literatura e pela escrita internacional junto dos estudantes.

¹⁸ É a maior associação de agências de viagens. Disponível em: <http://www.asta.org/>. Consultado a 25/05/2012.

Escritores como Johann Goethe, Friedrich Schiller, os irmãos Grimm, Dante Alighieri, Niccolò Machiavelli, Victor Hugo, Émile Zola, Alexandre Dumas, Miguel de Cervantes e Federico García Lorca são alguns dos exemplos dos autores a que se referem os roteiros literários que se encontram disponíveis para os países de que os escritores são naturais. Esta é uma oferta bastante diversificada de roteiros literários, de actividades que permitem conhecer algumas das principais cidades mundiais e os seus grandes escritores. Neste momento, a empresa de agenciamento de viagens *Casterbridge* tem disponível cerca de trinta roteiros literários distintos e específicos, com uma duração distinta, com preços variados, consoante diversos critérios de procura e os diferentes interesses dos visitantes. Esta empresa será inevitavelmente uma opção a ter em conta no âmbito do turismo literário e os visitantes que adquirem produtos desta empresa (com pacotes em que todos os custos do itinerário estão incluídos) beneficiam de um trabalho especializado particularmente dirigido para grupos de estudantes.

Como se comprova, os roteiros literários estão já institucionalizados como um importante instrumento da oferta turística cultural, sendo uma muito relevante opção na divulgação de determinado destino turístico cultural, especialmente tratando-se de um segmento de mercado bastante distinto dos restantes grupos de turistas. Deve sublinhar-se a ideia de que estes roteiros são oferecidos conjuntamente com roteiros sobre monumentos, pois, são parte integrante do Turismo Cultural.

2.3. Roteiros Literários Nacionais

Em Portugal ainda não há uma aposta clara, por parte das agências de viagens e de turismo no turismo literário. Porém, estão já disponíveis variados roteiros literários para todos os que demonstrem interesse neste género de turismo.

Na página do organismo *Turismo de Portugal S.I.*¹⁹, uma entidade com responsabilidades no desenvolvimento do turismo em Portugal, não se encontra qualquer referência a roteiros literários, nem é visível qualquer estratégia de desenvolvimento do turismo literário em Portugal; esta entidade tem apostado sobretudo na promoção do turismo patrimonial e existem roteiros desenvolvidos nessa vertente.

As câmaras municipais parecem desconsiderar, também, o potencial do turismo literário, apesar de haver exemplos de autarquias que têm disponíveis no seu endereço electrónico alguns roteiros literários: Câmara Municipal de Sintra e a Câmara Municipal de Ribeira de Pena, por exemplo. Grandes municípios como os do Porto e o de Lisboa não têm disponíveis roteiros literários nos seus endereços electrónicos, ignorando, assim, esta importante vertente do turismo cultural.

Um dos roteiros literários disponíveis em livro é a obra das escritoras Elvira Azevedo e de Zaida Braga, cujo título é *Itinerários Literários: Viajando pela literatura portuguesa*. Ao contrário do roteiro literário anteriormente analisado, esta obra encontra-se organizada por seis roteiros literários distintos: “Percurso Garrettiano”; “Camilo e a casa de S. Miguel de Seide”, “O Porto romântico”; “Lisboa Queirosiana”; “Sintra Queirosiana” e “Eça e a Casa de Tormes”. Também existe um outro percurso proposto, com a duração de três dias, que tem por base a tradição trovadoresca, com início marcado em Portugal e com término na cidade de Santiago da Compostela.

¹⁹ <http://www.turismodeportugal.pt/> Consultado a 23/06/2012.

A Ilha da Madeira pela mão dos seus poetas – Construção de um roteiro literário,

João Filipe Ribeiro de Abreu

Segundo as autoras, *Itinerários Literários: Viajando pela literatura portuguesa* é uma obra direccionada para um público jovem, para estudantes, embora possa ser utilizado também por um público com interesses literários, com o intuito de “fazer a ligação entre o real e a ficção, entre o texto e a sociedade, entre o texto e a história” (Azevedo, 1994: 9). Cada roteiro ou itinerário literário proposto está estruturado da seguinte forma: percurso a realizar, a que se associa um texto literário de suporte; informações de natureza prática e bibliografia consultada.

A obra *Itinerários Literários: Viajando pela literatura portuguesa* é um instrumento que para além dos itinerários literários acima descritos, fornece um conjunto de informações relevantes, desde entidades a contactar ao alojamento, como também, naturalmente, todos os dados sobre o percurso a seguir pelo visitante. Todos os capítulos são acompanhados de imagens que ajudam o visitante a identificar determinados edifícios ou monumentos. Esta será, com certeza, uma obra a ter em conta na elaboração do roteiro literário a que me proponho nesta dissertação.

O projecto *Passeios Literários*, disponibilizado por um conjunto de pessoas sem qualquer vínculo institucional a entidades públicas ou intuito comercial de natureza privada, é outros dos roteiros literários disponíveis que permite caminhar pela cidade de Lisboa ao “sabor” da referência à obra de vários escritores que escreveram sobre a cidade. Este projecto é concretizado por num conjunto de guias, com formação e experiência na área da literatura, que conduzem pequenos grupos de pessoas nas visitas à cidade de Lisboa; trata-se de um roteiro que está destinado a grupos de jovens estudantes, mas que poderá ser dirigido a outros grupos, bastando que, para isso, comuniquem os responsáveis atempadamente. Escritores portugueses de grande relevo, como José Saramago – sobre quem se propõe o itinerário “Lisboa majestosa e devota”; Luís de Camões – com um itinerário designado “(Des)Encontro em Belém”; Fernando Pessoa – a quem é dedicado o itinerário “Itinerário Pessoaano”; Eça de Queirós – autor sobre o qual são disponibilizados itinerários sobre “Os Maias” e sobre “A relíquia”; relativamente a autores como Cesário Verde e Padre António Vieira são outros dos autores contemplados neste projecto.

A Ilha da Madeira pela mão dos seus poetas – Construção de um roteiro literário,

João Filipe Ribeiro de Abreu

O projecto *Passeios Literários* permite também que o próprio grupo elabore o seu trajecto literário, conjugando todos estes escritores, o que certamente originará um roteiro literário único e especialmente interessante. Todos os passeios literários propostos neste projecto têm a duração de cerca de duas a duas horas e meia e são realizados tanto de manhã como de tarde, entre Segunda a Sexta-feira. É importante referir o facto de, neste momento, estes passeios literários não estarem disponíveis. Na minha opinião, trata-se de um projecto interessante que fornece a oportunidade de se poder percorrer a cidade de Lisboa da perspectiva e através do ponto de vista de um ou de vários escritores, seja ele do conhecimento e da eleição do visitante ou não.

A Fundação Eça de Queiroz disponibiliza um roteiro literário baseado na obra “A Cidade e as Serras”, do escritor homónimo, intitulado “O Caminho de Jacinto”, personagem do referido romance, no qual a realidade urbana e a realidade do campo se interligam, iniciando-se o percurso pedestre na Estação de Tormes e tendo o seu término na Quinta de Vila Nova (local onde está situada a Fundação). O principal objectivo da Fundação é a preservação da memória e das obras do escritor Eça de Queiroz, razão pela qual se elaborou o roteiro literário mencionado como forma de divulgar uma das grandes obras do escritor, mostrando, uma vez mais, como o Turismo se pode articular com a Cultura. “O Caminho de Jacinto” é um roteiro que está disponível o ano inteiro; é possível ser realizado por qualquer pessoa, tenha conhecimento ou não da obra que inspirou o trajecto, e o itinerário pode não ser feito com a colaboração de um guia. Está disponível outro roteiro literário com inspiração em obras de Eça de Queiroz, como por exemplo: “Sintra através dos Maias” – roteiro que foi desenvolvido em articulação entre a Câmara Municipal de Sintra e a Fundação Eça de Queiroz.

Como foi possível observar anteriormente, com o projecto *Passeios Literários*, há também um roteiro literário da cidade de Lisboa com base numa obra de Eça de Queiroz., constatando-se que este é, com certeza, um escritor objecto de promoção pelas entidades com responsabilidades na área do turismo literário.

A colecção de livros “Viajar com... Caminhos da literatura”, um projecto de roteiro literário promovido pela Delegação Regional da Cultura do Norte, “surge na sequência de iniciativas anteriores eu tiveram como objectivo a organização de roteiros literários em torno de escritores ligados à Região Norte”. Continuando a descrição, destaca-se que

“este projecto pretende implementar uma acção de carácter regional que potencie a temática da literatura e património, numa lógica de cooperação e de rede (...)”. (Castro, 2005: 1).

Um dos livros desta colecção é intitulado *Viajar com... Camilo Castelo Branco* e encontra-se dividido em quatro partes: “O Homem, escritor”; “Espaços de Inspiração”; “Topografia Literária” e “Nas entrelinhas”. Na primeira parte, existe uma breve cronologia do escritor e referência à bibliografia seleccionada. Na segunda parte estão descritos todos os locais que serviram de inspiração para o escritor, aos quais ia buscar tranquilidade para a sua escrita; há ainda a particularidade de esses mesmos locais estarem datados. Na terceira parte há excertos das suas obras, com a descrição de locais a que se foi referindo na sua obra literária. Na quarta e última parte deste roteiro, “Nas entrelinhas”, apresentam-se breves excertos da obra camiliana com o objectivo de despertar o interesse para a leitura das suas obras. Na contra capa do livro está disponível um pequeno mapa dos locais abordados na obra. Todos os capítulos desta obra são acompanhados por imagens dos locais a visitar, de objectos e de pessoas que se encontram referenciados no roteiro literário. Este é um instrumento distinto de todos os outros até agora analisados, pois obriga a que seja o próprio leitor a organizar a sua viagem e tudo o que isso implica, não estando disponível qualquer guia para acompanhar o respectivo itinerário. Os restantes livros desta colecção seguem a organização do livro que acabei de descrever.

Também relacionado com o escritor Camilo Castelo Branco, a Câmara Municipal da Ribeira de Pena disponibiliza um roteiro literário intitulado “Roteiro Camiliano em

Ribeira de Pena”, percurso que está dividido pelas freguesias que compõem o município, sempre com base nas obras do escritor Camilo Castelo Branco.

O escritor português Miguel Torga elaborou um roteiro literário cujo nome é *Portugal* e no qual

“[a]través do roteiro literário de viagens Portugal (1950), Miguel Torga empreende uma viagem física e cultural pelas catorze regiões do país do território continental, com a apresentação que se segue: O Minho, Um Reino Maravilhoso (Trás-os-Montes), O Douro, O Porto, A Beira, Coimbra, O Litoral, A Estremadura, As Berlengas, O Ribatejo, Lisboa, O Alentejo, O Algarve e Sagres.” (Mateus, 2009:1).

Portugal é outro exemplo de um roteiro literário cuja estrutura difere substancialmente dos anteriormente apresentados, mas que não deixa de ser interessante observar, sobretudo por se poder verificar como, em 1950, havia já o despertar para a relevância das viagens literárias, a preocupação em apresentar a cultura do país por meio da construção de um roteiro literário. Nesta obra Miguel Torga conjuga a imaginação e o sonho com a realidade, tornando esta uma viagem transversal, ajudando a que o leitor se torne um viajante e despertando nele o interesse em conhecer o país que o escritor descreve no seu roteiro. Este é um instrumento distinto dos restantes roteiros literários turísticos, pois é um registo bastante pessoal e subjectivo, pois não se trata propriamente de um roteiro literário que visa acompanhar e ajudar o visitante a percorrer os espaços físicos, mas pretende motivar o leitor para visitar o país, para exercitar a sua imaginação e abrir horizontes sobre a cultura portuguesa.

O escritor José Saramago, tal como Miguel Torga, realizou uma obra – intitulada *Viagem a Portugal* –, que pode ser considerada um roteiro literário, pois baseia-se numa viagem de Norte a Sul do país, e na qual se podem observar factos curiosos descritos pelo olhar do escritor, tal como podemos verificar na obra de Miguel Torga. *Viagem a Portugal* é uma obra que inclui fotografias de paisagens e de monumentos, de modo a fundamentar e a ilustrar o texto escrito. Esta é mais uma opção disponível ao turista literário, que mesmo não sendo objecto de divulgação pelas entidades públicas e

privadas, possui uma inquestionável qualidade e só reforçaria a diversidade da oferta cultural do país, sem quaisquer encargos financeiros.

Outro exemplo de roteiros literários é a antologia de textos de escritores dos séculos XIX e XX intitulada *Portugal A Terra e o Homem*, editada pela Fundação Calouste Gulbenkian, da autoria de Vitorino Nemésio, de David Mourão-Ferreira, de Maria Elzira Seixo e de Jaime Cortesão. Sobre esta antologia, Vitorino Nemésio descreve o seu objectivo primordial:

“Vamos assim ao encontro da curiosidade do lusófilo incipiente, portador de um simples impulso de simpatia por Portugal e talvez de mera imagem criada acasos de turismo ou num breve contacto com homens ou notícias de cá. Levando longos trechos de grandes escritores da nossa língua, dá através deles alguns quadros essenciais da vida portuguesa: o território, o povo, os costumes, as terras” (1978: 7).

Portugal A Terra e o Homem constitui-se como uma obra de referência neste campo de trabalho e pode ser mais um instrumento a ser utilizado para potencializar a divulgação cultural do país, com um roteiro literário consistente baseado em excertos em prosa e na qual está representado Portugal visto por escritores do século XIX e XX. Contudo, alguns dos textos estão desactualizados, porque a paisagem sofreu entretanto profundas modificações, mas a essência da sua beleza tal como descrita pelos escritores antologados continua a ter relevância enquanto memória cultural e literária do país.

2.4. Levantamento dos roteiros literários sobre a Ilha da Madeira existentes em Portugal

A Direcção Regional de Assuntos Culturais da Região Autónoma da Madeira tem disponível um conjunto de mapas – apenas sobre a cidade do Funchal – como roteiros culturais, com uma forte incidência sobre o património cultural, havendo, entre estes, apenas um – “A Cidade Escrita” – que de certa forma se assemelha a um pequeno roteiro literário. Neste mapa estão transcritos pequenos excertos literários sobre um edifício específico ou sobre uma rua; há excertos sobre o Cais da Cidade (de Ricardo Jardim, *in Saias de Balão*); sobre a Avenida do Mar e das Comunidades Madeirenses (por Maria Lamas, *in Arquipélago da Madeira – Maravilha Atlântica*); sobre o Golden Gate (por Ferreira de Castro, *in Eternidade*); sobre a Sé do Funchal (por Raul Brandão, *in As Ilhas Desconhecidas: Notas e paisagens*); sobre a Avenida Arriaga (por Ricardo Jardim, *in Saias de Balão*); sobre o Teatro Baltazar Dias (por Ferreira de Castro, *in Pequenos Mundos e Velhas Civilizações*); sobre a Rua da Carreira (S.A *in Rambles in Madeira, and in Portugal in the early part of MDCCCXXVI. With an appendix of details, illustrative of the health, climate, produce, and civil history of the Island*); sobre o Largo das Cruzes (por Maria Lamas, *in Arquipélago da Madeira – Maravilha Atlântica*); sobre a Igreja e o Mosteiro de Santa Clara (por Helena Marques, “Violante, olhos de mar”, *in 12 Meses no Funchal*); sobre a Travessa das Capuchinhas (por Raul Brandão, *in A Madeira Vista por Escritores Portugueses – séculos XIX e XX*); sobre a Praça do Município (por Maria Lamas, *in Arquipélago da Madeira – Maravilha Atlântica*); sobre o Largo do Chafariz (por Gaspar Frutuoso, *in Saudades da Terra*); sobre o Caminho do Monte (por John Driver, *in Letters from Madeira in 1834; With an Appendix Illustrative of the History of the Island, Climate, Wines and other information up to the year 1838*) e sobre o Monte (por Raul Brandão, *in As Ilhas Desconhecidas: Notas e paisagens*).

Outro das referências que possivelmente se pode inserir neste campo de estudo é a antologia de poemas contemporâneos sobre a ilha da Madeira, que inclui um total de dezasseis poetas, com organização e tradução para italiano pelo autor Giampaolo Tonini (publicada pelo Centro Internazionale Della Grafica Di Venezia).

Há uma colecção de antologias poéticas intitulada “Colecção Pequeno Formato” que podem servir de roteiros literários, apesar de não terem sido construídos com essa finalidade. Duas obras pertencentes a esta colecção – *Saudades da Ilha*, uma obra com selecção e apresentação de José Viale Moutinho, e *Funchal em Fundo*, de João Miguel Fernandes Jorge, são disso exemplo. Estas obras poderão ser referências importantes para a construção de um roteiro literário poético da ilha da Madeira.

Por ocasião da celebração dos 500 anos da Cidade do Funchal foi editada a obra *A Madeira vista por Escritores Portugueses (século XIX e XX)*, da autoria de Rui Nepomuceno, uma recolha de textos que foram escritos por autores de referência da literatura portuguesa (alguns dos quais se presume nem terem estado na região), mas na sua generalidade, de forma presencial ou indirecta reconheceram a beleza e a singularidade da ilha da Madeira.

Funchal (d)Escrito é obra de natureza ensaística que reúne um conjunto de “representações literárias sobre a cidade do Funchal” e inclui menção a histórias de ficção, a textos sobre locais, sobre figuras e sobre paisagens urbanas que descrevem a cidade e que contribuem para se compreender a evolução que a cidade foi sofrendo, através de registos feitos em narrativa; em crónica; em relatos de viagem ou em poesia. Esta obra – que reúne um conjunto de ensaios de vários autores – é outro dos exemplos que poderá ser tomado como referência crítica para a elaboração de um roteiro literário sobre a Madeira.

O escritor madeirense José Agostinho Baptista lançou em 1994 uma importante obra poética sobre a Ilha da Madeira, intitulada *Canções da Terra Distante*, na qual reúne um conjunto de poemas sobre vários locais da Ilha, desde ruas da cidade do Funchal a vários outros locais da Ilha. *Canções da Terra Distante* é uma obra importante para a

A Ilha da Madeira pela mão dos seus poetas – Construção de um roteiro literário,

João Filipe Ribeiro de Abreu

construção de um roteiro literário, tendo em si grande parte das características de um roteiro literário, como se poderá constatar com uma análise mais detalhada, mesmo que não tenha sido elaborada com essa intenção.

Em Novembro de 2010 foi publicado um número na revista de Arquitectura *Coam* com um dossiê dedicado ao Funchal, no qual está incluído um mapa da cidade do Funchal (intitulado “fnc_mapa poético”) em que a autora, Diana Pimentel, refere treze ruas da cidade e identifica-as com pequenos excertos de poemas escritos por poetas que têm uma relação íntima com a Ilha da Madeira. Este é um importante mapa literário da cidade do Funchal e um objecto que visa a divulgação e a promoção do património imaterial da Região; este “mapa poético” serviu de base para a construção do roteiro literário sobre a Madeira que apresento e proponho adiante.

III

1. Proposta de elaboração de um roteiro literário sobre a Ilha da Madeira

1.1. Justificação

Na presente dissertação apresento importantes referências e contributos para a construção de vários roteiros literários sobre a Região Autónoma da Madeira, cujos títulos, eventualmente, poderão vir estar relacionados por várias temáticas: “as flores”; “o clima”; “património cultural”; “toponímia”; “festividades” e “natureza”. Enumerarei, em capítulo subsequente, um conjunto alargado de poemas que resultaram de uma investigação aprofundada sobre o *corpus* poético produzido com referência à Madeira – e que servirão para a construção dos roteiros propostos –, uma investigação com grande importância na medida em que foi constatada a inexistência de roteiros com estas características.

Devido à sua complexidade e dimensão, os roteiros literários aqui propostos não contemplarão todas os géneros literários, concentrando-se na poesia que tem como cenário e referência concreta a Região; considero que este é já um pequeno passo para o estímulo do aparecimento de outros importantes instrumentos tanto de divulgação como de protecção da memória colectiva da Região Autónoma da Madeira na sua dimensão cultural e literária em particular.

Existe um enorme património literário sobre a Região, relevante contributos para a sua divulgação e preservação, descrições muito particulares e generalizadas, tanto da paisagem urbana como da campestre. Este património é um marco importante para a cultura madeirense, tanto para quem visite a Região, como também para quem nela viva,

pois permite a visitantes e a naturais da Madeira descobrir uma Região através de outro olhar, por outra perspectiva, seja ela mais idealizada ou mais realista. Poderá afirmar-se que há uma região poética específica de autores como Herberto Helder, José Tolentino Mendonça, Viale Moutinho, Irene Lucília, diferenciadas entre si e da de (para acrescentar outro exemplo, José Agostinho Baptista). Todas estas diferentes perspectivas poéticas – porque decorrentes de uma percepção subjectiva da realidade – têm a Região como pano de fundo, estando ao dispor do visitante e do habitante a opção de poder determinar quais das perspectivas poéticas pretende seguir na construção de um itinerário literário; assim, a proposta de roteiro literário que a seguir se apresenta pode vir a constituir um importante instrumento para a divulgação e para a promoção da Madeira como destino de Turismo Literário pois o trabalho de pesquisa efectuado permitiu reunir, num mesmo roteiro, perspectivas poéticas distintas conjugadas a favor de um mesmo objecto, a construção de um olhar poético sobre a Ilha da Madeira.

Na selecção de poemas e poetas foi tido em consideração o factor contemporaneidade porque parece ser, essencialmente, a partir desta época que é observável a insularidade na produção dos poetas madeirenses; de facto, há, de certo modo, um estilo com especificidades caracteristicamente insulares, como se pode conformar na tese de doutoramento *Tendências da literatura na ilha da Madeira nos séculos XIX e XX*, de Mónica Teixeira (um relevante estudo que veio colmatar a falta de investigação na área histórico-literária sobre a literatura madeirense), na qual se conclui que existe uma especificidade insular na literatura portuguesa:

“Embora os autores estudados se revelem em estreita consonância com as vozes dos seus pares continentais, com o tempo foram-se isolando progressivamente, acabando por encontrar o seu próprio caminho. E todos eles guardam em si uma certa especificidade insular. Na escrita madeirense surge, assim, a acumulação de duas realidades literárias: continente e lha.” (2005: 417).

O poeta madeirense Herberto Helder, num artigo intitulado “Actividade Literária Madeirense”, publicado na *Voz da Madeira* em Novembro de 1954, citado por Mónica Teixeira, afirma que se “(...)verifica[...] que esta literatura existe quando há “uma linha

A Ilha da Madeira pela mão dos seus poetas – Construção de um roteiro literário,

João Filipe Ribeiro de Abreu

de continuidade na produção de obras literárias, linha que mantém certos elementos característicos e que se enriquece continuamente.” (2005: 429). Com este estudo histórico-literário é possível comprovar que há uma estrutura e um fundamento literário sólido para que se afirme a existência de uma produção literária especificamente madeirense.

As propostas para a construção de um roteiro literário baseado na poesia madeirense são, portanto, sustentadas na produção literária madeirense por se tratar de um roteiro sobre a ilha da Madeira e, na minha opinião, os escritores madeirenses possuem naturalmente uma visão particular e distinta de outros poetas que visitem a ilha.

Para Mónica Teixeira, para se contemplar o campo específico da literatura madeirense, é imperativo anotar que

“(…) todos estes escritores são madeirenses porque nasceram nesse espaço ou porque o adoptaram para viver e não porque a sua obra apresente homogeneidade de tradição ou riqueza temática e linguística que constituam um valor estético que lhes permita constituir uma Literatura à parte da Literatura Portuguesa” (Teixeira, 2005: 430).

Os itinerários literários aqui sugeridos constituem, em certa medida, um esboço do “mapa poético” completo da Região, mas serão, certamente, um importante ponto de partida para a tarefa mais exaustiva de reunir toda a produção poética de outras épocas que referencia a Ilha da Madeira. No sentido de comprovar que é possível fazer um roteiro literário com recurso à produção de poetas que não nasceram na Região, seleccionei poemas de João Miguel Fernandes Jorge – poeta que passou uma temporada na Ilha – e de Carlos Nogueira Fino, poeta que, não sendo poeta natural da Madeira, vive nesta há muito tempo, o tempo suficiente para enraizar características insulares na sua poesia e, por esse facto, estar num patamar distinto de João Miguel Fernandes Jorge.

1.2. A Ilha da Madeira

1.2.1. Caracterização a nível geográfico

A escritora Maria Lamas caracterizou a ilha da Madeira de uma forma romântica e lírica como só um escritor sabe fazer:

“uma legenda romântica no pórtico das Descobertas, que tinha como nenhuma outra no Atlântico, sortílego, encanto – uma ilha que é toda ela nas suas múltiplas expressões, um enigma e uma expectativa, uma luta e um sonho, um deslumbramento e um drama, uma primavera e uma tormenta, uma sinfonia de cores e sugestão de saudades.” (Nepomuceno, 2008: 116).

O arquipélago da Madeira, localizado no Atlântico Norte entre os paralelos 33 ° 07'N e 32° 24'N e os meridianos 16° 17' W e 17° 16' W, é composto pela ilha da Madeira, pela ilha do Porto Santo, pelas Desertas e pelas Selvagens. Destas quatro ilhas, apenas a Madeira e Porto Santo são habitáveis. O arquipélago, de origem vulcânica, está posicionado no Atlântico Oriental, zona central, Norte do Oceano Atlântico, a cerca de 900km de Portugal Continental e a 600km de Marrocos, é considerada como o Miradouro da Europa para o Oceano Atlântico, formando, com os arquipélagos dos Açores, Canárias e Cabo Verde, a área biogeográfica denominada Macaronésia. O arquipélago da Madeira possui um clima sub-tropical e é possível observar os micro-climas que se desenvolvem em toda a Região.

Quanto ao aspecto geral da ilha, é descrito por Orlando Ribeiro deste modo:

“apesar do relevo contrastante e dos vales profusamente incisos, o aspecto geral da ilha, vista do mar, a certa distância, é o de escudo achatado, dissecado pela erosão vertical e cujos bordos tivessem sido quebrados pela acção das vagas.” (Nepomuceno, 2008: 198).

A ilha da Madeira é constituída por dez concelhos: Funchal, Santa Cruz, Machico, Santana, São Vicente, Porto Moniz, Calheta, Ponta de Sol, Ribeira Brava e Câmara de Lobos (cf. figura 2) e por cinquenta e quatro freguesias.

Segundo o Instituto Geográfico Português, a ilha da Madeira possui 758,5km² de área total, estendendo-se por 57km de Este a Oeste e 27km de Norte a Sul, sendo o ponto mais alto (1862) o Pico Ruivo e possui uma orografia de características montanhosas.

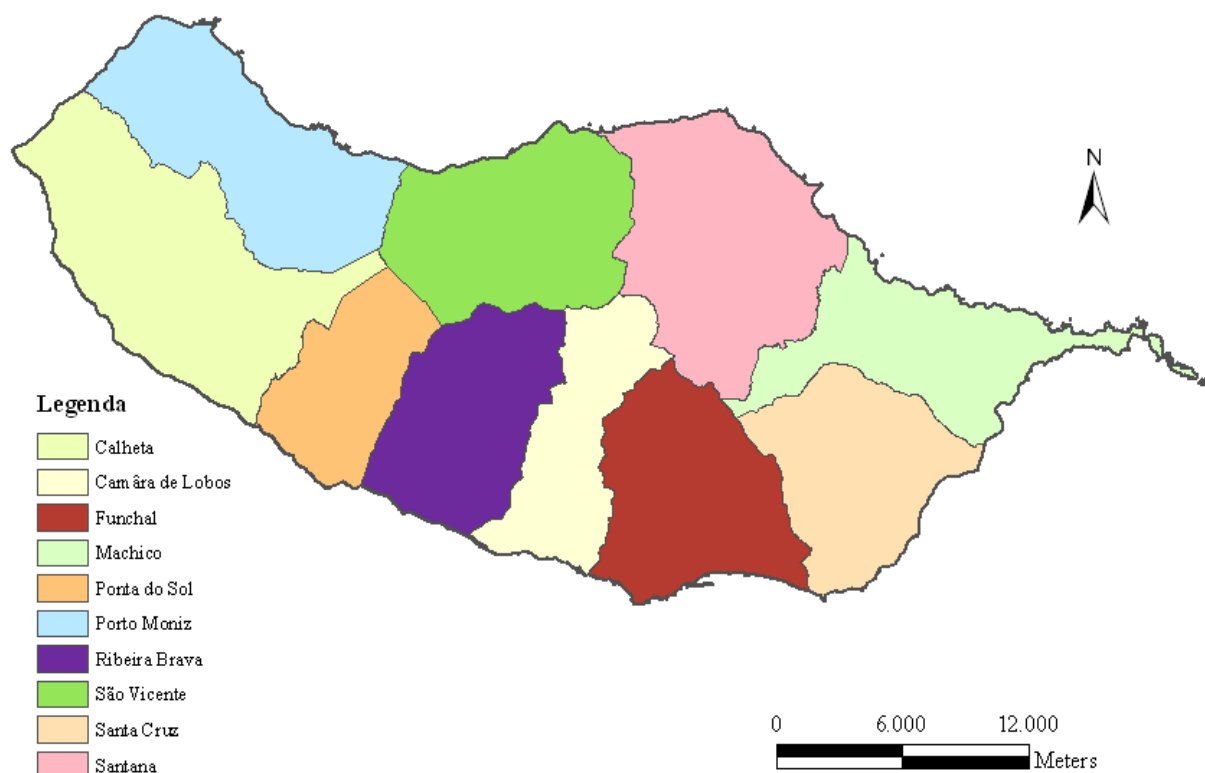


Figura 1 – Concelhos da RAM; Fonte: PRAM²⁰.

Como é possível verificar na figura 1, o concelho da Calheta é o que possui maior área, com 111,50 km², sendo o concelho da Ponta de Sol o mais pequeno em área, pois possui apenas 46,19 km² – exceptuando a ilha do Porto Santo, que não se encontra incluída na figura.

²⁰ Disponível em http://www.sra.pt/files/PDF/Destaques/Brochura%20CLIMAAT_II_MadeiraFINAL.pdf. Consultado a 08/08/2012.

1.2.2. Caracterização a nível demográfico

Na actualidade, o arquipélago da Madeira é composto por 266.540 mil habitantes, sendo o concelho do Funchal o mais populoso, com 111.289 mil habitantes – dados estatísticos ainda provisórios recolhidos no ano de 2011 – e Câmara de Lobos é o segundo concelho no *ranking* da população, com 33.543 mil habitantes, uma enorme diferença para o concelho do Funchal. Quanto ao concelho menos populoso, o Porto Moniz tem uma população no valor de 2.898 mil habitantes.

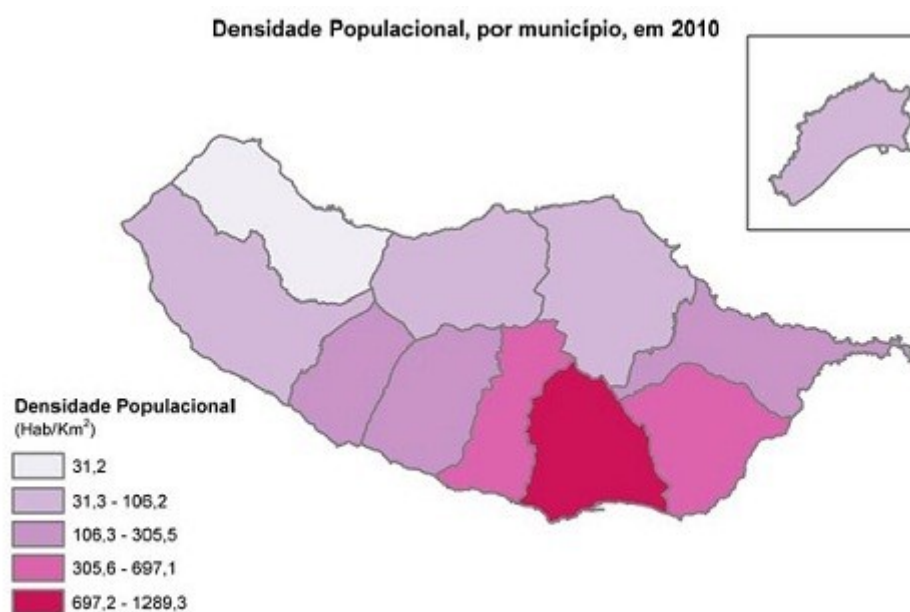


Figura 2 – Densidade populacional. Fonte – DRE.

A densidade populacional por km² indica-nos que no concelho mais populoso, o Funchal, existem 1289,3 habitantes por km² e no menos populoso, Porto Moniz, há uma densidade de 31,2 habitantes por km², dados estatísticos relativos ao ano de 2010. (Figura 2).

Dados relativos a uma estimativa média do ano de 2011, elaborado pela Direcção Regional de Estatística, permitem verificar, relativamente à distribuição por sexos, que existem 125.372 mil homens e 141.68 mil mulheres. Quanto aos grupos etários, estão assim distribuídos:

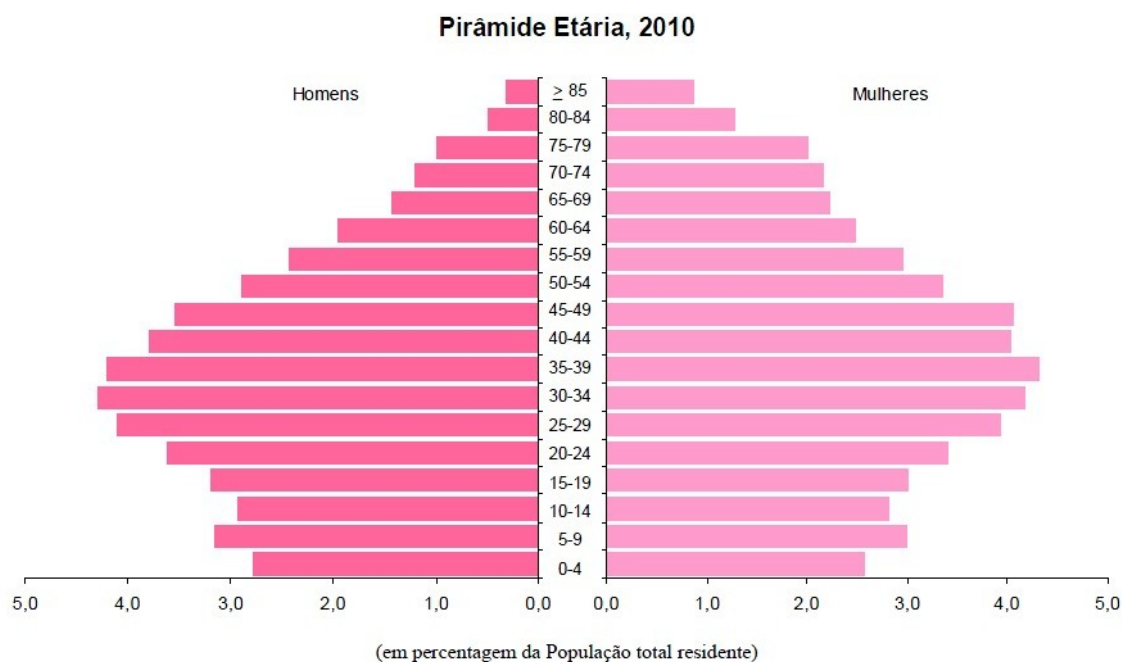


Figura 3 – Pirâmide etária. Fonte – DRE.

Pelos dados apresentados nota-se que a percentagem de jovens dos 0 aos 24 anos, que representam 17,2% da população residente (DRE, 2012:1), tem uma ligeira diferença para a população idosa (mais de 65 anos, 13% da população residente (DRE, 2012:1), o que demonstra que há – apesar da diferença – um desequilíbrio entre jovens e idosos, acarretando eventuais problemas sociais no futuro. O maior foco populacional está entre os 25 anos e os 64 anos, que representam 69,8% da população activa (DRE, 2012:1), sendo que o somatório dos de menos 24 anos é pouco mais que metade da população activa entre os 25 anos e os 64 anos, o que novamente demonstra que haverá um enorme desequilíbrio entre população activa e a população idosa. (Figura 3)

No entanto, com base em dados do ano de 2010, a população média tem vindo aumentar ano após ano – no ano 2000 eram 240.121 mil habitantes, no ano 2005 244.275 mil habitantes e em 2010 247.484 mil habitantes – segundo os dados estatísticos disponíveis na Direcção Regional de Estatística.

1.2.3. Caracterização ao nível económico

Em meados do século XX, a indústria madeirense vivia sobretudo de “refinaria do açúcar, da preparação do vinho licoroso, da tanoaria, do vestuário, do fabrico de cerveja, da fábrica de biscoitos, de manteiga, de tabaco, sabão e dos bordados. Na sua esmagadora maioria estas indústrias eram artesanais (...)” (Nepomuceno, 2008: 217), uma descrição presente num estudo feito por Orlando Ribeiro.

O sector empresarial, no século XXI, nomeadamente em 2004, era constituído por um universo de 13.059 mil empresas, e estava distribuído pelas seguintes classes (DRE. 2004):

- Agricultura, Produção Animal, Caça e Silvicultura: 0 empresas
- Pesca: 50 empresas
- Indústrias Extractivas: 22 empresas
- Indústrias Transformadoras: 867 empresas
- Produção e Distribuição de Electricidade, de Gás e Água: 7 empresas
- Construção: 2.179 mil empresas
- Comércio por Grosso e a Retalho; Reparação de Veículos Automóveis, Motociclos e de Bens de Uso Pessoal e Doméstico: 3.612 mil empresas
- Alojamento e Restauração: 1.559 mil empresas
- Transportes, Armazenagem e Comunicações: 1.435 mil empresas

- Actividades Imobiliárias, Alugueres e Serviços Prestados às Empresas: 2.232 mil empresas
- Educação: 178 empresas
- Saúde e Acção Social: 239 empresas
- Outras Actividades de serviços Colectivos, Sociais e Pessoais: 679 empresas

Nota-se o sector empresarial do comércio é o mais forte na Região; quanto ao sector da construção, é espectável que tenha decrescido, nos últimos anos, em virtude da crise que o sector tem vindo a atravessar. Estes são números que correspondem à situação em 2004, o que impossibilita a que se faça uma descrição mais realista do sector empresarial da Região Autónoma da Madeira.

O sector empresarial da Região, somando todas as classes empresariais acima descritas, gerou um volume de negócios no valor de 9 189 674 662 mil milhões de euros.

Actualmente, a população activa da Região Autónoma da Madeira está situada nos 129.404 mil habitantes, sendo a inactiva de 117.893 mil habitantes. O número de empregados corresponde a 107.662 mil habitantes, o equivalente a 44% da população total. O sector terciário (prestação de serviços) é o que emprega o maior número de pessoas – 78.740 mil empregados, equivalente a 73% da população empregada –, depois segue-se o sector secundário (indústria, construção, energia e água), com 15.585 mil empregados, e o sector primário (agricultura, produção animal, caça, florestas e pesca), com 13.337 mil empregados, de acordo com dados referentes ao segundo trimestre de 2012, publicados pela Direcção Regional de Estatística.

No que concerne ao desemprego, existem cerca de 21.742 mil desempregados, o correspondente a 16.8% da população activa, situando acima da média nacional que se encontra nos 15% (INE, 2012), isto no segundo trimestre de 2012, havendo um aumento de 3.3% em relação ao período homólogo do ano de 2011.

O rendimento total médio anual por agregado, na Região Autónoma da Madeira, em 2009, estava situado nos 23.470 mil euros, um aumento de 9% em relação ao ano de 2005, em que o rendimento total médio anual por agregado era de 21.295 mil euros. Quanto ao rendimento monetário, no trabalho por conta de outrem é de 12.676 mil euros e no por conta própria de 1.125 mil euros (rendimento líquido anual médio por agregado), o que revela que há um maior número de empregados por conta de outrem em relação aos empregados por conta própria, ainda havendo os pensionistas (3.654 mil euros) e os de outras transferências sociais (841 mil euros), segundo dados estatísticos disponíveis na Direcção Regional de Estatística referentes ao ano de 2009.

No total de despesas monetárias anuais, referentes aos anos de 2010 e 2011, a habitação, despesas com água, electricidade, gás e outros combustíveis consomem a maior despesa, que se situa em 5975 mil euros, em média, anuais, o equivalente a 32.1% da despesa total anual média por agregado. Os transportes, a segunda classe nas despesas monetárias, equivale a 1.257 mil euros por agregado, sendo 15.7% da despesa total anual média (cf. dados disponíveis na Direcção Regional de Estatística).

Quanto ao PIB (produto interno bruto) regional *per capita*, em 2010 (dados provisórios) era de 21.134 mil euros, superior em 30% à média nacional e 5% à média europeia (na totalidade dos 27 países que compõe a União Europeia). Quanto ao rendimento bruto *per capita* está situado nos 12.038 mil euros, conforme dados disponibilizados pela Direcção Regional de Estatística.

Da população activa, 60.949 mil habitantes possuem o ensino secundário ou o ensino superior, ou seja, 47% da população activa actualmente na Região; quanto aos que não possuem qualquer formação, são à volta de 58.284 mil habitantes (aqui não é possível totalizar a percentagem da população activa sem formação, pois os dados apresentados não se referem à população activa mas à população em geral, de acordo com dados consultados na Direcção Regional de Estatística).

1.2.4. Caracterização ao nível histórico e cultural

Neste âmbito da caracterização da Madeira, é interessante compreender a vida cultural em pleno ano de 1967, descrita por Horácio Bento Gouveia:

“Agora, relendo a pergunta “Que pensa da situação actual da cultura na Madeira?”, é este o meu ponto de vista (...): não há, verdadeiramente, cultura na nossa terra. (...) Ela planteia-se, assim mesmo, quase estacionária, pavorosamente estagnante, no ambiente morfético de uma mancha citadina descuriosa dos problemas do espírito.” (Moniz *et al*, 2005: 204).

Esta foi uma realidade que se foi modificando no tempo, mas ainda longe de uma situação satisfatória, pois

“Se é certo que a situação melhorou, gradual e lentamente, a partir da Revolução de 25 de Abril de 1974 e da implementação do regime autonómico, com a multiplicação de iniciativas várias, no plano editorial, artístico e literário, e no plano das manifestações culturais (concertos, exposições, teatro, conferências, ciclo de cinemas, festivais, festas populares) (...)” (Moniz *et al*, 2005: 205).

Actualmente, a Região Autónoma da Madeira tem cinquenta e duas estruturas com características culturais, sendo que mais de metade dessas estruturas são museus e galerias de arte e espaços de exposições temporárias. Estas situam-se maioritariamente na cidade do Funchal, uma vez que esta cidade absorve cerca de 88% dos recursos disponíveis.

Em 2010, segundo a Direcção Regional de Estatística, visitaram os museus regionais 614.822 mil pessoas, tendo-se registado um decréscimo, em relação a 2009, de 58.845 mil pessoas, o que já é considerado um número bastante considerável de pessoas que não frequentaram os museus.

Realizaram-se na Região, em 2010, cerca de 192 exposições, no total de 6670 mil obras expostas, tendo sido objecto de interesse por parte de 98.769 mil visitantes; houve

um aumento de 22 exposições, em relação ao ano de 2009, e com isso o aumento de visitantes para 98.769 mil visitantes. Por estes dados podemos concluir que 2010 foi o melhor ano para as exposições temporárias, pois registou-se o maior número de visitantes. Quanto ao investimento, por parte das entidades municipais, foi de 180.513 mil euros, mas tem se assistindo a um decréscimo no investimento por parte das entidades municipais, sendo que este desinvestimento, em relação a 2009, ficou situado em 14.381 mil euros.

Quanto à área cinematográfica, segundo dados de 2005, houve 20.176 mil sessões para 472 (10³) espectadores, notando-se um aumento do número de sessões em relação a 2004, de 6.198 mil sessões, mas, por outro lado, houve um decréscimo de espectadores, no valor de 27 (10³), segundo os dados fornecidos pela Direcção Regional de Estatística. Assim, podemos afirmar que os museus, em geral, são visitados por mais de meio milhão de visitantes. Considerando que os visitantes da Região são na maioria estrangeiros (68%), de forma muito generalizada, podemos considerar que 350 mil foram visitantes de museus, o que é considerado um número razoável.

Número de estruturais culturais na Região:

Propriedade	N^a	%
DRAC	8	30,77%
Municipal	4	15,38%
Diocese	2	7,69%
Privado	10	38,46%
FFAA	2	7,69%
<i>Total</i>	26	100,00%

Figura 4 – Fonte: Direcção Regional Assuntos Culturais.

A gestão dos equipamentos culturais identificados na tabela são de gestão pública e gestão privada. O sector privado gere 38.5% dos equipamentos. Assim, o sector privado tem um papel importante no desenvolvimento da cultura regional e, se considerando o desinvestimento público, esse papel tende a ganhar ainda maior relevo.

Outro dos elementos do equipamento cultural é o património, cujas características estão relacionadas com a memória da Região Autónoma. Fruto da sua conservação, alguns possuem regras que restringem o seu uso. Contudo, algum desse património é utilizado pela comunidade local, para representar os seus usos tradicionais, o que condiciona substancialmente a política de prevenção desse património, que é bastante mais rígida, em virtude do decréscimo do investimento público na conservação destes espaços. Há exemplos claros desta situação: o Teatro Baltazar Dias, a Igreja da Sé, o Ateneu Comercial do Funchal (foi objecto de uma remodelação total, devido ao avançado estado de degradação do mesmo).

1.2.5. Caracterização ao nível turístico

A Região é um importante ponto turístico e a sua economia vive muito suportada neste sector, razão por que se compreende que as estratégias de desenvolvimento regional passem sobretudo pelo Turismo. No século XIX a Região era tida como um destino de cariz romântico e terapêutico, período em que se destacam a vinda da Princesa Sissi e do Rei D. Carlos I da Áustria – que viria a falecer na Região, mais propriamente na freguesia do Monte, decorria o ano de 1922. O hoteleiro William Reid deu um importante contributo para o turismo de lazer na Região ao construir o seu primeiro hotel, o *Reid's*, estrutura que ainda hoje se encontra em funcionamento e foi o impulso para outros grupos começarem a construir hotéis na Região.

Para visitar a Região há duas formas de o fazer, uma aérea e outra marítima. Estão aqui implicadas duas das mais importantes obras realizadas até então na Região, o Porto Marítimo do Funchal e o Aeroporto de Santa Catarina (principalmente o aumento que

A Ilha da Madeira pela mão dos seus poetas – Construção de um roteiro literário,

João Filipe Ribeiro de Abreu

sofreu no ano de 2000). Pela via aérea, segundo as estatísticas da entidade que gere o Aeroporto da Madeira – estrutura com importância capital para o turismo madeirense, a ANAM –, frequentaram o Aeroporto da Madeira 2.312.866 milhões de passageiros, num total de 23.095 aviões. Quanto à via marítima, deram entrada na Região, segundo dados da entidade que gere os portos da Madeira – a APRAM –, 540.180 mil visitantes, num total de 303 cruzeiros, números obtidos por estatísticas referentes ao ano de 2011. Estes dados são importantes indicadores da importância turística da Região.

Quanto às unidades turísticas, no ano de 2011 havia 195 unidades turísticas com uma oferta de 28.399 mil camas disponíveis. Deram entrada, nestas unidades turísticas, 885.063 mil visitantes, números de que destaca o facto de os visitantes estrangeiros terem um maior relevo (670.241 mil estrangeiros). Estes dados encontram-se disponíveis no site da Direcção Regional de Estatística.

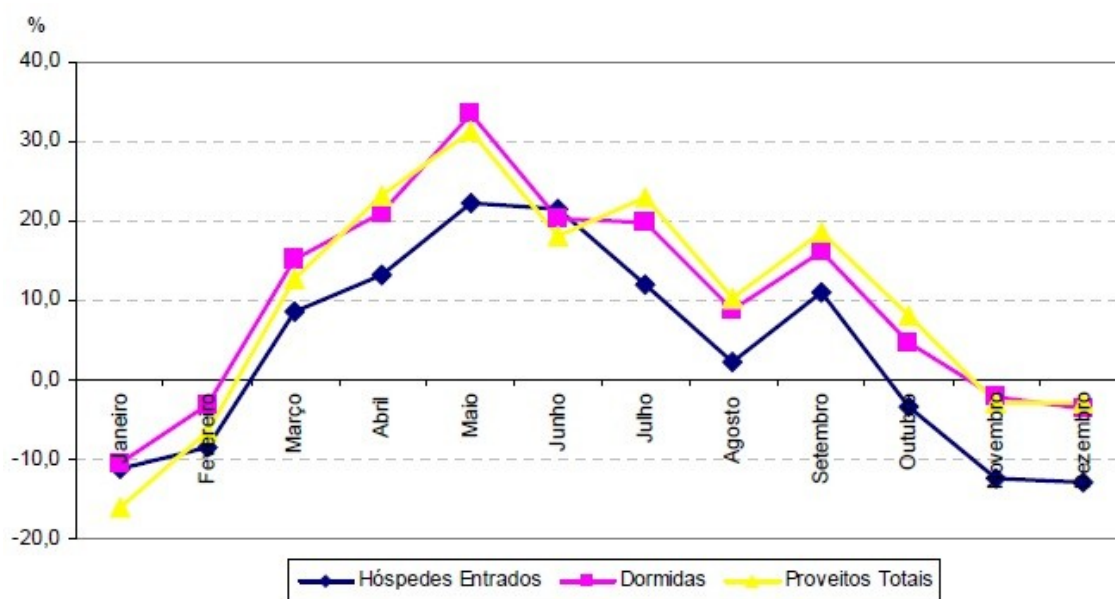


Figura 5 – Gráfico sobre a actividade turística. Fonte: DRE

É perceptível no gráfico que, nos meses de Janeiro, Fevereiro, Novembro e Dezembro, houve uma variação negativa da actividade turística, enquanto nos restantes meses houve um aumento significativo, dados que acompanharam a perspectiva da

Organização Mundial de Turismo, que previa um crescimento de 4.6% da entrada de turistas (DRE, 2012) na Região.

Segundo o documento publicado pela DRE, uma análise ao sector do Turismo no ano de 2011, pode verificar-se que o município do Funchal é o mais importante a nível turístico, como indica o seguinte gráfico, em que estão indicados os números de unidades turísticas por concelho e as suas diferentes tipologias, por percentagem:

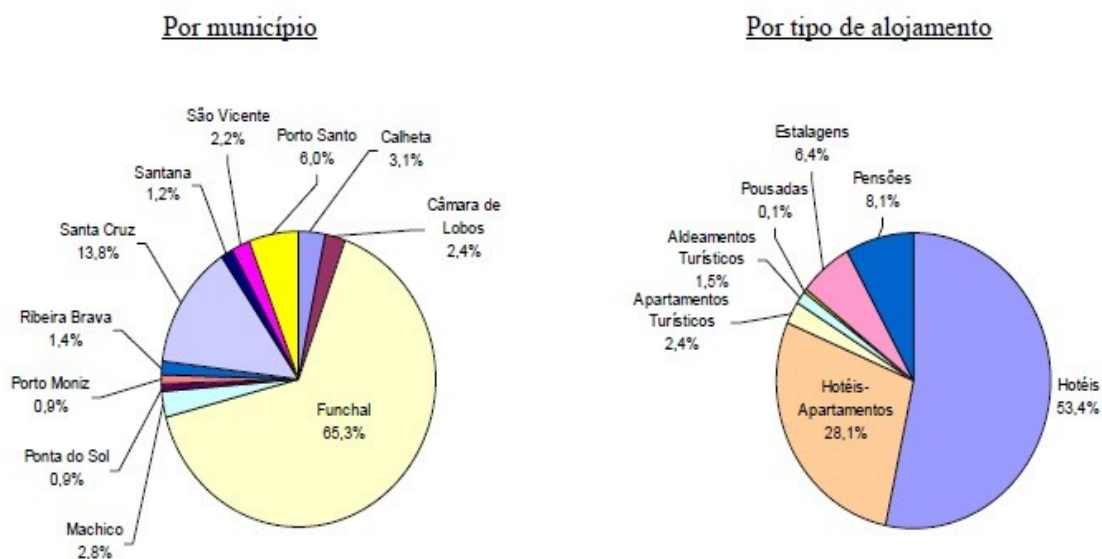


Figura 6 – Números de unidades turísticas por concelho e as suas diferentes tipologias. Fonte: DRE

Logo a seguir ao município do Funchal, há um enorme equilíbrio na distribuição de unidades hoteleiras. Há uma grande predominância dos hotéis – 53.4% – em relação às restantes tipologias de alojamento disponíveis na Região.

Ainda referente ao ano de 2011, o mesmo documento indica-nos que o maior número de visitantes é estrangeiro, de entre os quais os de nacionalidade inglesa estão em maioria. Atentamos ao seguinte gráfico, disponível no documento da DRE:

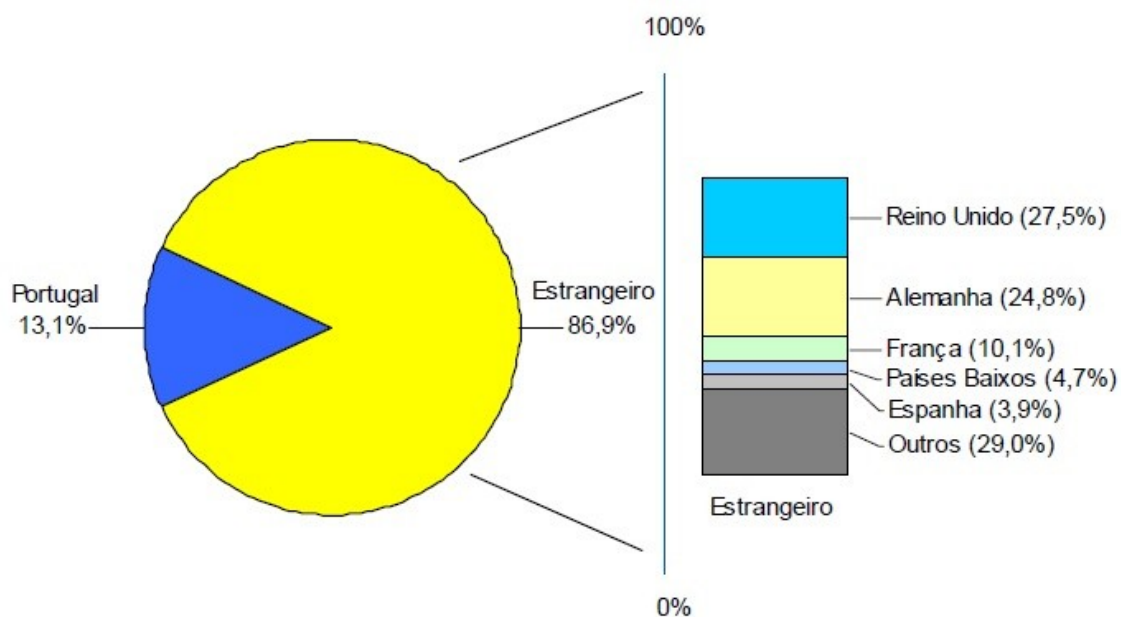


Figura 7 – Percentagem de visitantes estrangeiros e distribuição por nacionalidade.
Fonte: DRE.

O domínio dos estrangeiros face à população portuguesa é bastante notório; já na distribuição entre nacionalidades há um equilíbrio entre os do Reino Unido e os da Alemanha (principais mercados), destacando-se estes das outras nacionalidades presentes no gráfico. Conclui-se que os estrangeiros têm um papel fundamental no desenvolvimento turístico da Região, sendo este público a principal aposta das entidades com responsabilidades no desenvolvimento turístico da Região. Ainda segundo o mesmo documento, registou-se um rendimento médio, por quarto, no valor de 30.27 euros, representando um aumento de 12.2% em relação ao ano de 2010 (DRE, 2012).

2.3. Roteiro Literário da Ilha da Madeira

2.3.1. Roteiro Literário da Ilha da Madeira: análise estratégica

Os roteiros literários, como anteriormente justificado, são importantes instrumentos de divulgação da cultura local e de promoção do destino turístico. Segundo Wilson, D., & Jarzabkowski, P. (2004), é importante entender a estratégia turística como a definição de objectivos e metas a atingir num determinado período, numa abordagem de desenvolvimento económico da Região. Deste facto decorre ser importante definir os roteiros literários, propostos nesta dissertação, como um relevante instrumento no desenvolvimento turístico e também como uma forma de preservação da memória colectiva, sendo que aqui terá um papel fundamental no desenho do “mapa poético” da Região.

O público-alvo do roteiro literário proposto nesta investigação será constituído por todos aqueles que tenham uma especial sensibilidade para a cultura, um gosto particular pela leitura e ainda aqueles que gostem de estímulos de natureza intelectual e em geral. Estes são os grupos que centram as suas viagens nos roteiros literários – como foi possível observar anteriormente – daí serem o principal grupo-alvo deste roteiro. Este roteiro literário pretende projectar a Região do ponto de vista do Turismo Cultural, do Turismo Literário e, especialmente, da produção poética que contenha referências à Madeira, pretendendo-se, essencialmente, desenvolver nos visitantes que o venham a utilizar a capacidade de interpretação, a criatividade e a capacidade de percepção e de criação de imagens literárias, através de representações literárias de poetas que vivem e sentem a Região de uma forma peculiar.

A sua comercialização, o posicionamento do produto no mercado turístico, tanto por agentes privados, como por agentes públicos, determinará a sua taxa de sucesso, e será necessário incrementar estratégias para desenvolver e divulgar estes roteiros literários junto dos que despertam interesse pelo Turismo Cultural. É importante, também, sensibilizar diversas entidades para o valor do património literário, no sentido da

A Ilha da Madeira pela mão dos seus poetas – Construção de um roteiro literário,

João Filipe Ribeiro de Abreu

sua capacidade para despertar sentimentos e, assim, desenvolver o potencial dos roteiros literários no quadro do Turismo Cultural. Por outro lado, será também importante que se compreendam estes instrumentos como uma possibilidade de preservação e de memória do património literário, assim como da sua divulgação, pois neles poderão vir a ser reinscritos outros tantos poemas que, muitas vezes, caíram no esquecimento, ora por falta de divulgação, ora por falta de interesse da sociedade face à cultura, “uma narrativa singular da história cultural e social (...)” (Mendes, 2007:127).

3. Proposta de um Roteiro Literário

3.1. A Ilha da Madeira pela mão dos seus poetas

O roteiro literário proposto pretende delinear uma viagem pela Ilha da Madeira, através da visão e seguindo o percurso das palavras dos poetas madeirenses. Viajemos pela Ilha da Madeira pela mão dos seus poetas.

A Ilha da Madeira

José Tolentino Mendonça

“A infância de Herberto Helder”

“No princípio era a ilha
embora se diga
o Espírito de Deus
abraçava as águas

Nesse tempo
estendia-me na terra
para olhar as estrelas
e não pensava
que esses corpos de fogo
pudessem ser perigosos

Nesse tempo
marcava a latitude das estrelas
ordenando berlindes
sobre erva

Não sabia que todo o poema
é um tumulto
que pode abalar
a ordem do universo agora
acredito

Eu era quase um anjo
e escrevia relatórios

precisos
acerca do silêncio

Nesse tempo
ainda era possível
encontrar Deus
pelos baldios

Isso foi antes
de aprender a álgebra”

in Poeti Contemporanei dell’Isola di Madera (2001).

João Carlos Abreu

“Três imagens”

“Um presente de cores
Uma ilha de vertigens
Segredos de buganvília

No soluçar das vagas
No subir da maré
Navega meu coração

Nas nuvens
Submergem os montes
Nos matizes esmaecidos dos bordados
Está a raiz do meu sonho”

in Poeti Contemporanei dell’Isola di Madera (2001)

João Carlos Abreu

“Círculo”

“.....
Sou Ilha
Morador num
atlântico azul que me
transmite a doçura-raiva do
mar

Sou afinal raiz da terra com a inquietação

A Ilha da Madeira pela mão dos seus poetas – Construção de um roteiro literário,

João Filipe Ribeiro de Abreu

da universalidade do mundo.

de estar sendo
porque só assim sou
estando

Paradoxalmente a força está na razão de
SER ILHÉU
entre as montanhas num lado
e do outro o mar...

O equilíbrio encontro-o nas flores de todos os aromas ou no olhar das gaivotas que se erguem no céu.

Gaivotas,
Crianças sem ninho,
Nas manhãs pálidas da vida...

Sinto-as chorando. Com elas voo,
Dentro da Ilha.
Traçando
Circunferências coloridas.
Voltamos sempre ao ponto de partida.”

in Poeti Contemporanei dell’Isola di Madera (2001)

Ângela Varela

“Corpo-Oceano”

“Irompe da espuma o tronco torneado em espiral no ar.
Tomba sobre a terra, com os galhos quebrados e as raízes arrancadas dos pés:

o corpo coberto do lençol das águas.
O corpo – sopro modelado nos meandros do barro. Nós,
veios, poros ondulando no refluxo do tempo. A cabeleira copada de
folhagem tenra. As mãos-plumas À tona da pele. O olhar boiando:

Ilha cintilando na sombra
Farol pestanejando na bruma
Constelação de estrelas – cadentes
Estela jacente no cimo do céu

Na margem do mar. No filtro da memória

A Ilha da Madeira pela mão dos seus poetas – Construção de um roteiro literário,

João Filipe Ribeiro de Abreu

o corpo-oceano – enrugado, mudo.

As pedras da fala – uma a uma, caídas no fundo.”

in Poeti Contemporanei dell’Isola di Madera (2001)

Ângela Varela

“Ilha jacente”

“O lombo escuro da terra esmagado sob peso das nuvens.

O lombo pardacento das baleias inanimadas em cima do mar.

O mar congelado.

A ilha petrificada dentro do mar.

Os seres estão espalhados pelo silêncio mudo da terra.

As casas abafadas debaixo da verdura adormecida. Os homens enterrados no húmus com a cabeça à altura dos bichos e das flores.

As crianças plantando e colhendo e tornando a plantar. E os bois de olhos fechados, esperando de pé, lado a lado, por coisa nenhuma

à beira do tempo que se escoia devagar

Os caminhos precipitados para cima da massa fria do mar.

A sombra cortante das montanhas inclinadas a comprimir o espaço.

Os homens soterrados sob o peso do espaço.

O espaço é duro. Avança sobre as montanhas e esmaga-as e devora-as.

O espaço é solido (nem um dedo posso erguer). E o brilho escorre das pupilas – opacas, brônzeas estátuas.

A ilha – no meio do mar congelado – ali jaz

pousada sobre o tempo que se escoia devagar”

A Ilha da Madeira pela mão dos seus poetas – Construção de um roteiro literário,

João Filipe Ribeiro de Abreu

in Poeti Contemporanei dell'Isola di Madera (2001)

José Viale Moutinho

“notas crepusculares”

“ao anoitecer, o mar perde os seus recantos
são as sombras, as dúvidas, as mãos
de um deus despojado de luzes e de vozes;
os velhos peixes, os restos dos navios,
as palavras perdidas, as algas, o medo imenso,
os rostos atónitos dos afogados, ao anoitecer,
ao anoitecer, a praia apodrece, move-se
é uma galera entre as capitais da europa:
o teu olhar não prende a história, nem a lenda,
estremecem as pedras dos templos, a âncora
do senhor das areias, acham-se moedas, dentes
e máscaras gregas, lutos antigos, ao anoitecer,”

in Poeti Contemporanei dell'Isola di Madera (2001)

Carlos Nogueira Fino

“poemas de ilhamar”

“há-de haver um mar branco
um sono de planície nem que seja um manto incandescente
de nuvens

e as maçãs das palavras recolhidas da boca a fingir
de vertentes

há-de haver um mar
e os soluços verdes do vento construtores de navios
de entrar pelo mar dentro como em terra própria
o verde das velas mas os pés enxutos mas os gestos

brandos
e uma mulher de cabelos de flâmulas
desperta

o cesto da gávea é no cume da ilha onde os olhos doem”

in Poeti Contemporanei dell’Isola di Madera (2001)

Carlos Nogueira Fino

[vem escolher o encanto para que o mar nos respire]

“vem escolher o encanto para que o mar nos respire
quando a calma sufoca vem
prender esta visão de inquietante alegria no silêncio mais
alto
para que seja farol na ponta de um desejo alado

esquece o mar absurdo
os barcos de papel eternamente longe os olhos ancorados
os passos como pedras para os braços crescerem verticais
e os sonhos inautênticos
o mar das armaduras submersas por enquanto vem
içar as gaivotas para que as possas baixar quando quiseres
se um céu apenas negro for preciso

vem dormir sobre mim com o peso das coisas arribadas
o peso de nascerem sem mastros as noites e ser ainda cedo
e ser sempre tão cedo ao pé do mar que olhos nem repousam
nem as espadas se cumprem erectas na fimbria de água
dos desejos

vem dormir sobre mim ainda é esta a manhã de quando o mar
unificava
as escarpas e as mãos os cumes e os destinos os anseios
e as vozes
e é tempo de enfrentar a distância das coisas aqui
onde as coisas não cabe as todos os rumos se concentram”

in Poeti Contemporanei dell’Isola di Madera (2001)

José António Gonçalves

“Subo encostas”

“Subo encostas, no dorso verde maduro da ilha,
cedendo ao chamamento da visão de um boca
vermelha de telhados ao longe. Eis a medula
da cidade branca, que me corta o sussurrar
das paixões por dentro. Aos sábados e domingos,
não há mensagens. E morro, como se tivesse a catana
do atum na garganta. Procuro-as entre andaimes,
nas copas das árvores, nos desenhos das nuvens,
nos sorrisos de quem passa, entre o vinho
e os licores, até me deparar, sem nada nos dedos, nos bolsos, com o
[cérebro vazio para dizer,
para gritar alguma coisa, uma palavra de alegria
ou de espanto:
há uma mulher nua acenando no cimo da catedral.

Subo encostas com o olhar, prisioneiro da cidade.
Alguém persegue o *good-morning* dos cabelos louros
de um palmo de cara perfumado. E o leitor
de um poema estrangeiro descobre o poder mágico
de uma ilusão criada pelo ócio de um silêncio.
Os bares estão fechados, mas cheira a uísque
e a vermute, como se o feno transportasse a memória
de bebedeiras do passado para a sede presente.
O azul do céu ajuda ao verde, para esconder
o castanho da terra da ilha. Afinal, edimos
a esperança pelo peso do sofrimento, sem coragem
de pedir demais ao amanhã.

Subo encostas com o olhar, sentado dentro de mim.
A descida
ficará para outro dia.”

in Poeti Contemporanei dell'Isola di Madera (2001)

José António Gonçalves

A Ilha da Madeira pela mão dos seus poetas – Construção de um roteiro literário,

João Filipe Ribeiro de Abreu

“Tem o poder da água”

“Tem o poder da água a força que doma o relâmpago
a inverniza a bruma da Ponta de S. Lourenço
e faz estremecer de silêncio a luz breve
que recorta as Desertas ao fundo esperando apenas
pelo ruído das gaivotas ao amanhecer

tem o poder do vento o alento que sugere
a subida aos píncaros dos arbustos do Poiso
onde às vezes se colhe o granizo dente-de-cão
estendendo devagar os dedos na mão aberta
só porque faz frio e sabemos que choveu

tem o poder das nuvens revoltas o medo da Travessa
comovendo os marinheiros
de outras eras em sobressalto
quando o mar se abre em abismos e fronteiras
revelando o paredume invicto de descobertas e labirintos
onde brinca cegos os peixe-espada-pretos

tem o poder da água do vento e das nuvens
o tempo que devasta o fogo das clareiras nas serras
onde as crianças buscam sonhos e pássaros hesitam
na abordagem dos ramos secos das árvores
temendo a noite que não chegará nunca

todos esses poderes renascem afinal
sempre que as montanhas se desfazem devagar
na imensidão das planícies
abrindo vales onde antes havia muros
e construindo homens no lugar das casas”

in Poeti Contemporanei dell’Isola di Madera (2001)

Edmundo Bettencourt

“Poema”

“O poeta, o luar, o ar e a estrada...

Esta noite, o luar
é um corpo branco de mulher
no azul do ar,
reclinado,
roçando a frente do poeta
eternamente dos céus enamorado.

E o mar, também, encontra-se diferente,
suspenso em aquário
- pela noite adiante muito mais verde e transparente,
a mostrar suas ocultas maravilhas
e por detrás, ao longe,
a aventura que se esconde
nos misteriosos vultos de outros continentes,
outras ilhas...

Mas não esqueço a estrada,
embora seja ainda a mesma:
indiferente
À minha mais violenta caminhada, aos meus cansaços!

- Que nela existe a esperança que é do Homem
para guiar o poeta e desenhar-lhe os passos.”

de *Ligação* (1936 – 1962), *Poemas de Edmundo Bettencourt* (1999),
in *Pontos Luminosos* (2006)

Edmundo Bettencourt

“Sepultura aérea”

“Ali os répteis cobriam se deixar espaço
as árvores, os caminhos e os montes.
Foi então que a ave inquieta e enjoada
abandonou a aldeia dos répteis para sempre.
Ei-la chegada a um ponto extremo.
Porém não tem onde pousar.
Em frente é a baía mágica dos vulcões em actividade.
Em cima o céu com a sua ausência.
Em baixo o mar com o seu fundo.

A Ilha da Madeira pela mão dos seus poetas – Construção de um roteiro literário,

João Filipe Ribeiro de Abreu

À passagem de todos os limites,
a escuridão sem nome e vida ignota.
Em todas direcções mais que atraída
A ave negra fica no ar, parada, e ali jaz?”

de *Poemas Surdos* (1991), *Poemas de Edmundo Bettencourt* (1999),
in *Pontos Luminosos* (2006)

Cabral do Nascimento

[Neste isolar contínuo, neste gosto]

“Neste isolar contínuo, neste gosto
De selecção, de ideal e de beleza,
surge outro mundo de uma tal grandeza
Que os olhos não abrangem deste rosto.

É o mundo interior a que eu acosto
Em busca da verdade e da certeza,
Onde se encontra Deus, lâmpada acesa,
Sol de oiro sempre nado e nunca posto.

Longe, de mar do além, brilha outra vida:
Cintila e eu vejo-a multicolor, garrida
Como um navio embandeirado em arco.

E entre os hinos do amor e a voz do vento,
Creio dormir, sonhar, e num momento
Estou na praia, digo adeus, e embarco”

de *Alguns Sonetos* (1924), in *Descaminho* (1969); compilado em *Obra Poética de Cabral do Nascimento* (2003), in *Pontos Luminosos* (2006)

Herberto Helder

“Regresso”

“Regresso aos mitos da minha própria carne,
e vou cantar certamente
como se houvesse alegria.
Mesmo é a ilha, quente
do seu antigo leite. Ah, velha alegoria
renovada! Este calhau rolado,
este sal esta harmonia
das narinas
com o milagre indicado!”

in Funchal (d)Escrito (2011)

3. A Ilha da Madeira pela mão dos seus poetas

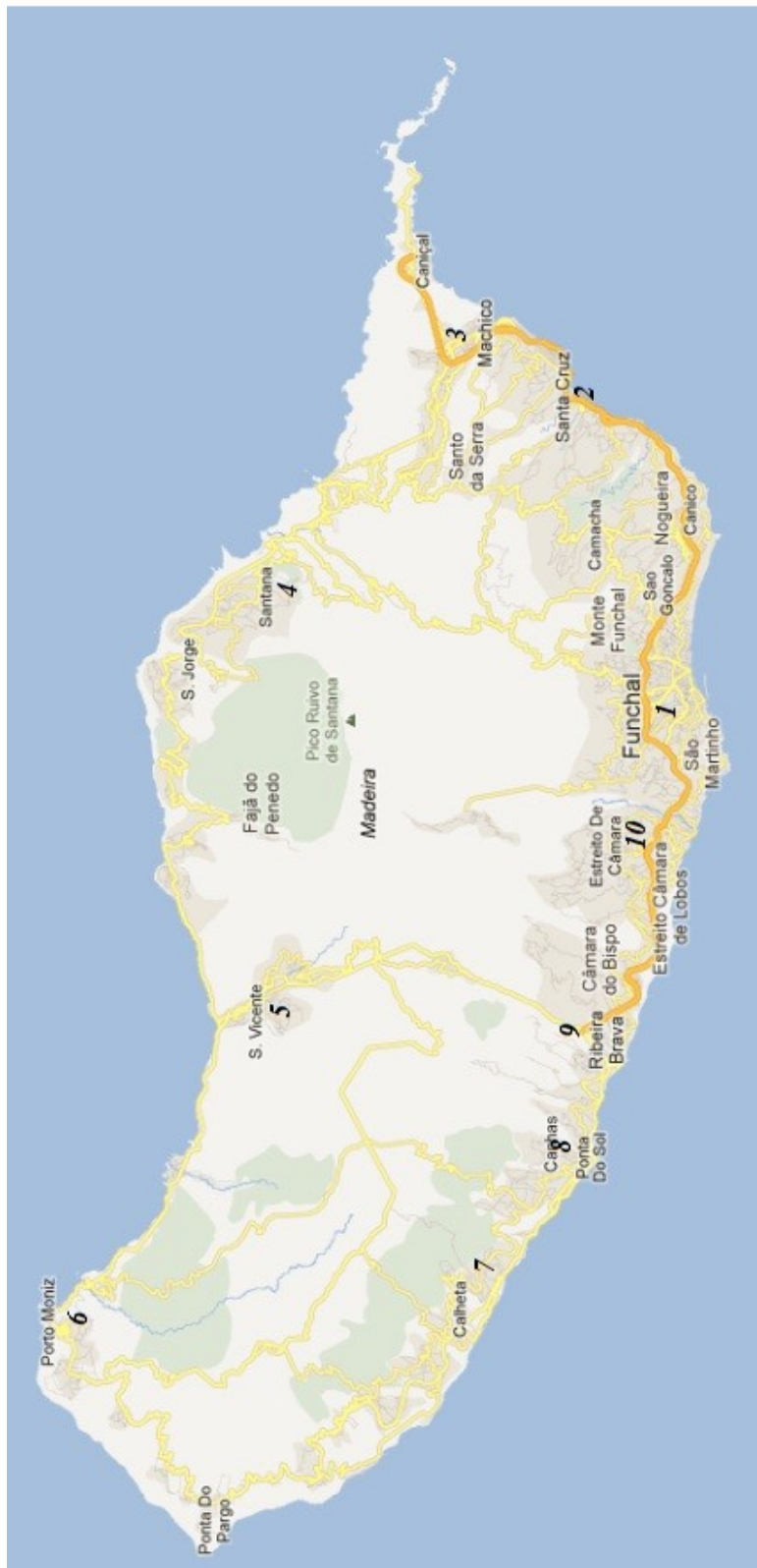


Figura 8 – Mapa Ilha da Madeira (com referência – numerada – a cada um dos concelhos).

A Ilha da Madeira: roteiro literário (índice de poemas e de poetas)

Ponto número 1: Concelho do Funchal

[É tarde, acabaram-se os papéis, a noite concentra] – José Viale Moutinho

“Avenida do Mar” – José Agostinho Baptista

“Desejada manhã, única estrela” – Irene Lucília

“funchal” – Carlos Nogueira Fino

“Igreja do Socorro” – José Agostinho Baptista

“Jardim Municipal” – José Agostinho Baptista

“Olhar sobre a cidade” – José Tolentino Mendonça

“Rua da Carreira 126” - José de Sainz-Trueva

[rua de santa maria] – Carlos Nogueira Fino

“Rua de Santa Maria” – José Agostinho Baptista

“Travessa da Infância” – José Tolentino Mendonça

“Travessa de São Filipe” - José Agostinho Baptista

“Um Porto” – José Agostinho Baptista

Ponto número 2: Concelho de Santa Cruz

“Camacha” – José Agostinho Baptista

“Caniço” – José Agostinho Baptista

“Falésia” (Garajau) – Eurico Sousa

“Santo António da Serra” – José Agostinho Baptista

Ponto número 3: Concelho de Machico

“Caminho do Forte (Machico)” – José Tolentino Mendonça

“Caniçal” – José Agostinho Baptista

“Machico” – João Miguel Fernandes Jorge

“Machico” – José Agostinho Baptista

“Mercado Velho, Machico” - José Tolentino Mendonça

Ponto número 4: Concelho de Santana

“Faial” – José Agostinho Baptista

“Faial” – José Agostinho Baptista

“Pico Ruivo” – José Agostinho Baptista

“Pico Ruivo” – José Tolentino Mendonça

“Ribeiro Frio” – João Miguel Fernandes Jorge

“São Jorge” – José Agostinho Baptista

Ponto número 5: Concelho de São Vicente

“São Vicente” – João Miguel Fernandes Jorge

Ponto número 6: Concelho do Porto Moniz

“Véu” – José Agostinho Baptista

Ponto número 7: Concelho da Calheta

“Arco da Calheta” – José Agostinho Baptista

Ponto número 8: Concelho da Ponta de Sol

“Madalena do Mar” – José Agostinho Baptista

Ponto número 9: Concelho da Ribeira Brava

“Ribeira Brava” – José Agostinho Baptista

Ponto número 10: Concelho de Câmara de Lobos

“Estreito de Câmara de Lobos” – José Agostinho Baptista

Após ter indexado e indicado a autoria do conjunto de poemas que referenciam a Madeira por todos os seus dez concelhos, segue-se a sua transcrição na íntegra, seguindo o critério de selecção por concelho.

3.2. Concelho do Funchal

José Viale Moutinho

[é tarde, acabaram-se os papéis, a noite concentra]

“É tarde, acabaram-se os papéis, a noite concentra
esses pássaros que abandonaram a cidade,
mudos pássaros. Os olhos, entre as chamas,
estão fixos no deserto, no sol e na vagarosa nuvem
que o encobre. É tarde, mas a língua conserva o sabor
dos caminhos dos corpos que andam de mãos dadas?”

É tarde, mas ainda vale a pena desenhar a cidade
despida de rumores, como que guarda memórias.”

de “Ritmos de Passagem”, in *Ocasos de Iluminação Variável* (2005)

José Agostinho Baptista

“Avenida do Mar”

“Os amigos despediam-se.
Não tenho que nomeá-los, aos amigos que eram assim:
distráidos e sós, envelhecendo.
Parados no cais, atirando as armas no chão.
Os amigos que diziam:
olhai as grandes casas do mar, iluminadas no verão.

Quem guardou no peito a saudade de um porto onde, ao
largo,
as lanternas acendiam os seus olhos de fogo lento?
Não nascemos para isto.
A nossa faina é um cálice amargo, derramado nos dias.

São como sentinelas os plátanos de uma idade pura.
Idade dos rapazes, com o crescimento por cima.
No ar,
eles eram alucinados pássaros, arrancados ao vento.
Às vezes, uma gaivota morria na orla de São Tiago.
Às vezes, os amigos morriam, sonhadoramente.

Senhor,

se ainda me concedesses o alento dos remadores, eu
havia de regressar, caminhar para as lápides,
depor as hastes enternecidas da bondade,
as delicadas hastes do amor.

Eterna é a hora dos amigos,
a hora dos vinhos,
porque na sua boca também despontam as flores do
sentir:
um lírio, um narciso voltado para os espelhos.

Masculina entoação das vozes.
Masculina inconfidência dos jardins onde eles se
sentam, tão perto do mar,
e eles são as pérolas do mar,
e são príncipes que vão sobre o mar.
E o mar aprisiona os rapazes na maré que sobe pelas
suas vidas.

Nos bancos de pedra
eles eram a pedra sentada ouvindo os remos.
Os dedos em riste apontavam para cima, para a
fervorosa mansidão dos quartos onde elas se abriam,
deitadas e cálidas,
procurando-os no sono,
beijando-os numa cruz, arrancando as pétalas,
amando-os de longe
porque os amigos eram essas flores oferecidas à noite,
nada mais.

Estavam por aí, bebendo, e nas tabernas que havia não
havia um violino,
uma canção de marinheiros.
Oh,
fantasiosa plenitude dos livros onde os marinheiros
cantam
e os mastros ondulando imitam a cadência do amor!

Estavam ali, os amigos,
e as cordas rangiam, os relógios apagavam o tempo e,
nas grandes casas do mar, o verão lançava o desejo e
quem se abraçava
abraçava-se estrangeiramente.

Na avenida
os amigos voltavam sempre a este sonho de amantes e,

no sonho,
elas afastavam as sedas, entregando-se devagar.
Eram inocentes os amigos,
e na sua inocência alojava-se uma dor estranha.
Despediam-se para sempre.”

de “Canções da Terra Distante”, in *Biografia* (2000)

Irene Lucília

“Desejada manhã, única estrela”

“Desejada manhã, única estrela.
Girassol da noite, coluna de luar.
Tranquilidade debruçada
no momento maduro
voo de silêncio e olhar.

Grande nome de tudo
mas a letra pequena.
Cidade em torno ao mundo
mas tão perto.
Aroma de raiz
montanha de ir ao sol
tempo azul de sempre dia.
Mar desperto...
Que nome chamaremos?”

in *Poeti Contemporanei dell’Isola di Madera* (2001)

Carlos Nogueira Fino

“funchal”

“hoje tive fome da cidade
da minha torre via o undo pelos vidros
toldado pela cinza
da minha torre onde construo o mundo

é bom pairar na periferia
é só deslizar um pouco para dentro

e eis-me na cidade
na minha cidade enxameada pelas compras de natal

hoje chovia e tive fome da cidade
consegui estacionar o carro
e percorrer a salvo a rua João de Tavira
atravessar rente à sé estava o verde intermitente
comprar o jornal
sentar-me no apolo sem o ler
ouvir o mundo
ouvir a chuva a inundar o mundo”

in funchal (2004)

José Agostinho Baptista

“Igreja do Socorro”

“Senhor,
eu subi os degraus da tua casa.
E a tua casa era terrível, com o incenso e a morte
e a pequena luz dos círios.
As laranjeiras sucumbiam ao tempo triste.
A tua palavra ressoava nas cisternas devoradoras.
Sempre ouvi os sinos voltado para o mar.
No mar
os rapazes eram felizes na sua distração de deus.
Eu plantei na penumbra dos claustros as árvores do
perdido amor.
Nos seus ramos dormem os pássaros doentes.
Tudo vive longe de ti.
Reduzes o pó, a seda e o linho e o ouro antigo.
Os anjos contêm na pedra das suas asas um frio
mortal.
Aos teus pés secaram todas as lágrimas.
O cálice refulge quanto o sol bate mas não é o teu
sangue,
não é o teu vinho o que dizem beber.
Este corpo não é o teu corpo, é a alegria dos
rapazes sobre o mar
e eu sei que me chamam quando céu desce pelas suas
cabeças pensativas.
Nos teus olhos quis ver o perdão, a bondade das searas,
um malmequer sem fim,

A Ilha da Madeira pela mão dos seus poetas – Construção de um roteiro literário,

João Filipe Ribeiro de Abreu

mas apenas ouvi esse rumor que vinha de baixo, onde
eles corriam para as águas,
e, de repente,
o teu rosto era muito azul nas planícies de além.
Agora,
a cera encontra o chão.
A hóstia queima a minha boca, a minha sede.
Os óleos santos prolongam a ira.
Suspenso estava o sinal da cruz.
A alegria estava no mar.”

de “Canções da Terra Distante”, *in Biografia* (2000)

“Jardim Municipal”

“Talvez um fruto eterno unisse sempre os teus
lábios.
E, na linha que os une, eu teria visto uma chama
profunda acendendo o nome,
as cinco feridas acesas do teu nome.

No parque a oeste nunca estás.
Refugias-te algures, num círculo de marfim, e agora
a tua vida é muito fria.
Quem cuidará deste jardim?

Vi, quebrados em maio, os espelhos da minha água.
Os peixes corriam por dentro da sua loucura,
procurando a cegueira nas arestas.
Os peixes eram a grande demência de deus.

Aqui e ali, um fio vermelho, gotas que foram sangue,
um nervo rasgado na face do nenúfar.
As penas brancas pousavam em ti.
Soluçamos sempre, à beira da agonia.

As tuas mãos destruíram o cisne.
Durante sete dias e sete noite ele aportou às
ilhas e partiu.

E esse cisne era esse homem porque os homens
partem e são tristes
pensando na amada.

Eu não vi as tuas sandálias pela vereda antiga.
Na lagoa nada se move.

O fotógrafo oculta o rosto na escuridão do pano.
De norte para sul os cães ladram.
Então pensei:
nada disto terá idade.
Os meses fecham-se à volta do coração.
Em janeiro parte sempre o meu amor.

Aqui sentado
sei que anoitece porque a acácia leva na sua sombra
o alvoroço do dia
e uma cicatriz violeta cruza a minha frente.

O atum espera.
A sua carne jaz, obscura e húmida, aprisionada em
vidro.
A espada e a moreia esperam.
Na penumbra do Éden tinha fome e sede.
O pai nunca mais voltou.

O jaqué sobe a transparência das taças.
Cantam, nos serenos ramos defronte, os pássaros que
se despedem da tarde.
Quando te amei já os solitários desciam para a gruta
de Santa Catarina.
Não posso pensar em ti.

O mundo dorme e eu estou aqui e a solidão por cima.
Porque a noite cai sobre o porto
os meus dedos encontram a carícia dos meus dedos,
nada mais.

Fechei a sete chaves a casa do amor.
Agora,
não entregas o coração e é sempre inverno nas
rosas do teu coração.

Nas minhas costas havia um jardim, e depois um
lamento,
uma harpa que tocava além, sobre o arco-íris, como
se tudo recordasse a tua iluminada voz.

Dolorosa é a vida de um homem que perde os sonhos.
Vou, como quem tropeça, imaginando o cisne.
Mais abaixo, o mar embala os filhos.”

de “Canções da Terra Distante”, *in Biografia* (2000)

José Tolentino Mendonça

“Olhar sobre a cidade”

“tão perto o sol nasce
da planície que
o esconde

vem sentir o cheiro das amendoeiras
pelas ameias daquelas casas
guerreiro ágil

anda atravessas os velhos pórticos
e depois fica
sem saber em que tempo
estamos
ou se teremos ainda
que morrer

anda, é manhã sim
mas já é tarde
e tu sabes”

in A noite abre os meus olhos (2006)

José de Sainz-Trueva

“Rua da Carreira 126”

“Apoia-se a casa
em espessa cantaria
onde o pássaro cantou
penugem baça que a mão acaricia
espreitando a rua num brusco sobressalto
de quem se arrependeu
na alvura do corpo a marca
de uma unha
uma nódoa de cal uma
desordem íntima
ao espelho (á mesa)
um fruto que se come
à luz do dia”

in Poeti Contemporanei dell’Isola di Madera (2001)

Carlos Nogueira Fino

[rua de santa maria]

“na rua de santa maria de tão estreita
tocam-se as paredes numa nesga azul
e a primeira linha da sombra vem pelas empenas
sobre as pedras nuas

viraram-se há que tempos as janelas para dentro
que a roupa já está seca e em farrapos a deixaram
pendurada

caem primeiro os números das portas que a memória
mas mesmo essa
já não é o que era

e mesmo o que tu ouves não são passos
mas o sangue espasmódico

mesmo o último pássaro é de barro
e há muito que está morto no telhado”

in funchal (2004)

José Agostinho Mendonça

“Rua de Santa Maria”

“Já não me embalam as palavras do amor.
Pouco valem estas moedas onde gravaram os sinais
que tendem a solidão.
As mulheres subiam os degraus e pareciam de pedra,
ao alto.
Sei que as vias e eram como uma flora aterradora,
devorando as próprias raízes, envelhecendo.
Sei que Às vezes cantavam à beira das aguardentes,
e já não bordavam nem um xaile, nem um lenço.
Perdiam-se no fumo, na contemplação de uma ruga,
ludibriadas pelo tempo.

O sol voltava e elas voltavam-se de lado para que
o sol fizesse tréguas na sua luz.
O pai dizia:
este vinho já não o que era.
Não sei para que trazem do norte o jaqué e o canum.
A acidez mata.
A cidade mata a inocência dos lagares.

Só outro vinho distrairá o teu sonho de amantes, o
teu desgosto.
Vê como elas movem as agulhas de fogo ao longo do
coração.
Que desordem de gestos as conduzia aos pátios, à
magia do seu crepúsculo?

Atravessai os espelhos.
Os espelhos eram vermelhos. Os lábios eram vermelhos.
Havia, depois dos labirintos, um país de cerejeiras e
também era um sonho.
Eu via ali a escuridão de todas as ilhas.
Via um bosque, a humidade, as esmeraldas frias.
Quebrei as lâmpadas e à beira dos seios não podia
adormecer.
A noite pesava como uma túnica de mármore.
Mãe,
mãe, para que atiraste a maldiçoada rosa para os
quartos desta rua?"

de “Canções da Terra Distante”, *in Biografia* (2000)

José Tolentino Mendonça

“Travessa da Infância”

“Quietos fazemos as grandes viagens
só a alma convive com as paragens
estranhas

lembro-me de uma janela
na Travessa da Infância
onde seguindo o rumor dos autocarros
olhei pela primeira vez
o mundo

não sei se poderás adivinhar
a secreta glória que senti
por esses dias

só mais tare descobri que
o último apeadeiro de todos
os autocarros
era ainda antes
do mundo

mas isso foi
muito depois
repito”

in A noite abre os meus olhos (2006)

José Agostinho Baptista

“Travessa de São Filipe”

“Cheguei cedo, na primavera dos rapazes.
O cão do norte veio morrer às portas da cidade
já do amigo compadecido.

Hávia dalias e cravos e gladiolos e as tias atrás
das cortinas.
As costinhas tinham o medo nas suas rendas.
Eu tinha o medo no coração.

O tédio parava na imobilidade dos guindastes.
Havia nas sombras de um beco uma luz muito triste.
As trepadeiras enredavam-se nos muros e subiam.
No terraço, a minha vida sentava-se longamente.
Ao longe, a palmeira recortava o seu perfil e
parecia uma esfinge,
uma faca apontada ao céu.

Retive o gosto das tâmaras e do fruto do paraíso.
Amei em frente uma cabeleira de trigo errante e
na sua dourada exaltação
os metais que refugiam.

Era uma cabeleira ondulando. Eram velas ondulando
na pequena alegria.

Crescia-se com os gerânicos, ao abandono.
As famílias afastavam-se, inadvertidamente.
Eu não dizia nada.
Sei que houve um adeus numa estação de lágrimas no
meio dos lenços, no meio da cambraia húmida,
e nem uma palavra,
nem um rumor de pálpebras.

Os beijos queimavam. O sol queimava o convés onde
eles se perfilavam, entontecidos pelas hélices.

Percebi que as agulhas corriam pelos dedos e nos
dedos havia um dedal de prata.
Eles falavam devagar,
falavam alto para a solidão dos filhos, distraídas
da candura,
explodindo à vezes, mas como podia sair,
desprender-me, soltar as amarras do ventre?

Oh,
maternal, nocturna gestação do ser morosamente
aturdido, encostado às raízes.
Sonolenta inspiração dos dias raros.
E a mágoa sobrepõe-se à orquídea, à bela orquídea
encantada.
À magoada flor da mocidade.

Os sinos de São Filipe eram como uma dor, um
veneno doce nas horas de maio.
Depois, ao crepúsculo,
elas recolham-se e já nada se ouvia para lá do próprio coração.
Eu não dizia nada.

As manhãs repetem os sintomas da doença.
Mal respiro, e o polén faz-me enlouquecer.
Um pássaro de papel cai junto à janela.
A avó sobressalta-se.

Agora chove abacates e nos araçás.
Chove por dentro, diluvianamente,
para sempre.
A ternura escava a sua morada subterrânea.
Oculto as minhas nascentes.

Dizem que hei-de ser homem mas o meu sonho é
uma obsessão de mastros e linhas de água.
Eu era um rapaz muito cedo na primavera.”

de “Canções da Terra Distante”, in *Biografia* (2000)

“Um Porto”

“Um porto é como uma seara plantada de mastros,
uma azáfama de gritos;
brancos fumos desvanecem o azul;
vou por estas horas em que se deambula de um vinho a
outro vinho, de uma boca salgada a um beijo.

Não haverá regresso, ainda que o digas.
Este oceano começa no tédio das casas.
Giram as hélices ao fundo de uma cabeça citadina –
isto é: na amarga vida das metrópoles.

O ofício das vagas, a minúcia das velas –
outro destino não queria:
empunhei o leme, recolho a âncora, bebo, escrevo –

é como o ranger de desusadas portas, um alarido de ferros,
uma vibração de ossos há muito sentados.

Tudo acaba na sedução das cadeiras,
das páginas onde soletramos um sonho atlântico,
o ancoradouro que nos prende:

ainda que o digas não partirei –
conheço a nostalgia que vive para sempre no coração da
infância e dos barcos.”

de *Auto-retrato* (1986), in *Biografia* (2000)

3.3. Concelho de Santa Cruz

José Agostinho Baptista

“Camacha”

“As maçãs ficam para sempre de cada lado do rosto.
Há, no semblante da raparigas, um fogo lento que
consome a tarde.
Quando se levanta
o sol bate impiedosamente nas suas fontes, mas na
penumbra elas fecham o desejo.
Elas não sabem que pelas serras se aproxima o
viajante.
Elas param
imaginando os príncipes.
Sonâmbulas, em silêncio, em petrificada esfinge.
Elas amam o viajante com todas as cidades no sonho.
Os vimes entrelaçam-se nos dedos do irmão que as
viu perdidas entre as áleas verdes e
os sinos tocam de repente.
Estremeço.
Tenho frio porque há um mês que prepara o gosto da
sidra nas laboriosas nascentes.

Bebo os rios da terra num balcão de faia antiga.
Lá fora, a cal sucumbe à humidade.
São estas as casas de que falo,
é este o meu pão, a minha água, a hora em que me
despeço e elas pousam a rosa nos lábios,
entrando no sono.
Quem bordou as saias onde o sangue vive?
E elas dançam, voltadas para baixo, e todos os
astros pesam sobre os ombros.
O viajante quer os pátios da primavera onde elas se
sentavam ao lado dos limoeiros.
Há quem chame ao crepúsculo, temendo a exaltação
do peregrino, a sua febre, os jardins que incendeia.
Fico nos cestos que secam pelo dia, nos vimes, nas
maçãs, na cor de cada dia.

Saio do nevoeiro que desce sobre a aldeia e, sem
tréguas, recomeço.

Não deixarei que morra a canção da erva fria.”

de “Canções da Terra Distante”, *in Biografia* (2000)

“Caniço”

“Quis sentar-me aqui porque a minha vida era assim:
sentada, pensativa.

Voltado para a montanha, si que à beira do pinhal
o pai crescia.

O primo nem disse adeus quando a morte o levou nas
suas rodas.

Então,

Setembro tornou-se uma dor na recordação das praias.

Demorados frutos alastravam pelos meses.

As espigas levantadas

davam esta luz de ouro e depois eram espectros
dançando na treva.

Em cada campo vivia uma sobressaltada inocência que
acordava cedo, destruindo os relógios.

Às vezes,

eu passava de lado e descia até ao mar.

O mar tinha a sua música de cordas húmidas, com o
lodo à volta.

Eu esquecia as cidades.

Dormia.

As canas explodiam para cima, unindo-se a Vénus na
sua doçura.

Quando regresso

todas as portas se fecham. Já não tenho chaves
de uma vida antiga. Olho à volta.

Passam, no sol crescente, as caravanas do litoral,
jovens amantes a caminho do note.

Nas suas grinaldas trazem fios de sangue.

Ah, se ao menos o amor fosse uma canção de estrelas
puras,

uma lâmpada intensa, ao fundo, atrás do mar,
iluminando a casa!

Mas a casa cede.

A hera enreda-se a seu lado estão os figos e ao
longe os sinais do mar.

O pai vai esquecendo e é triste sem o vinho sobre
a mesa.

Já não queimam o alecrim ao entardecer das vilas.

Há uma raiz que se alonga tremendamente e é como
um grito no monte das oliveiras.

E as oliveiras são os meus filhos e as lágrimas dos
meus filhos, regressando aqui, à saudade do pai.

De pé,
toco as margens do céu e no céu as casas são
brancas, com jardins atrás.
A ave que passa escarnece da minha contemplação.
Passa incessantemente,
abrindo e fechando os círculos, e há sempre um
lamento,
uma notícia sinistra quando se afasta.

Eu não podia afastar-me.
Quis arrancar as âncoras, uma corda, um prego de
fogo cravado na carne
mas a minha carne era uma pedra de silêncio que só
o silêncio movia.

Não reconheço outra arte.
Reúno os fragmentos de um passado indecifrável.
As suas tábuas assinalam quintais que não vi, uma
estrada íngreme,
vastas anoneiras, um casebre, os melros na infância
do pai,
a morte sentada em duas rodas e depois a mágoa.

Desastrosa vida.
Agora é fácil. É fácil morrer.”

de “Canções da Terra Distante”, *in Biografia* (2000)

Eurico Sousa

“Falésia (Garajau)”

“Este é o rochedo
Onde os sargaços
Enredam as ilusões.”

in Poeti Contemporanei dell'Isola di Madera (2001)

“Santo António da Serra”

A Ilha da Madeira pela mão dos seus poetas – Construção de um roteiro literário,

João Filipe Ribeiro de Abreu

“Ali,
as vacas eram mais lentas.
E as vacas pensavam lentamente porque uma criança
para na serra dos tios e essa criança era uma
flor que crescia.
E a flor abria a sua pele e o orvalho entrava e
depois o nevoeiro era denso e escurecia.

Ao fundo dos lhos as vacas tinham dois archotes,
duas crianças iluminadas na desolação dos prados.

Pouco entendia.
E, naquilo que entendia, um felino afiava as suas
garras.
Os cães uivavam.
Atrás das sebes as papoilas estremeciam.
Prados de uma demência sem fim empurravam para o
seu peito um verde lancinante.

Era uma criança deitada, respirando com erva.
Oh,
envenenada magia que vem de baixo, pelo medo das
crianças!

Feriam-na a urze e as roseiras e, mais tarde,
decorridas estações,
decorridas lágrimas,
a sidra humedecia-lhe os lábios como uma fonte
ácida, como uma fonte fria.

Que faço agora, debruçado sobre as lápides, que
procuro aqui?
Perdi as datas.
Perdi a vaga claridade dos rostos amados e não
creio que houvesse um coro de anjos nas aldeias
da minha vida.
Ontem e hoje é apenas um rio que corre em mim.

Ninguém me chama.
Ninguém me conhece.
Não ecoa nos vales o meu santo e a minha senda, não
esvoaçam as minhas aves mas os charcos cobrem-se de
penas.

Silêncio.
Profundo silêncio das terras onde as romãs se abrem
como a amada,

A Ilha da Madeira pela mão dos seus poetas – Construção de um roteiro literário,

João Filipe Ribeiro de Abreu

com o sangue resplandecente, desvendado.
Inauguração do amor, anos volvidos,
quando se vai para o esquecimento e outro frêmito
nos acorde, de repente, e as têmeoras explodem.
Não, tu não passaste por aqui.

E agora lembro-me que alguém cantava.
E essa voz, rasgada na bruma, não tinha que ver com
o trigo, não brotava do joio,
talvez fosse a voz de deus, e a voz de deus era a
jovem, perplexa alegria,
uma pérola que cantava.

Elas afastavam tão pouco as cortinas, compondo uma
madeira,
um laço,
e eu sei que nos fios de sedosa e deslumbrada luz
perpetuavam os limoeiros e a flor-de-lis.
Viviam ali, naqueles cabelos de então, aromas de
giesta e alecrim,
sonâmbulas açucenas.
As hortênsias ladeavam os caminhos com os seus
novelos brancos e azuis,
como uma matizada loucura de pincéis.

Só podia enlouquecer, dilacerar-me, ir pelo mundo.
E, dilacerado, esquecer.”

de “Canções da Terra Distante”, *in Biografia* (2000)

3.4. Concelho de Machico

José Tolentino Mendonça

“Caminho do Forte (Machico)”

“No caminho onde aprendi o outono
sob o azul magoado
os pescadores cruzam ainda linhas
províncias clareiras
e esse gesto masculino de apagar a dor

chegava pelos percalços da terra
o carro do gelo
e os miúdos tiravam bocados para comer às dentadas
um retrato selvagem mas, juro-vos, havia encanto
havia qualquer coisa, outra coisa
nesse instante em perda

as mulheres sentavam-se à porta com os bordados
quando passavam estrangeiros
ficavam sempre a sorrir nas suas fotografias”

in A noite abre os meus olhos (2006)

“Caniçal”

“A noite traz consigo os gritos do recém-nascido.
Quem está no mar ignora as tumultuosas leis do
parto.
Quem está no mar tem outro sangue nas mãos.
Os atuns de madrugada esvaem-se.
A sua pele brilha, quase encostada aos archotes.
Eles sabem que na boca dos homens há uma praga que
explode.
As estrelas da sua água dormem profundamente e
o anzol prende-se à carne como uma garra de fogo.
Maldito aço curvo e mortal.
Malditas as mãos que dão à luz os assassinos.
Ninguém acode a esta dor lancinante.
Oxalá enlouqueçam as vagas
e os homens se enredem nas linhas com todos os
lamentos,
com o terror por dentro.
Trabalham nas minhas guelras os pincéis vermelhos
de um pintor louco.
Não quero ouvir as pancadas dos meus irmãos, ao
fundo,
sobre as tábuas.
Somos muitos na última noite do nosso verão.
Já não podemos amar a primeira lua,
já não podemos amar.
Este mês antes de agosto é tão cruel como as suas
armas, arremessando-as devagar.

A escuridão aperta-me nos seus braços frios e
aquele que nasce
nasce ao lado da morte dos meus irmãos.

O sangue desvenda sobre as pedras um segredo antigo,
as trevas cedem à luz.
os gritos prolongam-se na manhã das vilas e não
tarda o silêncio com todos os lamentos, com o
terror por dentro.
Em setembro a procissão irá pelo mar.”

de “Canções da Terra Distante”, *in Biografia* (2000)

João Miguel Fernandes Jorge

“Machico”

“Nos altos cimos do aquário atlântico
os barcos acendeiam os outros barcos
deslumbra-se, à distância da vila,
no ocre das suas lágrimas. Pelo fi
do mar de maio, quando o negro de uma
 traíneira
esfuma o incandescente azul.
Viu tudo o que tinha feito até então:
e era muito bom. A luz
dos caranguejos sobre lapas.
E crescem os ramos cimeiros
e cantam para nós a ilusão que se
apodera dos pequenos fortes.
As estreitas ruas da ribeira corre
de margem a margem guardam a indolência
no extremo do cais
a ave ergue o improvisado voo, pássaro
rumo à distante origem
levanta, atrás de si, incontáveis gerações.”

in Funchal em Fundo (2002)

José Agostinho Baptista

“Machico”

“Roubei-te à casa dos teus pais.
Atravessei o bosque e a charneca e desci a margem de
todas as águas.
Disse adeus à égua das minhas manhãs de
roseiras bravas.
Soltei as amarras e
leve-te como um sonho para o mar.

Navegámos à deriva. cientes da febre do amor.
A sede queimada as cordas da tua voz.
Empalidecias.
Abandonei o leme e pedi às fontes do céu uma água
doce e muita fria,
um beijo para sempre, uma prece, uma
alta magia.

Sim, regressaram as chuvas.
Naufragámos ao largo da primeira ilha.

Aqui lancei os grãos, ao descuido das luas.
Tudo nasceu para lá das minhas mãos e o silêncio era
perfeito no coração daquilo que nascia.

Edifiquei os pórticos.
Pouco rezei na capela de Pedro porque eu era uma
saúde de prados
e nada devolveria as rosas vermelhas da pátria.

Agora vem e senta-te neste alpendre de costas para deus.
Traz a tua lira e toca até ao fim das noites
quando vale dorme e ribeira para e o sangue para
pensando em ti.

Matou-me o amor.
E aqui chegado
olhei à volta e enlouqueceram-me as árvores.
Sei que no limiar dos incêndios a floresta gritou.

Fez-se escuro num regaço de verde linho ardido.
Estranhos animais correram durante as semanas do

genocídio.

Fugi de tudo e de mim, agarrado à tua luz.
Plantei as flores do mundo e agora elas voltam para
mim a sua face,
a cor onde o orvalho seca.
Há, nos meus olhos,
um pranto incessante que se despenha das colinas.

Dei um nome e uma lenda a este corpo aberto,
rasgado no litoral
mas não me viram adormecer ao lado dos cães.
Não ouviram os meus gritos porque sobre os lábios
quis estendida a tua mortalha.

Encostei-me aos ciprestes
Povoei de lápides brancas o campo santo do olvido.

Procurei aqueles que vagueiam eternamente
procurando a terra onde os cais se alumiam.
Ninguém bate à minha porta de tábuas belas.
Outrora
possuí um reino de névoa e duendes, um palácio de
mármore e esqueci.

Caço furtivamente
Falo aos peixes, às pedras e às aves que passam.
Em outubro
não espero o Senhor dos Milagres.
Não atravesso a ponte, curvado ao peso do andor.
As velas cegam-me. Os cânticos ferem-me.

Algures, onde o farol se extingue, continuo a
ouvir a tua voz:
Machim, Machim,
o amor é apenas uma ilha onde cabe a dor da vida.”

de “Canções da Terra Distante”, *in Biografia* (2000)

José Tolentino Mendonça

“Mercado Velho, Machico”

“Uma paisagem muito ao longe
quando se regressa
continuamos a vê-la no escuro

fechamos os olhos, sentimo-nos vivos
na sucessão dos séculos
falamos de súbito
daquilo que nos assusta
um segredo demasiado intenso
o malogro dos códigos
qualquer ideia extrema
que destrói o mundo e não queríamos

mas estamos tão pouco
onde estamos”

in A noite abre os meus olhos (2006)

3.5. Concelho de Santana

José Agostinho Baptista

“Faial”

“esta é a região dos maiores silêncios
os campos verdes de uma infância doente
quando todos se foram embora, loucos de tantas
madrugadas de terror.

aqui voltei, treze invernos mais tarde
no sombro mês que antecede as chuvas

a casa morre.

as ervas altas crescem desordenadamente, à volta
e nas paredes.
as janelas apodrecidas e as portas ainda fechadas
dão para sul
onde em acentuado declive estão as vinhas, dispostas
ao acaso
e mais abaixo
a ribeira que vai perder-se no mar;

ao alto a rocha imensa, penha d'água
com os caminhos sinistros e a luz das fogueiras na
estação dos grandes
frios;

foi aqui que numa primavera tardia, em pleno
crepúsculo,
vi despenhar-se
o último sobrevivente de uma geração passada.

é do norte que vos escrevo.

quando regresssei a este lugar e desespero
eu sabia que tudo acabava para um povo melancólico,
perdido no vale absoluto sossego
atento apenas ao respirar de uma terra selvagem e aos
presságios das marés violentas, em noites de temporal.

é ainda daqui que o poema urge para, em sobressalto,
retomar o destino de uma solidão primitiva.”

de “Deste lado onde”, *in Biografia* (2000)

“Faial”

“Havia uma criança parada nas horas tristes.
Havia uma ponte e debaixo corriam as águas com
a sua música de flautas perdidas.
A criança pensava:
a pedra mais alta está encostada ao céu.
Nunca erei a água à beira do céu. Vou cair.
Ao fundo moram os meus irmãos.

A criança contemplava os desastres, uma que brada,
archotes que assombravam a noite.
Era uma criança que vinha do sul pelos caminhos que
subiam.
Tardava sempre a grande lua.

A Ilha da Madeira pela mão dos seus poetas – Construção de um roteiro literário,

João Filipe Ribeiro de Abreu

Os naufragos perdiam os olhos.
A ribeira do inverno trazia na sua lama outra
criança morta, um berço e um crucifixo.
Eu já não sei que perfil decidia aquela face de
tremenda solidão.

À esquerda,
o mar rugia as suas imprecações. E depois do mar
nem uma voz se ouvia, nem um grito,
nem a agitação dos canaviais.
Este silêncio mata.

Com os figos , com as bagas, com os cravos
respirando pelos meses fora,
uma criança de estranho andar despedia-se.
Era uma criança atordoada pelas vinas.
Uma criança devagar, como se o êxtase das luas de
agosto fosse o êxtase de uma vida pura,
derramada sobre as crianças.
Onde estaria o Sol?
Que fizeram de mim
que fizeram da relampejante, ardorosa alegria de
quem vem a mundo
e ao mundo implora uma emoção menos brutal, tão
só a cadência de trigo, uma vastidão azul de
velas brandas,
jamais as ribeiras descendo para a morte?

Estas ervas crescem ferozmente.
Enredam-se malignamente.
Com uma doença, como uma sina fatídica, os fungos
agarravam-se pele e às paredes de uma casa e não
era lenda que logo no umbral tudo emudecia.

A casa envelhece cm os pais que dormem.
Os pássaros do campo dormem.
Os mortos regressam quando a noite despe o seu
manto
e agora a criança entra no medo, soluçando.
O vento atira-se contra a porta.

É o vento, é o vento, dizem as crianças.
E o vento dança sobre as crianças e não há fim
para a sua loucura.
O vento ama o norte porque os seus companheiros
são crianças espavoridas,
condenadas ao exílio.

As crianças sonhadoras, escrevendo mais tarde.

Um homem voltou às escarpas.
Viu os casebres, as ruínas, e essas ruínas eram
as suas ruínas.
Penso numa águia, numa casa, numa pedra.
Pensou no vento, nas crianças gritando no vento.
Uma criança percorria os labirintos com todo o
silêncio no envelhecido coração
e os seus cabelos eram brancos e a terra fria e
os frutos eram as cinzas do verão.
Ele dia adeus.”

de “Canções da Terra Distante”, *in Biografia* (2000)

“Pico Ruivo”

“Já se ouve o tropel dos cavalos brancos sobre as
nuvens.
Os elmos refulgem e depois tombam e recolhe-os a
manhã.
Os guerreiros do sol nasciam aqui.

Era jovem quando subi as escadas da terra, deixando
na pedra e na urze, um desejo, um verso que já
anunciava o terror.
Onde estavas na minha primavera?
Eu pensava tanto que já não sei se era grande o vento,
se o sol parava no coração da beleza.

Bela e dolorosa revelação –
quem me chama ao fundo da noite? –
mas a sua forma não revelava um rosto, duas mãos com
a inclinação dos girassóis que mais tarde vi.
Voltei-me de lado para não sentir a morte nos campos
da península.
Em vão, porque eras tu. Despenhei-me aqui,
despenhei-me em ti.
Já estava escrito que morria.
Subi os degraus e abracei a cruz.
Adormeci.
Jurei que não regressaria aos lugares do destino.

Ao abrir a porta a casa abandonava as trevas e ainda
não se ouvia nada, nem os acordes da manhã, nem as
águas despenhadas, nem os amigos, porque longa é a
melancolia sobre as montanhas.

Fui a giesta e o jasmim e o mel distante.
Não cantei porque não podia.
O que entrava em mim não tinha nome, era como a rubra,
deslumbrada luz, as cinzas no meio de tudo –
sim, porque tudo ardia.”

de “Canções da Terra Distante”, in *Biografia* (2000)

José Tolentino Mendonça

“Pico Ruivo”

“Vigiava nuvens e sombras pelas fajãs
a mesma solidão perigosamente
transcrita naquele cinzento avermelhado
sob as escamas do céu

túneis, atalhos, águas geladas
por aí nos conduz a travessia
a folha e a flor pertencem ao vento
um olhar (ainda o meu?) persegue-as entretido
na grande subia

mais abaixo, quando principiava a vereda
manchas de líquenes cobriam de igual modo
o nome dos lugares onde iremos
e dos lugares onde não chegaremos”

in *A noite abre os meus olhos* (2006)

José Agostinho Baptista

“São Jorge”

“Não vivi, não amei, não quis a viva impressão do
amor nas cabanas do planalto.
Bebi longamente o vinho seco.

Verde verde é o esplendor que veste a terra.
A terra vestida no meu assombro quando as gruas me
levantam.
E as raízes por baixo e junto Às raízes os ossos e
as larvas.

E no meio de tudo o longo silêncio branco, vazio
de pássaros.

Verde verde de um rosto sulcado pelas alfaias.
Verde
verde cama onde me deito com os mortos tão perto.

As giestas respiram. As vinhas respiram.
Eu estou aqui mas não sei quando.

Elas estavam À janela com as cerejas-de-inverno e
as tranças desordenadas.
Pálidas às vezes no contraste das amoras.
Com as foices de um brilho mortal à volta das canas.
Envelhecendo depressa com a candeia nas mãos,
alumando o moribundo:
meu amor que me deixas, já nada se passa, nada se
parece ao rugido do mar.
Contigo, colhi os lírios e talvez fosse a alegria.
Meu amor, minha pedra salgada onde o sol se apaga,
já não me despes,
não me dilaceras com a lança ardente que trazias do
mar.
E quem não conhece a tua voz não pode amar a
minha voz, não pode cantar.

Quem cantou as montanhas?
Quem cantou este céu, estas nuvens que
pesam tanto na minha dor?
Senhor, que fizeste das nossas vidas?
O azul devora-me. O verde devora-me.
Nascemos para o suplício da cor?
Perdoa-me se, à beira dos socos, o meu coração
se entrega às tuas coisas da terra.
À tua obra pura, com o pensamento através do norte,
o teu pensamento inóspito, senhor.

Vês a ruína dos alambiques?
Vês o mel escasso nas almudes?
Terás nas órbitas vazias um vestígio de pólen, uma
corola muito fresca?

Os cães de infância deliram quando o fogo se
desprende.
A espada de um santo refulge à hora do pranto.
Este povo ajoelha-se terrivelmente, sucumbido às
liturgias,
ao evangelho que atravessa o mundo como uma sombra

de impiedoso recorte,
e eles entram na sombra, condenados por tanto verde
e azul.

Mil brisas tem o dia, mil asas alvoroçadas, mil
cordas da grande voz.
Sou apenas uma planta breve, espancada pelos ventos.
Verde
verde como a pele dos campos verdes.
Sou a cor que se expande e quem se acerca pode
acabar como o trevo
e, nas quatro folhas, pode adormecer.
Assim, com toda a mágoa diante do mar.
Escrevendo no sonho, à vista das cabanas, no silêncio
de uma aldeia quando se vem de longe,
quando pouco resta par dizer.”

de “Canções da Terra Distante”, *in Biografia* (2000)

João Miguel Fernandes Jorge

“Ribeiro Frio”

“Os patos de pescoço verde nadam
na transparência da água sacodem de
triunfo, nem uma pena nem uma penugem
extraviada que paire na encosta de
azéleas e rododendros em arco sobre o
ribeiro, sobre o ribeiro frio.

Do outro lado abriam-se as folhas dos fetos
e nos tanques vivem, em círculos, as trutas.
Parecem uma ameaça a todo o tempo,
ao nosso próprio destino.

Os cumes da ilha estão próximos.
De entre as trutas uma
quebra o cordão do círculo que,
invisível, as prende
e lateja por um instante até poisas
sem murmúrio
toda a terra da ilha.”

in Funchal em Fundo (2002)

3.6. Concelho de São Vicente

João Miguel Fernandes Jorge

“São Vicente”

“Lá fora tinha escurecido. Em plena vila
temos a sensação de que estamos dentro de
uma grande sala. Uma cortina de arbustos
mantém-nos semi-ocultos. Do vale de sombras
cavado em casas, apenas iluminado pelo
tremeluzir dos candeeiros, ergue-se
a vida, a vila de S. Vicente.
As janelas projectam sobre a praça
o desenho das vidraças. Tem palmeiras o
cemitério. Na parede da igreja
vislumbra-se o pulsar da ponta
de um cigarro. E o ar da noite desce
arrefeceu no verde
das serras em redor.
O pulso iluminado
pela chama do cigarro aproxima-se
procura alguém nesse escuro início da noite
para dizer, somente, um último, um primeiro adeus.”

in Funchal em Fundo (2002)

3.7. Concelho do Porto Moniz

José Agostinho Baptista

“Véu”

Nem a coroa de louros nem a coroa de
espinho roçam a fronte
que, entre a febre e o ar mais frio,
se voltava para o sul.

E o que era o sul?
Uma dor desterrada, doce,
a mão parada sobre a cal?

Nada se vê daqui.
A janela está fechada. Desceram as
persianas.
Dedos sem amor apagaram a luz do
mundo.
E, entre a febre e o ar mais frio,
a tua frente sangra para dentro,
voltada para sul.

de “Agora e na Hora da Nossa Morte”, in *Biografia* (2000)

3.8. Concelho da Calheta

José Agostinho Baptista

“Arco da Calheta”

“Só eu sei como cantava.
E a sua voz lavrara os campos e todas as alfaías
eram como a desordem do meu coração.
Batia no trigo e no centeio do meu coração porque
o amor tinha os olhos cegos da noite,
não ia nem vinha, cantava sem ouvir.

Um arado de fogo rasgava a inocência dos canaviais.
A vida parava ali.

Desci o atalho e, ao fundo,
as estrelas-do-mar secavam sobre as pedras lisas.
Atirei para longe os búzios com a saudade na sua
música
mas não era música aquilo que ouvia,
era o primeiro amor respirando,
eram as canas doces respirando.
Como podia esquecer-te?

Ela passava à tarde quando setembro traz consigo o
hálito do verão que parte,
quando tudo parte com o verão.
Ela era uma simples flor comovida, estremeando, e
eu não podia tocá-la, arrancar uma pétala, partir.

Deixei ali,
vigiada pelas aias do desgosto, pelo espesso manto
da crueldade e das devoções,
pelos xailes de antiquíssimo luto, deixei ali, num
arco de violenta melancolia,
uma rosa branca sangrando para os alpendres.”

de “Canções da Terra Distante”, *in Biografia* (2000)

3.9. Concelho da Ponta de Sol

José Agostinho Baptista

“Madalena do Mar”

“Partiram pela noite e já não pude amá-los
Agora
o mar devolve à praia um leme, remos, lãs do
norte despedaçados fíos,
três rostos de uma cor sombria.

Hoje
o mar é negro e frio.
Os xailes são negros e frios sobre os ombros das
mães.
Elas olham sem ver este rosto ainda belo, onde,
outrora,
existiu um estremecimento de lírios.

Os lábios do meu amado diziam a última prece e
era como se cantasse.
Ela fechou os olhos.
Nas suas pálpebras embranquecia o sal.
Os peixes batiam nas tábuas e era uma canção
demente
a canção das guelras sufocando.

Na crueldade das manhãs,
na linha do horizonte,
ele já não vê um veleiro navegando para o mundo.
O luto veste as suas pedras e
a anêmona adquire os traços da monstruosidade.

Na sua garganta um anzol de aço resplandece,
depois da chuva.

Será isto a morte?
A extrema escuridão?
E, no entanto, eu vejo tudo agora, um veleiro
antigo, um xaile, uma noiva no adro de uma aldeia,
um berço de matérias rudes.
Agora sei tudo.

Esmagou as conchas.
Esmagou as campânulas onde, eternamente, uma
chama cintilava e não era mais do que isso:
uma chama, um aviso.

Para trás,
ele empurra para trás as árvores, os canteiros
que davam as hastes do amor.
Que tudo se dissolva no ar, pensa ele.
Que, sem ruído, se afastem os temporais.
Porque a tempestade é sempre este jogo, estes
barcos quebrados, e eu estou só.

Resgatada está a sua vida.
Solitária a noiva num lugar tão ermo. Cumprida
a sina de uma terra ao fundo da terra onde um
rasgão se abre,
onde a água se despenha e outra água a recebe
porque a verdade é essa:
morrer muito de repente.

Não tenho crisântemos para o meu amor.
Não tenho pão.
Não tenho palavras que embalem a sua jornada
porque eu sei que partiu
e só uma estrela se nome, só uma estrela profunda
segue o seu caminho.

A candeia arde.
Arde mais para dentro, à beira dos retratos, e os
cães rosnam debaixo das vides.
O sol não voltará a nascer sobre os seus jovens
cabelos e as algas apodrecem.
Há um tom fúnebre que desce sobre a minha vida.
Sou uma estátua de interminável treva, amaldiçoando
o mar.”

de “Canções da Terra Distante”, in *Biografia* (2000)

A Ilha da Madeira pela mão dos seus poetas – Construção de um roteiro literário,

João Filipe Ribeiro de Abreu

3.10. Concelho da Ribeira Brava

José Agostinho Baptista

“Ribeira Brava”

“Gravei no coração da pedra uma palavra mortal.
E a palavra acendia as suas luzes e cada luz era
uma sílaba
e cada sílaba era a dor profunda dessa palavra.
Ceguei esplendorosamente.
O sol explodia nas rochas e depois afastava-se.
Não sei por que regresssei aqui.
O melro cantava na periferia das choupanas e era
triste e eu era triste, ao lado dos ciprestes.
Invoquei, ao abrigo das ramagens, outra claridade,
nunca a tempestade tão chegada a outubro, quando
a janelas se fecham ao entardecer.
Queria uma estação de cerejas eternas.
Queria o mel, uma água serena debaixo das pontes e
nunca partir e nunca escrever uma palavra mortal:
adeus.
No tio que atravessava as serras batia a chuva.
Ele era um menino pelas serras muito cedo,
ele colhia a salsa, ele ia à beira das
levadas como a geada dos ossos.
E os ossos rangiam em dezembro porque dezembro não
era um hálito morno,
dezembro não era uma gruta de animais lentos e não
havia feno
e ao centro outro menino numa noite feliz.
Agora
ele recorda o trabalho das foices.
Lâminas da demência, ceifando logo acima da raiz.
Lâminas da honra, com o sangue de alto a baixo.
Os seus cabelos são brancos de repente.
E, no seu ofício dos jardins,
há uma flor muito antiga,
uma flor das serras no olhar turvo onde, ao canto,
nasce uma gota.
E essa gota cresce e depois cai e não é mais do que
uma luz que se apaga depois de outra luz.”

de “Canções da Terra Distante”, *in Biografia* (2000)

A Ilha da Madeira pela mão dos seus poetas – Construção de um roteiro literário,

João Filipe Ribeiro de Abreu

3.11. Concelho de Câmara de Lobos

José Agostinho Baptista

“Estreito de Câmara de Lobos”

“Atravessei os campos com as mãos frias
agarradas aos metais.
O meu punhal prosseguia o rumor das lendas,
gotas de sangue que no poente já não se viam.
Sempre soube que no silêncio desta aldeia a
noite contém a arte de assassinos.

Quando um homem vai por setembro sabe que no
tempo das uvas vive uma serpente,
uma emoção brutal.
Ele sabe que pode matar,
que pode morrer espantosamente: quem eras tu,
donzela de satã, arrebatando a minha lira?

Pode enlouquecer porque amou.
Porque no rosto amado sentiu o pânico e estremeceu.
Ouviu um sino, uma voz na igreja vazia e, atrás dos
muros,
uma estranha calma, uma ameaça contida.

Sabia que em cada cacho, na lenta maturação dos
frutos,
se escondiam as lâminas vingadoras –
eu sou o pai,
eu sou aquele que dá a vida aos anjos de submissa
castidade.
Não profanarás os seus templos.
Vai aonde a nuvem acolhe o teu destino de masculina
ave e
sê apenas como o ar que e maio perfuma as minhas
virgens, as minhas filhas.
Renuncia à primavera e aos seios que florescem na
primavera porque fel será mel e,
ao despi-las,
não conhecerás a bondade e o fulgor.”

de “Canções da Terra Distante”, in *Biografia* (2000)

4. As Flores na Madeira

Outro dos possíveis roteiros literários a ser apresentados é um organizado em torno do tema as flores, aspecto natural característico da Ilha da Madeira. Alguns poetas fazem referência a esta característica da paisagem madeirense, como se pode verificar a seguir com a antologia de poemas sobre este assunto.

José António Gonçalves

“O lugar onde pisas”

“as flores costumam brotar do caminho
nos pequeninos espaços em que pisas
logo que as manhãs despertam

às vezes interrogo-me sobre a estranheza
de elas serem ou não belas consoante o teu estado
de espírito quando partes ou chegas

só de vê-las aparecer irrompendo da terra
descubro logo as cores que te pintam a alma
e colho nelas todas as gotas de orvalho

tenho um anjo teimoso que me diz ao ouvido
para eu poder adormecer contigo na mente
que são lágrimas ou pedacinhos de segredos

e corro a prova-las em descoberta do sal
ou da doçura em que espelhas sentimentos
mal acordo atormentado por pesadelos

e é desse rodopio que sempre me lembro
quando termina Setembro para dar a Outubro
o lugar da infância e do seu palpitante desfrute

com os dedos a deslizar pelos teus cabelos
negros como garças voando soltos ao vento
e empurrando-me com força para que lute

eternamente por tudo em que acreditamos
vencendo a noite os dias e todos os medos
com que labirintos das emoções nos prendem

e agora que novamente me levantei cedo
vou sentar-me a contemplar a marca dos teus pés
sobre a poeira e a erva por onde escolhes passagem

e durante as horas de um nascer a um pôr-do-sol
a ninguém mais pertencerá essa minha homenagem
e nessa magia por ela saberei como estás e quem és”

in Ilha 5 (2008)

Irene Lucília Andrade

“Uma Nesga de Mundo”

“Quem entre as urzes
pintou de roxo o jacarandá
a perfumada glicínia a flor-aranha
sabe porque se diz assi uma pena
desgostos de indescobertas e estaguadas marés
apesar da vocação ondulante das planícies

e se ressalva o clamar dos mares redondos
aconchegados ao confim dos taludes
nos lugares propensos à loucura febril
dos marinheiros à intensa vibração
das gemas mais profundas
à estreita orla onde um país se alonga sem se ver

tal como ilha
pingo de magma
refeito de um fogo velho

de uma forja marinha
esgalho de vertigem plantado numa onda
para que dele se fizesse
lídima e fértil
uma nesga de mundo”

in Ilha 5 (2008)

Ângela Varela

“Festa”

“Na pele do globo. Na curva do mar

Uma ilha bordada de flores

O navio branco crepita no foco da luz

Peixe maravilhoso que emerge do espelho do
mar.

Asas pousadas nas águas. Cortejo de pétalas
dançantes.

Coroas de flores em festa.

Cantos e coros rodam com as nuvens que se
enrolam em volta da cratera acesa.

Uma ilha balão – voga por cima da crosta dos
mares, com uma orla de cores, de flores e de vento.

in Ilha 5 (2008)

Carlos Nogueira Fino

[o olhar e o seu parapeito]

“o olhar e o seu parapeito

por trás da buganvília quem
sabe uma varanda
e reclinado sobre a primavera atarefada nos canteiros
um olhar
um olhar rasando o muro até cair no mar ou se perder
no voo de alguma ave esquiva

e um pouco atrás talvez
uma cortina ou a metáfora de gaze
da buganvília onde esse olhar se aninha

por baixo uma rua entre paredes barrigudas
pintadas de uma oca já antiga
um carro ocasional
portas altivas todas com batente e vidros coloridos
alisares de antracite
pedras genuínas
ervas
e por cima
um céu irrepreensível
por cima de um olhar e as suas asas e a sua buganvília”

in funchal (2004)

José Agostinho Baptista

“Flor de Lume”

“Abandona, alma tão breve,
a tua morada sobre a terra, os pátios destruídos pela ira de
deus.
O altar é apenas uma vibração de vidros quebrados no ar.
O filho desce da cruz,
e senta-se, perplexamente, rodeado de espinhos.
Na mão direita abre-se uma rosa de sangue e a estrelas
retornam às suas varandas, em pleno céu.
Impiedosa é a mão que estremece e fica, para sempre, na
derradeira sebe.
Entre os lábios a rosa é uma flor de lume, cega.
Canta, alma tão pura, sobre o incêndio das pétalas.

de “Paixão e Cinzas”, *in Biografia* (2000)

5. As Estações do Ano na Madeira

As várias estações do ano têm as suas particularidades, o que as torna distintas e únicas. Na Ilha da Madeira, todas elas são motivo de referência por vários poetas, sendo possível criar um roteiro que se debruce sobre as estações, permitindo ao turista literário observar a ilha de acordo com a estação em que esteja, assim como perceber as variações climáticas que ocorrem durante o ano.

Inverno

Irene Lucília

“A Mão Que Amansa Os Frutos 23”

“Esta malha cresce
e desdobra-se
dia após dia rua após rua
e disserta sobre rosas
nevoeiros braços moídos
na construção das rotinas
do amor e da perplexidade
passa pelas tuas costas
e apaga nelas o inverno
descontente
entra pelas janelas do frio
e o grande pássaro cinzento
abriga-se nos sótãos
devolvendo à escuridão
os arco íris e os brilhos perdidos
dos velhos veludos e carnavais.
É ele o amigo encoberto
conselheiro das inventivas submersas
anjo de sono e trégua
fechando as portas da turbulência
arrumando flores matizes e sobressaltos
pelas circunvoluções do coração.”

in Poeti Contemporanei dell'Isola di Madera (2001)

José António Gonçalves

(...)

Era noite, com os seus mistérios. Peguei-lhe devagarinho nas mãos, escutei a chuva, lembrei-me ser Janeiro, a nascer do mundo, e das árvores gigantes no jardim, sob um céu negro, como uma velha latada de uva.

(...)

in Ilha 5 (2008)

Primavera

José Laurindo Leal de Goes

“Primavera”

“A liberdade
abrindo a asa, o poema
os gomos; o tempo revelando
obscuros modos.
É lume de ouro dos pássaros,
no lacre audaz das missivas.”

in Poeti Contemporanei dell'Isola di Madera (2001)

Verão

José Agostinho Baptista

“O Verão”

“Estás no verão
num fio de repousada água, nos espelhos perdidos sobre
a duna.
Estás em mim,
nas obscuras algas do eu nome e à beira do nome
pensas:
teria sido o fogo, teria sido ouro e todavia é pó,
sepultada rosa do desejo, um homem entre as mágoas.
És o esplendor do dia,
os metais incandescentes de cada dia.

Deitas-te no azul onde te contemplo e deitada reconheces
o ardor das maçãs,
as claras noções do pecado.
Ouve a canção dos jovens amantes nas altas colinas dos
meus anos.
Quando e deixas, o sol encerra as suas pérolas, os
rituais que previ.
Uma colmeia explode no sonho, as palmeiras estão em
ti e inclinam-se.
Bebo, na clausura das tuas fontes, uma sede antiquíssima.
Doce e cruel é setembro.
Dolorosamente cego, fechado sobre a tua boca.”

de “Paixão e Cinzas”, in *Biografia* (2000)

Outono

Carlos Nogueira Fino

“(…) já se nota por vezes aguaceiros a filtrar o sol
e arco-íris
por um lado a carícia oblíqua de um astro decadente
por outro a chuva tépida
e agora as borboletas
rasando a terra húmida

pode ser que não seja ainda tarde
pode ser se se abrem os casulos de onde surgem
aladas maravilhas
que rasgue do meu peito uma palavra
uma única palavra prematura
ou que tenha ficado no seu libo enquanto o estio
reinava
e a minha voz diminuía o caudal ser outra fonte exausta

pode ser que raízes ou asas
ou apenas vontade de dizer a transfigurem
e a levem por aí metamorfoseada

(…)

o nevoeiro chega depois de tanto tempo
de novo à minha porta

tem a brancura do leite
exsuda água
e emudece o ar à sua volta

chega de novo à minha porta
e ao chegar espessa a luz que havia antes diluída
reagrupa o tempo
nada escapa através do seu manto a vestir
os vidros das janelas

eu que antes podia aventurar-me
a assomar à varanda e ver tremer o mar
a tactear a brisa
mas tanta claridade obscurecia-me

agora todo o mundo é um casulo informe
e toda a luz reflui
regressando à origem

o nevoeiro depois de tanto tempo
veio reacender a luz
para cá da minha porta
(...)"

in Ilha 5 (2008)

Edmundo Bettencourt

“Folhas vermelhas”

“Andam as estátuas a voar
em redor dos pássaros estáticos
sem que isso perturbe o bronze da manhã.
Os bancos em frente do rosto da cidade
só aceitam depositantes e não levantamentos.
Uns vagabundos de ar inteligente ainda dormem
sobre um manto invisível de folhas vermelhas.
Deve ser por isso que chegou o Outono.

Ouçõ um apelo das montanhas
nas asas do granizo
e lá vou eu em busca do Inverno
sem verdadeira coragem de olhar para trás.
Acompanha-me o vento sul e um ocaso
nasce dentro de mim a cem à hora
para acender-me a alma, velho motor
engripado com os versos de Oscar Wilde
e as histórias de Allan Pöen. Neste caso
deve ser algo que tenha a ver com amor.

Estou quase atingindo o clímax, o cimo,
os píncaros da felicidade plena, violeta
e branca, como as flores dos altares das igrejas
que povoaram a catequese da minha infância.

Estou por cima e, daqui, é mais fácil olhar
para baixo, contemplar o sofrimento dos outros
e aplaudir os seus rasgos de alegria. O poeta
tem este destino de eremita. Cultiva laranjas,
maçãs e pêros. Depois colhe romãs e cerejas.”

[23 de Fevereiro de 2005], in *Arte do Voo* (2005), in *Pontos Luminosos* (2006)

Irene Lucília

“A Mão Que Amansa Os Frutos 24”

“Vejo-te atravessar o largo
seguir para os lados
da cidade desconhecida
estugo o passo no percurso contrário
(cada um de nós tem
suas esquinas e
números de porta)
e no entanto vou contigo
pouso-te a mão nos olhos
ofereço-te o bago
e o gelado de vinho e amêndoa
adoço o mosto deste
dealbar de outono
para que se faça o esconjuro
da tristeza minuciosa
que acomete
nos dias de basalto
o teu demorado compromisso

com a severidade do tempo
e uma rigorosa fronteira
de calhaus e agapantos.”

in Poeti Contemporanei dell’Isola di Madera (2001)

José Agostinho Baptista

“O Outono”

“Elas param,
de braços erguidos na obscuridade dos
celeiros.
Uma nódoa de sangue cresce para os
mistérios do feno.
O algoz limpa as armas,
esquecido para sempre, ameaçado pela
vindima.
Elas jazem, abertas ao desalento.
A erva seca.
Em desuso, o corpo seca.”

de “Paixão e Cinzas”, *in Biografia (2000)*

João Carlos Abreu

“Outono”

“É este mar
que me envolve
todos os dias
porque me envolve
em flores
arreatadas
nos Outonos
de tantas vidas.”

in Poeti Contemporanei dell’Isola di Madera (2001)

6. Breve bibliografia dos escritores citados

Carlos Nogueira Fino – Nasceu na cidade de Évora a 25 de Novembro de 1950, residente na cidade do Funchal desde o ano de 1959. Doutorou-se em Educação, pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, sendo professor associado no Departamento de Ciências da Educação da Universidade da Madeira. É também poeta, cronista – colabora com o *Diário de Notícias* e *Tribuna da Madeira* – e autor de vários artigos e teses científicas. Publicou: em 1987 *xxiii poemas de ilhamar*; em 1988 *sibiose*; em 1989 *este cais vertical*; em 1992 *contemplação do olhar e (pre)meditação*; em 1994 *segundo livro de ishtar*; em 1997 *arco e promontório* – este livro foi o vencedor do prémio Edmundo de Bettencourt; em 1998 *inquietação da água*; em 2001 *o deus familiar*; em 2004 *funchal* e em 2006 *39 poemas*.

José António Gonçalves – Nasceu na cidade do Funchal (S. Martinho) a 13 de Junho de 1954 e tendo vindo a falecer, na cidade do Funchal, no dia 29 de Março de 2005. Jornalista profissional começou desde cedo a escrever poemas. Foi co-fundador da Associação de Escritores da Madeira e ocupou vários cargos directivos na Associação Portuguesa de Escritores. Responsável pela organização do conjunto literário *Ilhas* (1975; 1979; 1991; 1994), como também dos *Cadernos Ilha* e *Livros de Cordel*. Foi agraciado, postumamente, com o título de Comendador da Ordem do Infante D. Henrique pelo presidente Dr. Jorge Sampaio. Autor de várias obras das quais destaco: em 1974 *É madrugada e Sinto*; em 1975 *Pedra Revolta*; em 1988 *20 Textos para Falar de Mim*; em 1991 *Antologia Verde*; em 1995 *Os Pássaros Breves*; em 1996 *Tem o Poder da Águia*; em 1998 *Noites de Insónia*; em 1999 *Suave Desprendimento do Infinito* e *À Espera dos Deuses*; em 2000 *Lembro-me desses Natais* e *Aventura na Casa dos Livros*; em 2001 *Esquivas são as Aves*; em 2002 *Memórias da Casa da Pedra*; em 2004 *As Sombras no Arvoredo*; em 2005 *Arte do Voo*; outros poemas foram escritos, estando dispersos por várias obras e pelo seu sítio na *internet*.

José Agostinho Baptista – Nasceu no Funchal a 15 de Agosto de 1948. Desde 1966 que vive em Lisboa. É jornalista profissional e tradutor de um vasto leque de obras (espanhóis e inglesas), tendo em 2001 sido condecorado, pelo Presidente da República, com as insígnias de Grande-Oficial da Ordem do Infante D. Henrique. António Ramos Rosa, em *A Parede Azul* (1991), proliferou as seguintes palavras:

“(...) é um poeta para quem a terra, e particularmente a ilha da Madeira, donde é natural, é um contorno existencial inseparável da subjectividade. Porém, esta profunda imersão na terra liga-se à própria ausência e a uma indefinível nostalgia cujo vazio o poema tenta preencher pela livre imaginação afectiva. É esta tensão entre a adesão existencial e a distância ou separação que existe no seio dela que faz de cada poema um apaixonado lamento, dilacerante mas sempre deslumbrante.”²¹

Publicou várias obras escritas: em 1976 *Deste Lado Onde*; em 1978 *Jeremias o Louco*; em 1981 *O Último Romântico*; em 1983 *Morrer no Sul*; em 1986 *Autoretrato*; em 1989 *O centro do universo*; em 1992 *Paixão & Cinzas*; em 1994 *Canções da Terra Distante*; em 1995 *Debaixo do Azul sobre o Vulcão*; em 1998 *Agora e na Hora da Nossa Morte*; em 2000 *Biografia*; em 2001 *Ahora Y en la Hora de Nuestra Muerte*; em 2003 *Anjos Caídos*; em 2004 *Esta voz é quase o Vento*; em 2006 *Quatro Luas*; em 2007 *Além-Mar*; em 2008 *Filho Pródigo*; em 2009 *Esta Voz Es Casi Viento e O Pai, a Mãe e o Silêncio dos Irmãos*; em 2011 *Caminharei pelo Vale da Sombra*.

José Tolentino Mendonça – Natural da cidade de Machico, nasceu em 15 de Dezembro de 1965. Formou-se em teologia e doutorou-se em Ciências Bíblicas, sendo actualmente padre, professor universitário, escritor ensaísta, tradutor, cronista e Consultor do Pontifício Conselho para a Cultura, no Vaticano. Ana Margarida Falcão, em *Funchal (d)Descrito*, escreveu sobre a sua poesia: “A intertextualidade da sua poesia com os escritor sagrados não secundariza a presença da sensualidade mística e da reflexão sobre o quotidiano, muitas vezes subtilmente evocadoras da nostalgia da terra natal (...)” (2011: 112). Autor de algumas publicações poéticas: em 1990 *Os Dias Contados*; em

²¹ Cf. <http://www.jabaptista.com/bibliografia%20paginas/bibliografia.html>. Consultado a 06/09/2012.

1997 *Longe Não Sabia*; em 1998 *A que Distância Deixaste o Coração*; em 1999 *Baldios*; em 2001 *De Igual para Igual*; em 2005 *A Estrada Branca*; em 2006 *A Noite abre os meus Olhos*; em 2009 *O Viajante sem Sono*; em 2011 *O Tesouro Escondido e Pai-Nosso que estais na terra*.

Irene Lucília – Nasceu no Funchal em 1938. Licenciou-se em Pintura na Escola de Belas-Artes em Lisboa. Desenvolveu a sua actividade profissional da rádio, Posto Emissor do Funchal, destacando-se também como escritora e contista. Autora de romances, obras poéticas e literatura infanto-juvenil. Novamente, Ana Margarida Falcão em *Funchal (d)Escrito* escreveu sobre a poesia de Irene Lucília, “Tanto as suas narrativas como os seus poemas são atravessados por um original dimensionar de formas, luminosidade e cores que empresta aos lugares uma perspectiva pictória intensa (...)” (2011: 104). Autora das seguintes obras poéticas: em 1969 *Hora Imóvel*; em 1982 *Pé dentro de Água*; em 1986 *Ilha que é Gente*; em 1990 *A mão que amansa os frutos*; em 1995 *Estrada de Um Dia Só: 32 momentos de um percurso*; em 2001 *Protesto e Canto de Atena*; em 2002 *Água de Mel e Manacá*. Alguns dos seus romances: em 1993 *Angélica e a Sua Espécie*; em 2000 *Porque me Lembrei dos Cisnes*; em 2004 *A Penteada ou o Fim do Caminho*.

José Viale Moutinho – Nasceu a 15 de Junho de 1945 na cidade do Funchal. Viveu na cidade do Porto desde 1966 até tempos recentes, estando a viver agora na cidade do Funchal. Jornalista do *Diário de Notícias*, escritor e investigador – principal foco nos escritores portugueses do século XIX – tem as suas obras publicadas em várias línguas, tendo ganho vários prémios, entre os quais, o de Edmundo Bettencourt e o do Conto Camilo Castelo Branco. Como poeta publicou: em 1978 *Crónica do Cerco*; em 1980 *Quarteto de Viagens e Paixões: Poemas & Outros Textos Afins*; em 1982 *Correm Turvas as Águas Deste Rio*; em 1997 *Nomes de Árvores Queimadas e O Amoroso*; em 2003

Outuno: Entre as áscaras; em 2004 *Ocasos de Iluminação Variável*. Como cronista publicou: em 1967 *Natureza Morta Iluminada: Narrativa*; em 1986 *Piano Bar. Treze quadros de Mário Botas*; em 2000 *Os Sapatos em Defunto: Crónicas & Afins*; entre outros.

João Cabral do Nascimento – Nasceu na cidade do Funchal em 1897 e tendo vindo a falecer na cidade de Lisboa em 1978. Licenciou-se em Direito, responsável pela organização e direcção do Arquivo Distrital do Funchal. Foi também professor no Ensino Técnico-Profissional. Traduziu inúmeras obras, compilou e seleccionou textos literários de distintos géneros e prefaciou outras tantas (de autores como Camilo Castelo Branco; Almeida Garrett; Oliveira Martins; entre outros). Produziu importantes obras sobre a história da Madeira (*Apontamentos de História Insular* (1927); *Documentos para a História das Capitânicas da Madeira* (1930)). Publicou algumas obras de poesia: em 1924 *Alguns Sonetos*; em 1926 *Descaminho*; em 1943 *Cancioneiro*; em 1953 *Digressão*.

João Carlos Abreu – Nasceu no Funchal em 1935. Licenciou-se em Jornalismo e trabalhou nos serviços de imprensa do Concílio do Vaticano II. Toda a sua actividade profissional desenvolveu-se na área da hotelaria e turismo – foi Secretário Regional do Turismo durante longos anos. Doutorado *honoris causa* em Ciências Sociais, atribuído pela Universidade de San Cyrillo de Roma. Foi o fundador do centro cultural onde está exposto todo o seu espólio artístico pessoal (Universo de Memórias). Como poeta publicou: em 1980 *Da Ilha & De mim*; em 1990 *Porta Aberta*; em 2004 *Poemas do Silêncio*; em 2005 *Voz que Navega dentro de Mim*. No livro de ensaios, *Funchal (d)Escrito*, Ana Margarida Falcão descreve a sua poesia “(...)concilia contenção, simplicidade e intimismo e nela vive, constante, a temática do amor, das ilhas, do mar, da viagem e da cidade; (...)” (2011: 102).

Ângela Varela – Nasceu em 1938 na Camacha, cidade de Santa Cruz. Licenciou-se em Filologia Românica na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, doutorando-se na mesma Faculdade, em Literatura Portuguesa. Professora de profissão leccionou nas cidades de Paris, Funchal e Oeiras. Tem inúmeros poemas publicados em revistas e jornais, onde se destacam a revista *Colóquio/Letras* e *Nova Renascença*; o diário *Diário de Notícias*. Tem estado presente em antologias poéticas sobre a Ilha da Madeira – *Ilha 3* e *Ilha 4*; *Poeti Contemporanei dell’Isola di Madera*.

Herberto Helder – Nasceu na cidade do Funchal a 23 de Novembro de 1930. Está radicado em Lisboa desde 1948. Foi jornalista, tradutor, escritor, bibliotecário e apresentador de programas radiofónicos. Viajou pela Europa, tendo trabalhado em várias áreas, com o intuito de ir sobrevivendo e sem grandes objectivos. Rodeou-se de um total silêncio e em consequência disso, tem recusado vários prémios literários, como também se recusa a dar entrevistas. Produtor de uma riquíssima obra poética: em 1958 *Poesia – O amor em visita*; em 1961 *A Colher na Boca*; em 1961 *Poemacto*; em 1967 *Retrato em Movimento*; em 1968 *O bebedor nocturno*; em 1971 *Vocação Animal*; em 1977 *Cobra & Etc*; em 1978 *O Corpo O Luxo A Obra*; em 1979 *Photomaton & Vox*; em 1980 *Flash*; em 1982 *A cabeça entre as Mãos*; em 1987 *As Magias*; em 1988 *Última Ciência*; em 1994 *Do Mundo*; em 2008 *A Faca Não Corta o Fogo - Súmula & Inédita*; em 2009 *Ofício Cantante*.

Edmundo Bettencourt – Nasceu na cidade do Funchal em 1889 e veio a falecer na cidade de Lisboa em 1973. Foi cantor – um dos principais notáveis do Fado de Coimbra - e poeta, fundador da revista *Presença* – importante revista da literatura portuguesa até aos anos 40 do século XX. Em 1930 publicou a obra *Momento e a Legenda*. Voltaria a publicar uma obra em 1963 intitulada *Poemas 1930-1962* (onde reúne a poesia de:

Memória e Legenda; Rede Invisível (1930-31), Poemas Surdos (1934-40) e Ligação (1936-62)).

João Miguel Fernandes Jorge – Nasceu em 1943, natural do Bombarral. É licenciado em Filosofia, colaborou com o jornal *Independente* e co-director da revista *As escadas não têm Degraus*. Publicou várias obras: em 1971 *Sob Sobre Voz*; em 1973 *Turvos Dizeres*; em 1975 *Alguns Círculos*; em 1976 *Meridional*; em 1977 *Crónica*; em 1978 *Vinte e Nove Poemas e Direito de Mentir*; em 1981 *O Roubador de Água*; em 1992 *Terra Nostra*; em 1994 *O Barco Vazio*; em 1999 *Bellis Azorica*; em 2002 *Funchal em Fundo*.

José de Sainz-Trueva – Nasceu em 1947 no Funchal. Tem uma carreira dedicada ao Património Cultural – actualmente é director do Museu de Arte Contemporânea do Funchal; é responsável por inúmeras exposições realizadas na cidade do Funchal. Colaborou também com várias publicações periódicas. Também se destaca como poeta, onde tem vários poemas nas antologias: *Poesia 70* e *Poesia 71*; em 1984 e 1985 *Anuário de Poesia*; também no conjunto de obras *Ilha* (1979; 1991; 1994); em 1989 *Natal na voz dos Poetas Madeirenses*; entre outros.

CONCLUSÃO

A dissertação que agora se conclui procurou estabelecer uma articulação baseada no binómio Literatura e Turismo para a valorização do património imaterial e material da Ilha da Madeira. Como ficou claro pela revisão de conceitos mais relevantes na bibliografia teórica analisada, o Turismo Cultural tem um papel muito relevante na divulgação da cultura de um povo, de um país ou de um território, como também contribui para o desenvolvimento económico e para a prevenção de todo o património imaterial que sustenta a memória cultural de cada local, ao mesmo tempo que procura desenvolver novas aptidões, como, por exemplo, o espírito crítico e criativo nos turistas culturais.

Na pós-modernidade, a sociedade tem sentido uma cada vez maior necessidade de ser constantemente estimulada e de ver saciada da sua curiosidade, e começa a existir uma enorme procura de novos desafios e de novas abordagens ao quotidiano, um crescente desejo de sentir novas sensações, de provar novos sabores e de perceber imagens a que possam atribuir outros sentidos e interpretações; tem-se revelado, também, com outra atitude, mais crítica e mais criativa, por parte de um largo número de cidadão, turistas ou não. O ser-humano é por natureza insatisfeito, constatação de que decorre a ideia de que todos os instrumentos elaborados para satisfazer os desejos manifestados, como também despertar novos desejos, devam estar em constante adaptação quase diária.

Hoje em dia há um intenso combate à globalização, uma intensa luta para manter valores culturais que se vão desfocando devido à massificação do consumo, valorizados em detrimento de outros que são mais populistas, que vivem de uma sobrevalorização devido ao facto de terem estado alguns anos sobre reserva de determinadas camadas da sociedade, o que resultou no aumento exponencial do desejo de experimentar e de interagir com esses determinados valores. Contudo, há ainda um enorme trabalho a ser feito para a preservação cultural das regiões, para que não se percam os pressupostos e as características distintivos de cada região; é neste ponto em concreto que – a literatura

A Ilha da Madeira pela mão dos seus poetas – Construção de um roteiro literário,

João Filipe Ribeiro de Abreu

interligada com o turismo – parece vir a ter um papel fundamental e foi, portanto, este argumento que procurei defender na dissertação.

Com a investigação realizada, ficou comprovado que o Turismo Cultural está em franca expansão, encontra-se já bem colocado entre as ofertas turísticas de cada região e tende a aumentar, ainda mais, a sua importância na escolha do destino final por parte do turista/visitante. Como foi observado, o turista cultural é muito mais exigente que o turista comum, pois é, por norma, uma pessoa bem qualificada e com um elevado nível académico, razão por que procura um produto específico e tem um nível de exigência superior à média. Algumas entidades com responsabilidades na área do Turismo têm aproveitado esta oportunidade de divulgação do seu destino e, como se verificou com alguns exemplos nacionais e internacionais, a percepção da Literatura tem vindo a ser adaptada a esta abordagem turística, desenvolvendo-se ferramentas que procuram colmatar os desejos manifestados por quem procura determinado destino; contudo, esta a necessidade de despertar novos desejos, a capacidade de conseguir interiorizar no turista o anseio de visitar ao destino e, assim, procurar desenvolver mais as suas aptidões, está ainda por implementar de forma sistemática em Portugal.

É neste contexto económico e de valorização do património imaterial que surgem os roteiros literários, uma importante componente do Turismo Cultural, que vai ajudar na promoção, não só do destino, como também do património imaterial e material que sustenta a especificidade de uma determinada região, neste caso específico, a Ilha da Madeira. Os roteiros literários são ferramentas compostas por excertos literários de obras que tenham como base e cenário determinada região, cidade ou território e podem ser objectos a captar pelo Turismo para o desenvolvimento económico do destino. Alguns dos roteiros literários estudados recorrem a obras literárias de grande sucesso para divulgar novas abordagens turísticas de determinados destinos, isto é, permitem que o turista/visitante conheça e percorra um território ou região de uma forma distinta dos comuns percursos turísticos.

Os roteiros literários são também objectos que podem vir a contribuir para que haja um incremento da criatividade, da atitude crítica e da valorização intelectual do turista cultural, pois as novas abordagens a determinada paisagem, a determinada imagem, e a sua articulação com a criação literária naturalmente farão com que o turista tenha uma outra percepção, que não apenas a sua, de determinada realidade.

Os roteiros literários são distintos de região para região e, portanto, não poderão ser adaptados por outros destinos, pois estão intimamente ligados à região a que se reportam; este facto decorre da observação dos vários exemplos de roteiros literários referenciados, através dos quais se pode comprovar a sua especificidade e também dar a percepção das várias ofertas que cada região possui para que se valide a importância dos roteiros literários no Turismo Cultural.

Em Portugal, ainda há pouca sensibilização para esta área e, apesar de haver uns exemplos de roteiros literários, estes ficam frequentemente fora da oferta do destino turístico. Ficou comprovado que há um enorme potencial nesta área e que a mesma tem sido descurada tanto por parte das entidades governativas, como das entidades privadas.

Alguns dos roteiros literários estudados nesta investigação foram idealizados para a valorização e para a divulgação literária e, não propriamente, para a divulgação de um destino turístico. Obras como *Viagem a Portugal*, de José Saramago, e *Portugal*, de Miguel Torga, parecem-me importantes contributos para o aparecimento e para o desenvolvimento de roteiros literários de Portugal, obras nas quais se verifica a particularidade de se relatarem viagens de norte a sul do País. Muito antes destes autores, o escritor Almeida Garrett tinha feito, de certo modo, algo semelhante com a obra *As Viagens na Minha Terra*.

Para a elaboração do roteiro literário da Ilha da Madeira que se propõe nesta dissertação foi escolhido o período contemporâneo da literatura portuguesa por se tratar do período que mais de perto dialoga com a realidade sócio-cultural de leitores e de turistas.

Para a elaboração dos roteiros literários propostos optei pela escolha de textos de escritores madeirenses, isto é, autores naturais da Ilha da Madeira, apesar de desenvolverem todo o seu trabalho, ou grande parte dele, fora do território insular. Optei por recolher alguns poemas do escritor Carlos Nogueira Fino que, apesar de não ser natural da Ilha da Madeira, se encontra há muito tempo a viver na mesma. Como excepção a este critério recorri a poemas do escritor João Miguel Fernandes Jorge no intuito de comprovar e demonstrar que é possível também elaborar um roteiro com poesia de escritores não naturais da Ilha da Madeira, mas que tenham estado na região por algum tempo e tenham registado esse mesmo acontecimento – apesar de apenas ter recorrido a um poeta nesta situação em particular.

Quanto aos roteiros literários propostos, apresentei três distintos exemplos de roteiros literários que podem ser construídos sobre a região, sobretudo por ter constado a inexistência de um roteiro literário que divulgue a Ilha da Madeira como destino adequado ao Turismo Cultural e objecto de atenção por parte de promotores do Turismo Literário, apesar de, a nível de Portugal Continental, existirem obras de referência que podem ser interpretadas como roteiros, mas que não foram desenvolvidas com esse intuito, apesar de ser notória uma certa preocupação nessa área.

No conjunto poemas seleccionados e transcritos nesta dissertação, verificou-se que a produção literária sobre a cidade do Funchal é muito mais vasta e rica, quando comparada com as outras cidades; a razão mais aparente para esta situação advém do facto de a cidade do Funchal ser a capital da Ilha da Madeira, o ponto de chegada à Ilha e o local onde se verifica uma maior concentração populacional, como também se verifica na capital da Ilha uma maior aposta no desenvolvimento em todas as vertentes (económicas, turísticas, culturais, educacionais, entre outras). Por estes factores existem exemplos de mapas turísticos sobre a cidade do Funchal e uma franca escassez destes em relação às outras cidades que compõem a Ilha da Madeira. Não recolhi, nem tratei, poesia sobre o Porto Santo, pois tratei apenas o território referente à Ilha da Madeira e não o território do Arquipélago da Madeira.

Com base na investigação que agora se conclui procurei contribuir para que se colmate a ausência de estudos na área do Turismo Cultural e do Turismo Literário e estimular um maior interesse e o aumento de estudos sobre roteiros literários, a sua relevância e impacto no crescimento deste campo de estudos e de acção, a que acresce o intuito de preservar e de divulgar o importante património imaterial e material da e sobre Ilha da Madeira. Do documento que resultou da pesquisa efectuada, a antologia de poesia seleccionada para construir roteiros literários sobre a Madeira, muitos registos ficaram de fora, não por uma questão de desvalorização do seu conteúdo, mas apenas por este ser um estudo base que pretende criar importantes mas os iniciais passos para o aparecimento de roteiros literários sobre a Ilha da Madeira.

Bibliografia

ANDERSEN, Hans-Christian, ROBINSON, Mike (2002). *Literatura and Tourism: Essays in the reading and writing of Tourism*. Cornwall: Continuum. ISBN 1-84480-074-1.

ANDERSEN, Sophia de Mello Breyner (1963). “Arte Poética II”, *Távola Redonda*, 21 de Janeiro de 1963, e in *Geografias*, de 1967, de Sophia de Mello Breyner Andersen.

AZEVEDO, E. M. P. & BRAGA, Z. M. C. (1994). *Itinerários Literários – Viajando pela Literatura Portuguesa*. Lisboa: Ed. Asa.

BAGGIO, Rodolfo, CAPORARELLO, Leonardo (2005). *Decision support systems in a Tourism destination: Literature survey and model building*. Documento apresentado na 2º Conference of the Italian chapter of AIS (Association for Information Systems), Italy (Verona).

BARROS, Deusa Castro (2008). Leitura de poesia na escola: uma aproximação possível. *Revista Solta a Voz*, v.º19, nº1, 13-24.

BAPTISTA, José Agostinho (2000). *Biografia*. Lisboa: Assírio & Alvim.

BATISTA, Eduardo Luis A. O. (2009). Literatura de viagem e tradução literária como criadores de imagens culturais. *Tradução e Comunicação: Revista Brasileira de Tradutores* (Campinas), nº18, 119-130.

BATISTA, Maria Manuel Rocha Teixeira, CARVALHO, Inês Cláudia Rijo de, COSTA, Carlos Manuel Martins da (2010). As Redes em Turismo Cultural: Um olhar sobre a relação entre Turismo e Cultura. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, n.13, 29-38.

BRAGA, Teófilo de (2005). *História da Literatura*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. Vol1 (Idade Média).

BRIDI, Marlise Vaz (2005). Modernidade e Pós-Modernidade na ficção portuguesa contemporânea. *Todas as Letras G* (Porto Alegre), ano 7, nº7.

CAMPALTO, Mylène (2006). *To what extent does the literature have an influence on tourists' expectations and perception of destinations?*. Bournemouth: School of Service Industry, Bournemouth University. Dissertação de Mestrado.

CARVALHO, Inês Cláudia Rijo (2009). *Turismo Literário e Redes de negócio: Passear em Sintra com os Maias*. Aveiro: Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial, Universidade de Aveiro. Dissertação de Mestrado.

CASTRO, Aníbal Pinto de, OLIVEIRA, José Manuel de (2005). *Viajar com... Camilo Castelo Branco*. Coleção Viajar com... os caminhos da literatura. Vila Real: DRCN; Porto: Caixotim.

CASTRO, E. M. de Melo e (1987). *As vanguardas na Poesia Portuguesa do Século Vinte*. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa: Biblioteca Breve (Lisboa), v.52.

CASTRO, Nádia, COKE, Elisa, FRIEZA, Liliana, PINA, Sancha, QUINTEIRO, Sílvia (2007). Viagens com Manuel Teixeira Gomes. *Dos Algarves*, n16, 09-15. Universidade do Algarve: Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo.

CEIA, Carlos. "Pós-modernismo", *E-Dicionário de Termos Literários*. Disponível em <http://www.edtl.com.pt>. Consultado a 26/06/2012.

COELHO, Jacinto do Prado (1992). *A originalidade da literatura portuguesa*. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa: Biblioteca Breve (Lisboa), v.1. ISSN 0871-5165.

CRUZ, Gastão (2008). *A vida da poesia: textos críticos reunidos*. Lisboa: Assírio & Alvim.

CURTIS, Amanda (2008). *Literatura and Tourism*. Indiana: Ball State University.

DIRECÇÃO REGIONAL DE ESTATÍSTICA (2011). *Análise dos principais resultados definitivos*. Disponível em <http://estatistica.gov-madeira.pt/>.

DIRECÇÃO REGIONAL DE ESTATÍSTICA (2012). *Estatísticas demográficas da Região Autónoma da Madeira 2010*. Disponível em <http://estatistica.gov-madeira.pt/>.

EMINESCU, Roxana (1983). *Novas coordenadas no Romance Português*. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa: Biblioteca Breve (Lisboa), v.74.

EUROPEAN TRAVEL COMMISSION (2005). *City Tourism & Culture – The European Experience*. Madrid: World Tourism Organization.

FINO, Carlos (2004). *funchal*. Porto: Campo das letras.

GIANNOTTI, Marco. (2003). *A imagem escrita*. ARS (São Paulo), 1(1), 91-115.

GUIMARÃES, Fernando (1989). *A Poesia Contemporânea Portuguesa e o fim da Modernidade*. Lisboa: Editorial Caminho.

HEELAN, Charis Atlas (2004). *Loved the Book? Go There, Literally, with a Literary Tour*. Disponível em <http://www.frommers.com/articles/2523.html>. Consultado a 10/06/2012.

HENRIQUES, Cláudia, QUINTEIRO, Sílvia (2011). *O turismo literário. Olhão sob a perspectiva de João Lúcio*. Documento apresentado na Internation Conference on Turism & Management Studies, *Books of proceedings*, v.1. 600-608. Algarve.

HERBERT, David (2001). Literary places, Tourism and the heritage experience. *Annals of Tourism Research*, vol.28, n.2, 312–333. Great Britain: Elsevier Science.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (2012). *Contas Nacionais Trimestrais :2º trimestre de 2012*. Disponível em <http://www.ine.pt/>.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (2012). *Estimativas de Emprego – Estimativa Rápida: 2º trimestre de 2012*. Disponível em <http://www.ine.pt/>.

JAMIESON, Walter (2000). *The Challenges of Sustainable Community Cultural Heritage Tourism*. Discurso apresentado no UNESCO Workshop on Culture, Heritage Management and Tourism in Bhaktapur, Nepal, 9 de Abril.

JORGE, João Miguel Fernandes (2002). *Funchal em Fundo*. Lisboa: Asa Editores.

LOPES, Óscar, SARAIVA, A. J. (2010). *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora. 17º ed.

LOPES, Paula Cristina (2010). *Literatura e linguagem literária*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/>. Consultado a 08/06/2012.

LUCAS, I. e ALEXANDRINO, P. (2000). *Viagens com Garret*. Lisboa: Círculo de Leitores.

MACHADO, Álvaro Manuel (1986). *A Geração de 70 – Uma revolução cultural e literária*. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa: Biblioteca Breve (Lisboa), v.4.

MARTELO, Rosa Maria (1999). Anos noventa: Breve roteiro da novíssima poesia portuguesa. In *Via atlântica* n.3, Dez., 224-236.

MARTINHO, Ana Maria Mão-de-Ferro (2004). Literatura e língua literária. In *Revista Camões*, N.1 (Maio-Junho), 14-19. Lisboa: Instituto Camões.

MARTINHO, Fernando J. B. (1991). *Pessoa e a Moderna Poesia Portuguesa [Do Orpheu a 1960]*. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa: Biblioteca Breve (Lisboa), v.82.

MARTINS, Adriana Alves de Paula (2002). *A Literatura Portuguesa Contemporânea enquanto Descoberta da Memória da Nação*. Consultado a 30 de Abril, 2012, disponível na [World Wide Web](http://z3950.crb.ucp.pt/Biblioteca/rotas/rotas/adriana%20martins%20183a203%20p.pdf) em: <http://z3950.crb.ucp.pt/Biblioteca/rotas/rotas/adriana%20martins%20183a203%20p.pdf>

MARTINS, Luís Saldanha (2011). *Os guias de viagem, a cartografia e os fundamentos do turismo*. IV Simpósio LusoBrasileiro de Cartografia Histórica, Porto.

MASSAGLI, Sérgio Roberto (2010). Do tempo ao espaço e da escrita à imagem: a espacialização da linguagem na poesia visual. *Estudos linguísticos* (São Paulo), 39 (1), 1108-1123.

MATEUS, Isabel Maria Fidalgo (2009). *Viajar Com Miguel Torga em Portugal. VEREDAS II*. Santiago de Compostela: Instituto Camões Portugal.

MCKERCHER, Bob, DU CROS, Hilary (2002). *Cultural Tourism: The Partnership Between Tourism and Cultural Heritage Management*. Binghamton: The Hawort Hospitality Press. ISBN 0-7890-1105-0.

MENDES, Ana Paula Coutinho (2002). Da referência em alguma poesia contemporânea: estrutura de horizonte e identidade relacional. In *Cadernos de Leitura Comparada 5: Contextos de Modernidade*, 9-39. Porto: Granito/Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa.

MENDES, Maria Cristina Gomes (2007). *Na senda Estética e Poética dos Itinerários Turísticos e Literários: O Vale do Lima*. Aveiro: Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial, Universidade de Aveiro. Dissertação de Mestrado.

MENDONÇA, José Tolentino (2006). *A noite abre os meus olhos : poesia reunida*. Lisboa: Assírio & Alvim.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (1992). *Homenagem a Eduardo Lourenço (Colectânea de estudos)*. Lisboa: Ministério da Educação. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

MONIZ, Ana Isabel, FALCÃO, Ana Margarida, COELHO, Leonor Martins, SANTOS, Thierry Proença dos (2011). *Funchal (d)Escrito*. Vila Nova de Gaia: 7 Dias 6 Noites.

MOUTINHO, José Viale (2003). *Saudades da Ilha – Evocações Poéticas da Ilha da Madeira*. Porto: Edições ASA.

NEMÉSIO, Vitorino (1978). *Portugal, a terra e o homem : antologia de textos de escritores dos séculos XIX-XX*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

NEPOMUCENO, Rui (2008). *A Madeira vista por escritores portugueses (séculos XIX e XX)*. Funchal: Funchal 500 anos.

PALMA-FERREIRA, João (1981). *Do pícaro na literatura portuguesa*. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa: Biblioteca Breve (Lisboa), v.59.

PAULA, Maria Henrique Dias de (2006). *O Lirismo ficcional e amoroso em Maria do Rosário Pedreira*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado.

PEDROSA, Celia, ALVES, Ida Maria Santos Ferreira (2008). *Subjectividades em devir: Estudos de poesia moderna e contemporânea*. Rio de Janeiro: 7 Letras.336p. ISBN 978-85-7577-524-0.

PIMENTEL, Diana (2006). *Pontos Luminosos – Açores e Madeira, Antologia de Poesia do Século XX*. Porto: Campo das Letras.

PIMENTEL, Diana (2010). “fnc_mapa poético”. *Arquitectura Coam*, 361, 84-85.

PIRES, Maria da Natividade, REIS, Carlos (1993). *História Crítica da Literatura Portuguesa [O Romantismo]*. Lisboa: Verbo.

PRAGER, Brad (2007). *Aesthetic Vision and German Romanticism: Writing Images*. Nova Iorque: Camden House.

QUEIROZ, Ana Isabel (2010). *Convite para as paisagens literárias urbanas*. Próximo Futuro (Fundação Calouste Gulbenkian).

RAHDE, Maria Beatriz Furtado (2000). *Imagem. Estética Moderna & Pós-Moderna*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

REIS, Carlos (1997). *O Conhecimento da Literatura: Introdução aos Estudos Literários*. Coimbra: Almedina. 2º ed.

REIS, Carlos (1998). Trajectos e sentidos da ficção portuguesa contemporânea. In *Revista Camões*, N.1 (Maio-Junho), 31-39. Lisboa: Instituto de Camões.

ROANI, Gerson Luiz (2004). Sob o vermelho dos cravos de Abril – Literatura e revolução no Portugal Contemporâneo. In *Revista Letras*, n. 64 (Set-Dez), 15-32. Curitiba: UFPR.

SÁ, Maria das Graças Moreira de (1986). *Guilherme de Azevedo na Geração de 70*. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa: Biblioteca Breve (Lisboa), v.109.

SARDO, Anabela (2008). Turismo Literário: Uma forma de valorização do património e da cultura locais. *EGITANIA SCIENCIA*, n.2, 75-96. Guarda: Instituto Politécnico da Guarda.

SCHMIDT, Simone Pereira (2000). *Gênero e história no romance português: novos sujeitos na cena contemporânea*. Porto Alegre: EDIPUCRS. Coleção Memória das Letras, 4. 215p.

SEGRE, Cesare (1999). *Introdução à análise do texto literário*. Lisboa: Editorial Estampa.

SILVA, Maria Augusta (2004). Entrevista ao escritor Gonçalo M. Tavares. Disponível em http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content_id=591683&page=-1. Consultado em 24/05/2012.

SIMÕES, João Gaspar (1976). *Perspectiva Histórica da Poesia Portuguesa*. Lisboa: Brasília Editora.

STIERLE, Karlheinz (2008) - *Existe uma linguagem poética? ; Seguido de obra e intertextualidade*. 1ª ed. Vila Nova de Famalicão : Quasi.

TEIXEIRA, Mónica (2005). *Tendências da literatura na Ilha da Madeira nos séculos XIX e XX*. Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico.

THEOBALD, William F. (2005). *Global Tourism* (3º ed). Burlington: Elsevier Science. ISBN 0-7506-7789-9.

TODOROV, Tzvetan (1981). *Os géneros do discurso*. Lisboa : Edições 70. 333p.

TONINI, Giampaolo (2001). *Poeti Contemporanei dell'Isola di Madera*. Veneza: Centro Internazionale Della Grafica Di Venezia.

TORGA, Miguel (1980). *Portugal*. Coimbra: Gráfica de Coimbra.

UTÉZA, Francis (1983). *A Literatura Portuguesa actual*. Disponível em: <http://worldroom.wordpress.com/2007/11/19/a-literatura-portuguesa-actual/>. Consultado a 12/05/2012.

WILSON, David C. y JARZABKOWSKI, Paula. “Pensando e agindo estrategicamente: novos desafios para a análise estratégica”. *RAE - Revista de Administração de Empresas*. Disponível em <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=155117781002>.

Sítios na *World Wide Web*:

<http://www.priberam.pt/dlpo>. Consultado a 09/03/2012.

<http://www.icomos.org/tourism/>. Consultado a 03/05/2012.

<http://www.turismodeportugal.pt/> Consultado a 23/06/2012.

<http://www.asta.org/>. Consultado a 25/05/2012.

<http://myblogs.informa.com/jvc/2012/02/07/%E2%80%9Ccan-you-show-me-the-places%E2%80%9D-dickens-2012-and-literary-tourism/>. Consultado a 25/05/2012

<http://media.unwto.org/en/content/understanding-tourism-basic-glossary>. Consultado a 05/05/2012

<http://www.feq.pt/>. Consultado a 17/05/2012.

<http://passeiosliterarios.com/>. Consultado a 22/06/2012.

<http://www.cm-rpena.pt>. Consultado a 05/08/2012.

Índice onomástico

Alexandre Herculano.....	11, 20
Ângela Varela.....	84, 85, 133, 145
António Lobo Antunes.....	14, 15
Azevedo.....	56, 158
Bridi.....	16
Cabral do Nascimento.....	91, 144
Camilo Castelo Branco.....	12, 58, 143, 144, 153
Campalto.....	36, 39, 47, 48, 50
Caporarello.....	28
Carlos Reis.....	9, 12, 15, 16
Castro.....	22, 33, 36, 37, 58, 61, 152
Cesare Segre.....	20
Curtis.....	38, 40, 49
Diana Pimentel.....	63
Direcção Regional de Estatística.....	70, 71, 72, 73, 74, 75, 77
du Cros.....	29
Edmundo Bettencourt.....	90, 91, 138, 143, 145
Eminescu.....	16, 17
Enstice.....	41
<i>European Travel Commission</i>	28
Fernando Pessoa.....	12, 15, 21, 56

A Ilha da Madeira pela mão dos seus poetas – Construção de um roteiro literário,

João Filipe Ribeiro de Abreu

Índice onomástico

Fino	32, 66, 86, 87, 94, 99, 104, 133, 137, 141
Gastão Cruz	19, 21
Gerson Roani	13
Giannotti	41, 45
Guimarães	22
Herber	48
Herbert	35, 47
Herberto Helder	25, 65, 82, 92, 145
Horácio Bento Gouveia	74
Irene Lucília	65, 94, 99, 132, 135, 139, 143
João Carlos Abreu	83, 140, 144
João Miguel Fernandes Jorge	66, 95, 96, 115, 124, 125, 146
José Agostinho Baptista	65, 94, 95, 96, 97, 100, 106, 109, 118, 122, 125, 126, 127, 129, 130, 134, 136, 140, 142
José António Gonçalves	88, 89, 131, 136, 141
José de Sainz-Trueva	94, 103, 146
José Saramago	15, 56, 59
José Tolentino Mendonça	65, 82, 94, 95, 103, 105, 113, 118, 122, 142
Karlheinz Stierle	19, 20
Leiper	28
Lopes e Saraiva	7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 23, 24
Maria Lamas	67
Maria Vitalina Leal de Matos	8
Marsh	35
Martinho	8, 13, 16, 17, 22, 23, 25, 26, 141

A Ilha da Madeira pela mão dos seus poetas – Construção de um roteiro literário,

João Filipe Ribeiro de Abreu

Índice onomástico

Martins	14, 21, 37, 144, 152
Massagli	45
McKercher.....	29
Melo e Castro	24
Mendes	21, 39, 42, 43, 44, 45, 81
Miguel Torga.....	13, 59, 156
Mike Robison	32
Mónica Teixeira	65
Moniz	68, 69, 74, 96, 125
Nepomuceno.....	67, 71
Oliver Rolin.....	42
Paul Valery.....	41
Peter Burns	29
Peter Debrine.....	30
Prager	44, 45
Queiroz.....	42, 43, 44, 57
Quinteiro.....	32, 38
Rahde.....	43, 44
Reis e Pires	11
Robison.....	33, 34
Rosa Maria Martelo.....	26
Rui Miguel Mesquita.....	19
Saraiva e Lopes	11, 19
Sardo.....	31, 33, 34, 35, 37, 48, 50

A Ilha da Madeira pela mão dos seus poetas – Construção de um roteiro literário,

João Filipe Ribeiro de Abreu

Índice onomástico

Silva.....	7, 10
Simões	22, 23
Teófilo de Braga.....	6, 7
Theobald.....	27, 28
Thibault-Laulan	44
Tzvetan Todorov	9
Viale Moutinho.....	65, 86, 94, 97, 143
Vilches.....	43
Vitorino Nemésio	60
Walter Jamieson	30